

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CENTRO DE CIÊNCIAS DA VIDA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
EM PSICOLOGIA

ANNELISE KLETTENBERG PORTO

CONCEPÇÕES DE ADOLESCÊNCIA: UM ESTUDO SOBRE ADOLESCENTES DE
DIFERENTES TIPOS DE ESCOLAS

CAMPINAS

2022

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CENTRO DE CIÊNCIAS DA VIDA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
EM PSICOLOGIA

ANNELISE KLETTENBERG PORTO

**CONCEPÇÕES DE ADOLESCÊNCIA: UM ESTUDO SOBRE ADOLESCENTES DE
DIFERENTES TIPOS DE ESCOLAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Psicologia do Centro de Ciências da Vida – PUC Campinas, como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Professora Doutora Letícia Lovato Dellazzana-Zanon

CAMPINAS

2022

Ficha catalográfica elaborada por Vanessa da Silveira CRB 8/8423
Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI - PUC-Campinas

155.5
P853c

Porto, Annelise Klettenberg

Concepções de adolescência: um estudo sobre adolescentes de diferentes tipos de escolas / Annelise Klettenberg Porto. - Campinas: PUC-Campinas, 2022.

137 f.: il.

Orientador: Leticia Lovato Dellazzana Zanon.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2022.

Inclui bibliografia.

1. Psicologia do adolescente. 2. Estudantes do ensino fundamental. 3. Classes sociais. I. Zanon, Leticia Lovato Dellazzana. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências da Vida. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

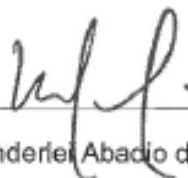
CDD 22. ed. 155.5

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPIINAS
CENTRO DE CIÊNCIAS DA VIDA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM PSICOLOGIA
ANNELISE KLETTENBERG PORTO
CONCEPÇÕES DE ADOLESCÊNCIA: UM ESTUDO SOBRE ADOLESCENTES DE
DIFERENTES TIPOS DE ESCOLA

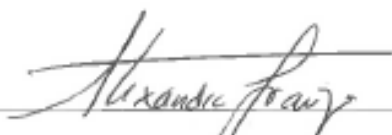
Dissertação defendida e aprovada em 22 de fevereiro de
2022 pela Comissão Examinadora.



Profª. Drª. Leticia Lovato Dellazzana-Zanon
Orientadora da Dissertação e Presidente da Comissão
Examinadora.
Pontifícia Católica de Campinas (PUC-Campinas).



Prof. Dr. Wanderlei Abadio de Oliveira
Pontifícia Católica de Campinas (PUC-Campinas).



Profª. Drª. Alexandra Maria Dantas Castro Araújo Mendes
Universidade Portocalense (UPT).

Dedico esta dissertação ao meu amado esposo, que sempre me incentiva e me apoia, meu companheiro de vida. Ao meu pai, que me ensinou a amar os estudos e o conhecimento e sempre me apoiou. À minha mãe (*in memoriam*) que me ensinou a ser forte, a nunca desistir e a amar a vida.

Agradecimentos

À Deus, primeiramente, que é minha fortaleza, meu refúgio e consolo, somente Nele eu tenho forças, tranquilidade e certeza das conquistas na minha vida.

À minha orientadora, Prof.^a Dr.^a. Letícia Lovato Dellazzana-Zanon, pela paciência, competência, disponibilidade e amor por ensinar. Tenho a Dr.^a. Letícia como um exemplo a seguir, como ser humano, mãe e profissional.

Aos professores integrantes da Banca Prof.^a Dr.^a Alexandra Araújo e Prof.^o Dr.^o Wanderlei Abadio de Oliveira, pela disponibilidade e por compartilhar seus conhecimentos e contribuições para a melhora desta dissertação.

Ao meu amigo Carlos Henrique da Silva, que entrou junto comigo nesta batalha do mestrado e sempre esteve disposto a ajudar e dar apoio.

Aos colegas do meu grupo de pesquisa, que sempre demonstraram interesse em ajudar e quando eu precisei se movimentaram para não me desamparar.

Às novas amigas, pessoas que reforçaram o meu pensamento de que a vida vale a pena, especialmente minhas amigas Rosana Fanucci e Mariane Gama Oliveira.

À minha amiga Klebiane Januzzi, que aguentou minhas reclamações e me apoiou nos momentos que eu estava cansada.

À minha tia Noeli Garcia, que sempre acreditou em mim e nunca me deixou desistir, que me escuta com paciência e me orienta quando eu necessito.

Ao meu pai, que entendeu meus momentos de afastamento, me apoio e me incentivou em todos os momentos.

Ao meu esposo, pela paciência, dedicação e por acreditar em mim, pelo amor e companheirismo e, principalmente, por não me deixar desistir quando eu tinha vontade.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e tecnológico -Brasil (CNPq), o presente trabalho foi realizado com o apoio CNPq.

“A interpretação é o que dói, não o ato em si”.

(Aaron Beck)

*“A neve e as tempestades matam as flores, mas
nada podem contra as sementes”.*

(Khalil Gibran)

Porto, Annelise K. *Concepções de adolescência: Um estudo sobre adolescentes de diferentes tipos de escolas*. 2022. 137f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciência da Vida. Programa de Pós-graduação em Psicologia, Campinas, 2022.

Resumo

A concepção da adolescência é um constructo social que se instalou como um ritual de transição da infância para a vida adulta, o qual pode desencadear comportamentos de risco no adolescente. Por outro lado, a adolescência pode ser vivida sem muitos problemas dependendo do contexto em que o adolescente está inserido. As concepções que os adolescentes têm sobre o que é a adolescência podem guiar as expectativas que eles têm deles mesmos e a forma como eles se comportam durante essa fase do desenvolvimento. O Brasil é um país diversificado cultural e socioeconomicamente, portanto, pode-se pensar que as concepções sobre a adolescência de um adolescente de escola pública sejam diferentes das de um adolescente de escola particular. Essas concepções podem intervir no desenvolvimento, tornando o comportamento do adolescente respostas para as expectativas sociais negativas. Portanto, o objetivo deste estudo foi investigar as diferenças entre as concepções de adolescência de estudantes de escolas particular e pública. Para isso, foi realizado um estudo qualitativo exploratório, no qual participaram 52 adolescentes, estudantes do Ensino Fundamental II. Os participantes foram divididos em dois grupos, 33 estudantes de três escolas públicas e 24 estudantes de uma escola particular, de três cidades do interior do estado de São Paulo. Para a coleta de dados, foi utilizado o Questionários de Dados Sociodemográficos, o Questionário de Critério de Classificação Econômica Brasil, o Questionário Aberto sobre Concepções de Adolescentes e a Entrevista Semiestruturada sobre Concepções de Adolescentes. Os dados do Questionário Aberto foram analisados por meio de análise de conteúdo categorial e os da Entrevista Semiestruturada foram analisados por meio de análise temática. Os resultados deste

estudo demonstraram que todos os adolescentes perceberam que as características corporais são padrões na adolescência. O desenvolvimento cerebral foi citado como uma característica que se manifesta em todos os adolescentes, porém, as capacidades despertadas podem ser diferentes entre o sexo feminino e masculino. Os resultados indicaram algumas diferenças no desenvolvimento emocional, tanto em relação ao tipo de escola quanto ao gênero: os adolescentes de escolas pública mencionaram mais extroversão, os de escola particular mais introversão e as participantes de ambas as escolas mencionaram a timidez. O desenvolvimento social foi percebido de forma mais ativa pelos participantes do sexo masculino, de escolas públicas. Os resultados também mostraram que as origens das concepções de adolescência dos adolescentes são fruto de experiências que são contadas para eles por pessoas mais velhas, como os pais ou irmãos. Por fim, os resultados indicaram que os participantes pensam que as oportunidades que a sociedade oferece para os adolescentes de escolas particulares são diferentes das oferecidas para os de escolas públicas e que essa diferença pode influenciar na percepção que o adolescente tem sobre a concepção de adolescência.

Palavras-chave: desenvolvimento do adolescente; estudantes de ensino fundamental; classe social.

Porto, Annelise K. *Conceptions of adolescents: A study on receptions in different types of schools*. 2022. 137f. Dissertation (Master's in Psychology) Pontifical Catholic University of Campinas, Center for Life Sciences. Postgraduate Program in Psychology, Campinas, 2022.

Abstract

The conception of adolescence is a social construct that has established itself as a transition ritual from childhood to adulthood, which can trigger risky behaviors in adolescents. On the other hand, adolescence can be lived without many problems depending on the context in which the teenager is inserted. The conceptions that adolescents have about what adolescence is can guide the expectations they have of themselves and the way they behave during this phase of development. Brazil is a culturally and socioeconomically diverse country, therefore, it can be thought that the conceptions of adolescence of a teenager in a public school are different from those of a teenager in a private school. These conceptions can intervene in development, making adolescent behavior responses to negative social expectations. Therefore, the aim of this study was to investigate the differences between the conceptions of adolescence of students from private and public schools. For this, an exploratory qualitative study was carried out, in which 52 teenagers, students of Elementary School II participated. Participants were divided into two groups, 33 students from three public schools and 24 students from a private school, from three cities in the interior of the state of São Paulo. For data collection, the Sociodemographic Data Questionnaire, the Brazil Economic Classification Criteria Questionnaire, the Open Questionnaire on Adolescent Conceptions and the Semi-structured Interview on Adolescent Conceptions were used. Data from the Open Questionnaire were analyzed using categorical content analysis and those from the Semi-structured Interview were analyzed using thematic analysis. The results of this study showed that all adolescents perceived that body characteristics are patterns in adolescence. Brain development was cited as a characteristic that is manifested in all adolescents, however, the abilities aroused may be

different between females and males. The results indicated some differences in emotional development, both in relation to the type of school and gender: adolescents from public schools mentioned more extroversion, those from private schools more introversion and participants from both schools mentioned shyness. Social development was more actively perceived by male participants from public schools. The results also showed that the origins of adolescents' conceptions of adolescence are the result of experiences that are told to them by older people, such as parents or siblings. Finally, the results indicated that the participants think that the opportunities that society offers to adolescents from private schools are different from those offered to those from public schools and that this difference can influence the perception that adolescents have about the conception of adolescence.

Keywords: adolescent development; elementary school students; social class.

Sumário

Apresentação.....	15
Introdução	17
Adolescência	22
Concepção de Adolescência em Diferentes Países	29
Concepção de Adolescência no Brasil	33
Justificativa e Objetivos	37
Expectativas de Resultados	38
Método	40
Delineamento	40
Participantes	40
Instrumentos.....	44
Procedimentos de Coleta de Dados.....	46
Procedimentos de Análise dos Dados	49
Considerações Éticas.....	50
Resultados e Discussão	52
Dados Sociodemográficos e Econômicos	52
Análise dos Dados do Questionário Aberto sobre Concepções de Adolescentes.....	54
Aspectos Positivos	56
Aspectos Negativos.....	58
Aspectos da Puberdade	60
Outros Aspectos	61
Resultados da Entrevista Semiestruturada sobre Concepções de Adolescentes	62
Características (típicas) Gerais da Adolescência	63

Relacionamentos Afetivos	66
Problemas Associados à Adolescência	67
Origem da Concepção sobre Adolescência.....	69
Marcadores de Diferenças entre Adolescências.....	70
Síntese dos Resultados e Discussão	72
Dados Sociodemográficos e Econômicos	72
Dados do Questionário Aberto sobre Concepções de Adolescentes.....	73
Dados da Entrevista Semiestruturada sobre Concepções de Adolescentes	83
Considerações Finais	93
Referências.....	98
Apêndices.....	108
Anexos	126

Lista de Tabelas

Tabela 1: Descrição dos participantes	41
Tabela 2: Descrição dos participantes das entrevistas	44
Tabela 3: Características sociodemográficas dos participantes	52
Tabela 4: Mapa temático da análise temática	62

Apresentação

O interesse para a realização deste estudo surgiu mediante preocupação gerada durante os atendimentos de psicoterapia com adolescentes, em consultório particular, onde observei vários casos de falta de empatia e compreensão com os adolescentes, por parte dos pais, dos familiares e dos professores. Como uma consequência dessas dificuldades, os adolescentes não sabiam como enfrentar os problemas do seu cotidiano. Meu primeiro paciente na faculdade, no estágio, foi um adolescente diagnosticado com ansiedade social. A partir desse momento, eu percebi o quanto o adolescente precisa ser escutado e compreendido pelas pessoas da sua convivência para que consiga apoio na fase considerada mais difícil do desenvolvimento.

Ao graduar-me, comecei o curso de especialização em Terapia Cognitivo-Comportamental e, ao mesmo tempo, entrei para um programa de aperfeiçoamento em Psicologia Clínica. Durante os atendimentos, nesse período, comecei a receber muita procura de adolescentes que foram indicados para atendimento comigo. Então, comecei a pesquisar e ler cada vez mais sobre essa fase do desenvolvimento. Quanto mais eu atendia esses adolescentes e estudava, mais intrigada e incomodada eu ficava. Os adolescentes não tinham comportamentos de risco e rebeldia, como a mídia e o senso comum esperam deles: eles apenas tentavam expressar suas opiniões sobre a própria vida.

Especializei-me em Psicoterapia Sexual e Psicoterapia de Casal e Família, o que me ajudou a orientar os adolescentes sobre assuntos que eles tinham medo de perguntar e ter uma visão mais sistêmica do cotidiano desses adolescentes. Em seguida, senti necessidade e comecei um movimento para buscar mais informações para intervenções eficazes com essa demanda, o que resultou em um projeto de prevenção, um grupo para pais - chamado Educação Positiva - no qual realizei intervenções com os pais oferecendo reflexões e estratégias para o cuidado com os filhos, com um olhar de prevenção para o futuro emocional da criança, baseado no Programa de Qualidade na Interação Familiar (PQIF) (Weber et al., 2018).

O desejo pela pesquisa sobre adolescência foi crescendo enquanto eu notava que existem diferenças na passagem pela adolescência, dependendo do ambiente em que se vive. Então, resolvi ingressar no Mestrado construí um projeto de dissertação com o objetivo de pesquisar as concepções de adolescência no Brasil em tipos de escolas diferentes. Portanto, acredito que este estudo é de extrema importância. Por meio desta pesquisa busco conhecer melhor sobre o comportamento do adolescente baseado nos paradigmas criados socialmente. Espero alcançar um objetivo de desencadear um incômodo na sociedade científica, para que outras pesquisas sejam realizadas com o intuito de desmistificar a adolescência. Ainda mantenho atendimento clínico com adolescentes, mas gostaria de fazer mais por eles. Espero que, por meio deste estudo, mais psicólogos clínicos possam esclarecer algumas lacunas sobre a concepção da adolescência e obter uma mudança de olhar para o adolescente, considerando que o senso comum de concepção de adolescência tempestuosa já está impregnado nos consultórios de psicologia.

Introdução

A adolescência foi intitulada como um marco do desenvolvimento humano em meados dos anos 1970, quando foi caracterizada como um processo de busca de identidade e de confusão de papéis, que simboliza a transição entre a vida infantil e a vida adulta (Erikson, 1972/1976). Devido à confusão física e psíquica própria desse período, torna-se difícil entender a complexidade emocional na adolescência, que pode ser um período vulnerável de demonstração de comportamentos emocionais negativos (Qu et al., 2020). Porém, essa fase pode ser vivida sem muitos problemas, dependendo do contexto em que o adolescente está inserido (Papalia & Feldman, 2013).

Não se pode ignorar as mudanças biológicas do desenvolvimento na adolescência, que parecem contribuir para alguns comportamentos negativos (Andrade et al., 2018), mas as construções sociais também são de suma importância para o desenvolvimento de características tempestuosas. Entretanto, deve-se distinguir que a biologia humana não interfere na subjetividade social, no sentido de quebrar o paradigma de que os comportamentos do adolescente são exclusivos das mudanças biológicas (Ozella & Aguiar, 2008; Qu et al., 2016).

De acordo com Bock (2007), a concepção de adolescência estabelecida pela sociedade induz ao erro de não pesquisar o desenvolvimento genuíno da adolescência. Essa concepção recai nas características generalizadas da adolescência, como rebeldia, estresse e comportamentos de risco. Nessa perspectiva, a relação com a sociedade é pensada apenas como uma interferência sutil na fase do desenvolvimento, ou seja, interfere, mas não faz parte do processo (Bock, 2007).

Para Gross e Hardin (2007)¹, as concepções sobre a adolescência são percebidas pela sociedade com um viés do senso comum, o qual responsabiliza as mudanças biológicas pelo comportamento negativo do adolescente. É compreensível que os adolescentes demonstrem maior vulnerabilidade emocional, de acordo com essa fase do desenvolvimento. Por outro lado, a própria sociedade parece observar apenas esses problemas, sem avaliar os pontos positivos (Gross & Hardin, 2007) desse período. Nesse sentido, existe a possibilidade de que as tendências problemáticas não sejam causadas pelos adolescentes, mas pela forma como a sociedade os enxerga (Buchanan & Hughes, 2009; Gross & Hardin, 2007).

Uma perspectiva que afeta a concepção de adolescência são as normas sociais de sexo. Por mais que existem muitas discussões, a diferença de sexo é perceptível e não é diferente na adolescência. As concepções sobre sexo masculino e feminino interferem na maneira como o adolescente é tratado pela sociedade, muitas vezes com regras que determinam os comportamentos de sexo feminino e masculino (Greene & Patton, 2020). Para o sexo feminino, espera-se delicadeza, comportamentos controlados e com pouca rebeldia, maior engajamento escolar e nos afazeres domésticos e maior controle no comportamento sexual. Em contrapartida, para o sexo masculino, as normas sociais impõem maior foco no mercado de trabalho, espera-se maior rebeldia e os comportamentos sexuais são aceitos. Assim como em qualquer idade, a diferença de sexo na adolescência é demarcada sobre o que são coisas do sexo feminino e o que são coisas do sexo masculino (Greene & Patton, 2020; Traverso-Yépez & Pinheiro, 2005). A concepção de adolescência se dá por meio de padrões sociais, que determinam que uma menina adolescente é diferente de um menino adolescente (Carvalho & Melo, 2019).

¹ Este estudo foi formatado nas normas da *American Psychological Association* (APA), 7 ed.

Buchanan e Bruton (2018) argumentam que a descrição feita pela sociedade sobre a adolescência é imprecisa e muito prejudicial para os adolescentes. Outro problema é que o senso comum também acredita que a adolescência problemática é importante para um desenvolvimento normal ou saudável, pois por meio dos conflitos o adolescente supostamente aprende a enfrentar seus problemas. Essa questão é infundada e pode acarretar problemas de saúde mental no futuro dos adolescentes (Buchanan & Bruton, 2018). De acordo com esses autores, apesar de existir um senso comum sobre o estereótipo da adolescência, não existe nenhuma evidência científica que comprove que essas ideias sobre o comportamento do adolescente são algo além de puro rótulo.

A questão discutida por Buchanan e Bruton (2018) é que muitos comportamentos que são considerados de risco na adolescência, como relacionamento sexual e uso de bebida alcoólica, são considerados aceitáveis e até valorizáveis para os adultos. Isso significa que a sociedade tem muita influência no comportamento do adolescente, encorajando-o a seguir os exemplos dos adultos e confirmando as expectativas da sociedade. Outro ponto a ser considerado é que a maioria dos adolescentes, assim como os adultos, passam por dias difíceis e outros dias melhores, portanto os problemas emocionais não são exclusivos da adolescência e nem podem ser considerados características de tempestade² e estresse (Buchanan & Bruton, 2018).

Segundo Qu et al. (2020), uma visão social negativa sobre regulação emocional dos adolescentes pode influenciá-los a não se preocupar em controlar as emoções, produzindo comportamentos agressivos e exagerados. Como consequência, os adolescentes que não têm controle emocional podem ter dificuldades para se envolver na sociedade, reforçando a

² O termo Tempestade é utilizado para se referir a uma fase do desenvolvimento turbulenta, caracterizada por intensas flutuações emocionais e comportamentais (Buchanan & Bruton, 2018).

concepção de que a adolescência é tempestuosa e difícil. Quando os adolescentes acreditam que a adolescência é instável e complicada, podem exercer menos esforços para controlar suas emoções e seus comportamentos (Qu et al., 2020).

Outro fator que aumenta a instabilidade emocional na adolescência é a preparação para a vida adulta, que ocorre por meio da busca da individualização dos pais e do foco nos pares. Além disso, o adulto também tem dificuldade de lidar com a complexidade do adolescente, por não saber como agir diante das mudanças que ocorrem nessa fase do desenvolvimento (Buchanan & Hughes, 2009; Qu et al., 2016). Uma explicação para o afastamento entre pais e filhos na adolescência é que nessa fase as oportunidades sociais aumentam, o que ocupa mais tempo do adolescente (Buchanan & Bruton, 2018). Isso não quer dizer que o adolescente não queira estar próximo da família: a maioria dos adolescentes tem prazer de estar perto da família e mantém o diálogo positivo e aberto com seus responsáveis (Buchanan & Bruton, 2018). O estereótipo criado pela sociedade sobre a adolescência envolve a rebeldia em relação aos pais é desbancada quando os próprios adolescentes afirmam que entendem os limites dos pais: as críticas que os adolescentes levantam são focadas no preconceito que a sociedade tem em relação à adolescência (Ozella & Aguiar, 2008) e, quando o adolescente resolve se impor contra os paradigmas sociais, é rotulado de rebelde.

O adolescente busca se posicionar e reivindicar seus direitos e deveres, em um processo de descobrimento individual e coletivo, projetando suas atitudes para um futuro sonhado (Ribeiro & Rocha, 2017). Para Ribeiro e Rocha, a convivência do adolescente com pessoas do seu meio de convívio, pais, irmãos, professores, vizinhos e amigos, tem conexões decisivas para suas escolhas e motivações. Ainda para esses autores, o fato dessa fase do desenvolvimento ser de insegurança e descobrimento, leva o adolescente a procurar respostas constantemente na sociedade, que, muitas vezes, não está apta para atendê-lo. O estigma da

adolescência que a sociedade generaliza, não isenta a própria sociedade da responsabilidade de ofertar ao adolescente possibilidades de desenvolvimento saudável, pois é o contexto em que o adolescente está inserido que reforça suas características individuais e sociais, escolhas e comportamentos (Ribeiro & Rocha, 2017). Ou seja, os padrões impregnados na sociedade são internalizados gerando comportamentos de acordo com as convicções sociais (Papalia & Feldman, 2013; Qu et al., 2020). Sendo assim, a questão que instigou este estudo foi: Qual é concepção de adolescência de adolescentes de tipos de escolas diferentes? Por meio desse questionamento, pretendeu-se entender como o contexto social, influencia as características comportamentais do adolescente.

Ressalta-se que o presente estudo foi desenvolvido em meio ao contexto pandêmico da COVID-19, durante os anos de 2020 e 2021. As medidas para evitar a propagação do vírus acarretaram o fechamento das escolas, que foi percebido de forma negativa pelos adolescentes. Isso ocorreu, pois o distanciamento social causou a interrupção da rotina escolar, o afastamento da vida social e dificultou o encontro com amigos. (Oliveira et al., 2020). Outras consequências negativas da pandemia na vida de adolescentes foram ocasionadas pelo cancelamento de ritos de passagens próprios dessa fase (Dellazzana-Zanon et al., 2020), como as primeiras viagens com amigos e os bailes de formatura (Branquinho et al. 2020).

A pandemia não teve impacto grande na saúde física do adolescente, mas acarretou problemas graves psicológicos e emocionais. Como resultado do impacto da pandemia pode-se citar a diminuição das habilidades sociais face a face, o adiamento de planos de futuro e projetos de vida, a falta de rotina e a dependência tecnológica (Branquinho et al., 2020). Por causa de todos os fatores citados, o distanciamento social tende a deixar os adolescentes mais ansiosos, deprimidos e com maior possibilidade de comportamentos de risco (Branquinho et al., 2020; Oliveira et al., 2020). Portanto entende-se que o desenvolvimento da adolescência

nesse período pode influenciar uma concepção de adolescência diferente de outros contextos (Ghosh et al. 2020). É importante levar em consideração que o isolamento social imposto, para prevenir a propagação do vírus Sars-CoV-2, pode desenvolver consequências psicológicas e percepções diferentes acerca da concepção da adolescência (Loades et al. 2020).

O presente estudo procura oferecer uma visão sobre as concepções da adolescência no Brasil. Neste estudo, entende-se a palavra concepção com o significado de operação mental para a elaboração de ideias e conceitos, um ponto de vista, expressão de uma opinião (Dicionário Online de Português, 2021). Portanto, o intuito foi investigar as diferenças entre as concepções de adolescências de tipos de escolas diferentes, pois essas diferenças podem impactar os comportamentos dos adolescentes. Para isso, inicialmente abordam-se os aspectos gerais sobre a adolescência, buscando contextualizar essa fase do desenvolvimento. Em seguida, discute-se sobre as concepções da adolescência em diferentes países, para embasar as expectativas de resultados de que as concepções da adolescência podem ser diferentes em diversas culturas. Após, descrevem-se as concepções da adolescência no Brasil, considerando a diversidade cultural e socioeconômica em que o país está inserido. A seguir, apresentam-se as justificativas e os objetivos desta pesquisa. Por fim, apresentam-se as expectativas de resultados que foram criadas antes da coleta de dados, para fins de comparação com os resultados obtidos ao final deste estudo.

Adolescência

A adolescência é um período de transição do desenvolvimento humano, durante o qual o indivíduo passa por mudanças biológicas, psicológicas e sociais (Eisenstein, 2005; Organização Pan-Americana da Saúde [OPAS], 2008). Não se pode negar que a adolescência é complexa e existem aspectos multifatoriais que influenciam em seu desenvolvimento como, por exemplo, o amadurecimento interno, por meio do crescimento ósseo, e o externo, por meio

do desenvolvimento social (Friedberg & McClure, 2019; Papalia & Feldman, 2013; Petersen & Wainer, 2011).

Os aspectos biológicos são considerados as transformações físicas e hormonais que são desencadeadas a partir de, aproximadamente, os 10 anos de idade. As meninas começam a desenvolver seios e pelos pubianos, inicia-se a menstruação e ocorre o estirão do crescimento. Os meninos também têm o crescimento acelerado: começa a surgir barba, pelos pubianos e inicia-se a ejaculação. A maior parte dessas mudanças ocorre em função das alterações hormonais que acontecem em ambos os sexos: estrogênio para as meninas e androgênio para os meninos (OPAS, 2008; Papalia & Feldman, 2013).

A Organização Mundial de Saúde (OMS) e a OPAS, definem que a adolescência ocorre entre 10 e 19 anos (OPAS, 2008). No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) considera a adolescência como o período dos 12 aos 18 anos de idade (Lei Nº 8.069, de 13 de Julho de 1990). Essa faixa etária se configura com a fase escolar do Ensino Fundamental II, no início da adolescência e o final do Ensino Médio, como encerramento dessa fase do desenvolvimento (Ministério da Educação, 2009).

Segundo a OPAS, apesar das definições quanto ao que é considerado adolescência do ponto de vista cronológico, não se pode fixar um período de início e término dessa fase, pois esse período do desenvolvimento não tem uma estabilização de tempo. O termo adolescência significa amadurecer para a vida adulta (OPAS, 2008). Ou seja, é um processo de maturação, tanto física quanto social do desenvolvimento, o qual se inicia pelo amadurecimento corporal e se finda mediante a maturidade e responsabilidade social desenvolvida no processo de autodescobrimento e adequação para a vida adulta (Outeiral, 1994). Isso mostra que o período da adolescência é flexível e depende de maturação física e psíquica.

A partir da caracterização naturalista da adolescência, começou-se a introduzir a noção de características “normais” dessa fase do desenvolvimento, tais como: busca de identidade, aproximação dos pares, crise religiosa, evolução sexual e afastamento familiar (Levinsky, 1995; Qu et al., 2020). Nessa visão naturalista, a adolescência passou a ser percebida como uma fase semipatológica do desenvolvimento, na qual a ideia de tempestade vivida pelos adolescentes é algo sem socorro e apenas hormonal (Bock, 2007). Entretanto, é importante reforçar que a adolescência é uma construção da sociedade.

Em algumas sociedades primitivas, a adolescência não existe. Nessas sociedades, são realizados rituais de passagem entre a infância e a adultez (Levinsky, 1995). A concepção de adolescência é criada pela sociedade moderna, na qual os adultos estipulam uma fase do desenvolvimento com expectativas inequívocas, e os adolescente, sem clareza de seus comportamentos, segue essas expectativas sem questionar, pois já estão impostas pela sociedade (Bock, 2007). Entretanto, embora existam muitos livros para leigos rotulando os adolescentes como seres com características negativas e tempestuosas, evidências indicam que a adolescência não é um período de estresse e descontrole (e.g. Buchanan & Hughes, 2009; Qu et al., 2016).

Bock (2007) explica que a adolescência só se tornou problemática, a partir do momento em que os adultos deixaram de reconhecer o processo de transformação necessário para a vida adulta, tornando esse momento do desenvolvimento um período de conflitos e nada mais. A autora afirma que, se a adolescência é uma construção social, deixa de ser um período natural do desenvolvimento e a sociedade não consegue identificar o que é necessário para o adolescente se tornar um adulto. Apesar do adolescente possuir todas as condições psíquicas, cognitivas, afetivas, morais e fisiológicas para se inserir no mundo adulto, ele é impedido,

ficando na incerteza e na espera de assumir sua responsabilidade adulta, sem ter um rito de passagem que pode situá-lo em sua própria vida (Bock, 2007).

Ozella e Aguiar (2008) apontam para um fato interessante, que sugere que a concepção da adolescência é criada de acordo com a cultura e o ambiente. Na década de 1960, a adolescência era considerada um período no qual o adolescente tinha questionamentos construtivos, generosidade e criatividade. A concepção da adolescência, que compreende o adolescente como rebelde e tempestuoso, se estabeleceu a partir dos anos 1990. Diante disso, as concepções de adolescência, por meio das quais o adolescente é rotulado como alguém com quem é impossível de se conviver, impossibilita que ele seja ouvido, entendido e que tenha voz (Ozella & Aguiar, 2008).

Outra concepção sobre a adolescência é que o ser humano é constituído da relação dialética entre o social e a história, sendo ao mesmo tempo único e influenciado historicamente. Nesse conceito, a adolescência não é ignorada, mas é fruto de representação histórica e social (Ozella & Aguiar, 2008). Quando a adolescência é definida como social e histórica, Ozella e Aguiar (2008) defendem que se atribui interpretações baseadas em contextos marcados, que se tornam referências generalizadas. Ou seja, o adolescente não é natural, com qualidades e defeitos. Ele se torna um modelo construído. Assim, segundo Bock (2007), surge a dificuldade de concluir que, por não saber sua própria definição, o adolescente torna-se uma projeção da forma como o adulto o interpreta. Visto dessa forma, a adolescência é uma fase da vida que precisa ser superada e não desenvolvida, entendendo-se que é uma ‘fase negativa’ (Bock, 2007).

A questão é que a sociedade introjeta no adolescente características negativas, como se fossem naturais dele. Entretanto, essas características não passam de preconceitos criados pelo senso comum. Levanta-se a hipótese de que naturalizar essa fase do desenvolvimento com a

ideia de crise, possa servir para encobrir os reais conflitos vividos nesse período (Bock, 2007; Ozella & Aguiar, 2008).

Gross e Hardin (2007) têm uma explicação interessante para a fixação da concepção de adolescência ser tão impregnada: é que a sociedade tem hábitos culturais que fixam conceitos generalistas baseados em características externamente visíveis. Por exemplo, é fácil de reconhecer um adolescente apenas olhando para ele, assim os rótulos quanto ao que é ser adolescente são ativados mais rapidamente como significado social. Essas crenças sobre a adolescência geram expectativas focadas em características que não tem uma visão individual do adolescente (Gross & Hardin, 2007). Buchanan e Hughes (2009) consideram que as expectativas influenciam o comportamento posterior, ou seja, a ideia que é formada por um observador, seja falsa ou verdadeira, pode desencadear comportamentos reais, chamados de profecias autorrealizáveis. Mesmo que o adolescente demonstre características positivas, a percepção negativa exhibe apenas o que é esperado pela expectativa (Buchanan & Holmbeck, 1998; Buchanan & Hughes, 2009). Adolescentes que percebem a adolescência como negativa desconsideram esforços para ter comportamentos melhores, pois estão suscetíveis à indução da sociedade (Qu et al., 2018).

A concepção de profecia autorrealizável discutida por Buchanan e Hughes (2009) e Madon et al (2011) é uma ideia negativa falsa impregnada na sociedade, que desencadeia o seu cumprimento na pessoa alvo dessa ideia. Segundo Madon et al. para que a profecia autorrealizável seja concretizada, existem três eventos importantes: (a) há uma pessoa que observa a outra com uma ideia negativa sobre ela, (b) a pessoa observadora tem comportamentos que correspondem à sua ideia negativa e (c) a pessoa que é alvo começa a ter comportamentos que respondem ao comportamento da pessoa observadora. Assim, a profecia autorrealizável nada mais é do que a resposta de uma pessoa alvo que coincide com as

expectativas da pessoa observadora (Madon et al., 2011). Para exemplificar, a sociedade percebe o adolescente como rebelde e tempestuoso, então começa a tratá-lo com essa ideia falsa e o adolescente responde a esse tratamento por meio de seu comportamento, confirmando a ideia falsa impregnada na sociedade.

Assim como os rótulos sobre a adolescência incentivam o adolescente a negligenciar responsabilidades e assumir características negativas ou positivas, dependendo do contexto em que está inserido, eles corroboram o senso comum impregnado (Buchanan & Hughes, 2009; Qu et al., 2016). A concepção da adolescência afeta o adolescente cognitivamente por meio de acessibilidade à prontidão de informações e aplicabilidade da relevância do julgamento relativo ao preconceito (Gross & Hardin, 2007). Mesmo não sendo real, as expectativas das pessoas podem transferir-se para o adolescente, mudando as suas próprias expectativas, tornando-o menos resistente aos comportamentos esperados (Buchanan & Hughes, 2009; Qu et al., 2016). Nesse sentido, a sociedade pode influenciar o desenvolvimento do comportamento dos adolescentes, em parte, por meio de crenças sobre essa fase do desenvolvimento que são transmitidas para os jovens, e por meio de mídia e outros canais de comunicação que mostram a concepção da adolescência de acordo com a visão leiga da sociedade (Qu et al., 2016).

Para Dessen e Guedea (2005), a comunicação, por exemplo, é um aspecto muito relevante para desencadear uma concepção da adolescência, pois é por meio da comunicação que a pessoa estabelece o contato com o meio onde vive, gerando símbolos que norteiam o seu comportamento seguindo as regras implícitas e explícitas do ambiente. Essas regras são estímulos sociais que dão forma à bagagem psicológica, levando o adolescente a se comportar conforme o esperado pela sociedade (Dessen & Guedea, 2005). Para a sociedade norte-americana, por exemplo, a adolescência é concebida como um momento difícil, de rebeldia e

de conflitos com os pais, ideia que é amplamente transmitida pela mídia (Buchanan & Hughes, 2009; Qu et al., 2016).

Buchanan e Bruton (2018) afirmam que os adolescentes têm poucos comportamentos de risco e prejudiciais, mesmo que o senso comum insista em perceber a adolescência como uma fase de tempestade e conflitos. Os autores acrescentam que o problema está nos retratos que a mídia divulga da adolescência, que são frequentemente negativos. Esses retratos influenciam a sociedade como se fosse uma regra a ser seguida. Diante desse cenário, os responsáveis pelos adolescentes acreditam em uma adolescência fracassada e rebelde, internalizando e se conformando com esse estereótipo negativo e ignorando as características individuais do adolescente (Buchanan & Bruton, 2018).

Um fator que pode ajudar a manter esses comportamentos tempestuosos da adolescência, segundo Madon et al (2011), é a necessidade de pertencimento, de identidade e de manter um ambiente social previsível. Esse fator é considerado um autoconceito, no qual o adolescente responde às expectativas da sociedade, atingindo os adolescentes mais vulneráveis socialmente, pois, aqueles que têm uma identidade mais definida para si, defendem suas características. Outro fator que os autores acrescentam é que os adolescentes levam mais em consideração as informações negativas do que as positivas, porque entendem que essas informações podem ser consideradas uma forma de precaução ao perigo. Portanto, essa necessidade de pertencimento do adolescente e as informações negativas sobre a concepção da adolescência podem perpetuar ao longo do tempo, por meio do comportamento do adolescente que causa um efeito em magnitude passando essa ideia de geração em geração (Madon et al., 2011).

No que se refere às mudanças biológicas próprias da adolescência, o desenvolvimento neural pode ser considerado uma fase de oportunidades para o desenvolvimento de novas

habilidades, mas também um período de vulnerabilidades (Andrade et al., 2018). Por exemplo, a flexibilidade cognitiva causada pelo córtex pré-frontal pode induzir o adolescente a seguir as expectativas que são criadas pelas pessoas do seu convívio e pela mídia – tornando-o mais sensível às influências sociais e comportamentos de risco – mas, por outro lado, pode oferecer oportunidades de adequação e de comportamento positivos (Qu et al., 2018).

Qu et al (2020) questionam a percepção de que a adolescência é uma fase de instabilidade emocional, associada aos aspectos hormonais da puberdade. Segundo os autores a disfunção emocional não é um atributo inevitável e não é uma característica que atinge todos os adolescentes. A maior parte dos adolescentes não se encaixam no estereótipo da adolescência, o que comprova que é importante identificar quais são os fatores de risco e de proteção que podem afetar os comportamentos dos adolescentes (Qu et al., 2020).

Pessoas com níveis mais altos de educação têm uma visão mais negativa da adolescência, o que pode estar associado à facilidade de acesso a fontes de informação emitidas pelos meios de comunicação, para as quais a adolescência é percebida como uma fase envolvida por estresse e tempestades (Buchanan & Holmbeck, 1998). Assim, como a concepção da adolescência entre as culturas é diferente em cada país ou classe social, os adolescentes assumem caminhos distintos que influenciam essa fase do desenvolvimento (Qu et al., 2016).

Concepção de Adolescência em Diferentes Países

As características consideradas normais durante a adolescência não são universais, pois a sociedade na qual o adolescente está inserido não é igual em todos os lugares do mundo (Gross & Hardin, 2007). Resultados de pesquisas realizadas em diferentes países indicam que as concepções sobre adolescência são baseadas na cultura de cada categoria social (e.g. Buchanan & Hughes, 2009; Melsert & Bock, 2015; Ozella & Aguiar, 2008; Qu et al., 2016).

Por exemplo, a adolescência problemática observada entre adolescentes norte-americanos geralmente não é vista em países do oriente, apesar da pouca comprovação empírica e da pouca atenção sobre o motivo dessas diferenças (Buchanan & Hughes, 2009; Qu et al., 2016). Nos Estados Unidos os adolescentes são mais propensos a diminuir o engajamento escolar do que os da China, pois a sociedade oriental reforça o ato de estudar como honroso e incentiva a responsabilização do adolescente como forma de agradecimento aos pais (Qu et al., 2016).

Os norte-americanos acreditam que a adolescência é um período difícil da vida, que mantém mais comportamentos negativos do que positivos. Na realidade, apesar da adolescência ter um risco maior para comportamentos perigosos (como depressão e comportamentos de risco), a maioria dos adolescentes norte-americanos tem bons relacionamentos e comportamentos positivos (Buchanan & Hughes, 2009). Outros países da América, como Peru, Bolívia e Guatemala, que têm uma população mais empobrecida socioeconomicamente, têm uma concepção da adolescência como mais violenta, menos saudável, com comportamentos de risco como abuso de drogas (OPAS, 2008).

Qu et al. (2020) afirmam que a sociedade é muito impactante na vida dos adolescentes, por exemplo, a sociedade ocidental enfatiza a individualização não preparando o adolescente para manter um controle emocional. Já a sociedade oriental valoriza as experiências emocionais e tem o costume de incentivar o controle emocional e a harmonização social. Os autores exemplificam que a China, que tem uma cultura voltada para os aspectos positivos da adolescência, tem uma percepção de que a sociedade precisa se esforçar para promover o desenvolvimento positivo da adolescência, com a valorização da família e cumprimento de direitos e deveres. Mas existem cidades chinesas que são influenciadas pela sociedade ocidental norte-americana, e essa globalização afeta a percepção da sociedade sobre os adolescentes de forma negativa (Qu et al., 2020).

Gross e Hardin (2007) fizeram um estudo com o objetivo de investigar se os estereótipos são usados de forma discriminatória nas percepções dos adolescentes. A pesquisa foi realizada com 146 jovens adultos, estudantes de psicologia. O método utilizado foi quanti-qualitativo, por meio de questionários fechados sobre estereotipagem implícita e explícita dos adolescentes e um questionário aberto sobre o estereótipo do adolescente e do adulto, para serem comparados. Os resultados demonstraram que quando se tratava de características da adolescência, os participantes já tinham estereótipos formados e respondiam o questionário de forma automatizada, rápida e discriminatória. Já quando se tratava de um adulto, a resposta era mais amigável e compreensiva (Gross & Hardin, 2007).

Buchanan e Hughes (2009) investigaram a possibilidade de que as expectativas de tempestade e estresse de pais e adolescentes levam ao cumprimento de profecias autorrealizáveis na adolescência. Participaram do estudo 277 adolescentes do 7º e 8º anos e suas mães no Estados Unidos. Foi utilizado o método qualitativo, por meio de entrevista semiestruturada e questionários fechados. Os resultados demonstraram que as expectativas negativas criadas pela sociedade permitem a abertura para que comportamentos negativos dos adolescentes sejam realizados no futuro. Os resultados desse estudo mostraram ainda que as expectativas das mães em relação aos filhos levaram ao aumento dos comportamentos esperados depois de um período, como: comportamentos de risco e rebeldia, conflitos com os pais, influência dos pares e sintomas internalizantes como raiva, depressão e distanciamento social (Buchanan & Hughes, 2009).

O estudo realizado por Qu et al (2016) teve como objetivo avaliar as ideias dos adolescentes sobre a adolescência, comparando a concepção da adolescência entre adolescentes americanos e chineses. Participaram desse estudo 203 adolescentes norte-americanos e 194 adolescentes chineses, com idades entre 12 e 13 anos. Realizou-se uma pesquisa quantitativa e

longitudinal, com um questionário aberto e outro fechado sobre a concepção da adolescência. Os resultados dessa pesquisa indicaram que os adolescentes chineses mantêm o engajamento escolar e a responsabilidade familiar durante a adolescência, diferentemente dos norte-americanos, que desenvolvem mais individualidade e maior desengajamento escolar. Esses dados indicam que, apesar de evidências revelarem que existem características semelhantes, possivelmente biológicas dessa fase, existem diferenças marcantes nas características dos adolescentes desses países, o que indica uma lacuna para entender como a sociedade influencia o comportamento das pessoas (Qu et al., 2016).

Em 2018, Qu et al publicaram outra pesquisa longitudinal, com o objetivo de examinar o efeito das concepções da adolescência nos processos cognitivos e no neurodesenvolvimento de adolescentes. Participaram do estudo 23 adolescentes, estudantes do 7º ano. Realizou-se um estudo quantitativo, dividido em 3 fases no qual foram utilizados exames de neuroimagem e questionários fechados sobre a concepção da adolescência. Os resultados desse estudo revelaram que, quanto mais o adolescente percebe a adolescência como um período de ignorar obrigações e de irresponsabilidade, mais aumentam seus comportamentos de risco. Os resultados dos exames acrescentaram evidências de que o desenvolvimento do córtex pré-frontal é modulado pelas informações das características dos adolescentes. É importante ressaltar que o córtex pré-frontal é uma região cerebral que parece ser responsável pelas informações sociais e motivacionais (Qu et al., 2018).

Outra pesquisa realizada por Qu et al (2020) promoveu um estudo longitudinal com o objetivo de investigar as relações entre estereótipos e expressividade emocional em adolescentes da cidade de Chongqing (China continental) e de Hong Kong. Realizou-se um estudo quantitativo do qual participaram 487 adolescentes de Hong Kong e 782 adolescentes da China continental. Utilizaram-se questionários fechados sobre estereótipos da adolescência,

regulação emocional e desenvolvimento puberal. Os resultados mostraram que os adolescentes de Hong Kong, cidade influenciada pela cultura norte-americana, são mais propensos a ter descontrole emocional e a perceberem a adolescência com aspectos negativos. Já na cidade de Chongqing, que segue uma cultura totalmente oriental, os adolescentes mostraram maior controle emocional e uma percepção mais engajada dos aspectos positivos da adolescência. Esses resultados corroboram a hipótese de que a sociedade tem forte influência no comportamento negativo dos adolescentes (Qu et al., 2020).

É provável que existem diferenças entre os próprios adolescente dentro de um mesmo país ou cidade, sendo que alguns adolescentes são mais vulnerável emocionalmente do que seus pares (Qu et al., 2016). Levando em consideração a diversidade socioeconômica no Brasil, pode-se dizer que a adolescência tem suas próprias características baseadas na sociedade brasileira (Melsert & Bock, 2015).

Concepção de Adolescência no Brasil

O Brasil é admirado pela sua diversidade social. Mas a realidade socioeconômica brasileira pode ser muito diferente quando se trata dos níveis sociais, ou melhor dizendo, das desigualdades sociais (Patias et al., 2011). De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística ([IBGE], 2020), estima-se que 211.755.692 pessoas residam no Brasil. Somente a Região sudeste tem 89.012.240 pessoas, sendo que mais da metade dessa população mora no Estado de São Paulo (46.289.333 residentes). Aproximadamente, 20 milhões de adolescentes residem no Brasil e sendo 3.302.557 no estado de São Paulo.

De acordo com os Critérios de Classificação Econômica Brasil (Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa [ABEP], 2019), 2,5% da população brasileira faz parte da classe A (com renda acima de 20 salários-mínimos), 20% dos brasileiros constituem a classe B (com salários-mínimos de cinco a vinte), a classe C abrange 56% da população (com renda de três a

cinco salários-mínimos), e as classes D e E comportam 29% dos brasileiros (com renda abaixo de três salários-mínimos). Esses dados indicam a enorme diversidade econômica do país, e a conseqüente diferença social da população brasileira (ABEP, 2019). Em função do aglomerado massivo de pessoas em focos de estados e cidades, fica praticamente impossível colocar em prática políticas que busquem a igualdade social (IBGE, 2020).

O estado de São Paulo, onde este estudo foi realizado, representa a diversidade econômica brasileira. Segundo a ABEP (2019), 5,3% da população em São Paulo pertence a classe A, 31% estão alocada na classe B, 51,3% são de Classe C e as classes D e E compõem 12,2% da população.

Bock (2007) questiona que se a adolescência é percebida como universal, considerando-se que os adolescentes de níveis socioeconômicos diferentes são colocados em uma única categoria, ignora-se questões importantes para o seu desenvolvimento, como moradia, trabalho, escola, e inserção social. Ozella e Aguiar (2008) afirmam que os adolescentes de classes mais elevadas (A, B e C) têm comportamentos mais ‘naturalizados’ em relação à concepção geral da adolescência. Já nas classes mais baixas (D e E), todas as questões discutidas sobre a adolescência são acrescentadas de sofrimento e frustração. Ainda para os autores, em específico nas classes sociais mais baixas, existe uma maior preocupação com a vida e oportunidades de futuro e uma visão mais crítica em relação aos ideais da sociedade, considerada injusta. Os adolescentes das classes C se preocupam um pouco mais com o futuro e com a responsabilidade de estudar para aumentar suas chances de conseguirem um emprego (Ozella & Aguiar, 2008).

Dessen e Guedea (2005) discutem que existem variações psicológicas, ambientais e comportamentais expostas entre grupos dentro de uma mesma sociedade, que resultam em diferentes concepções sobre o desenvolvimento humano. Por isso, o estudo sobre o papel da

sociedade e do ambiente na concepção das fases do desenvolvimento é muito relevante (Dessen & Guedea, 2005). Nesse sentido, uma percepção da adolescência focada nas características negativas convida a sociedade a enxergar o adolescente como inimigo. Pode-se dizer que essa percepção errônea exime a sociedade da responsabilidade sobre a adolescência, deixando de incentivar uma aproximação do adolescente com as pessoas do seu convívio, impedindo que os adolescentes envolvam-se em parcerias sociais e realizações sociais positivas (Bock, 2007).

Ozella e Aguiar (2008) salientam que, no Brasil, a responsabilidade pode ser vista como uma característica do adulto, relacionada à perda de prazer e de coisas boas. Por essa razão, há uma tendência de que o adolescente busque maior responsabilidade apenas quando chega o ‘tempo’ de deixar a adolescência (Ozella & Aguiar, 2008). Esses autores sugerem que o adolescente se apropria dessa ideologia social sobre a adolescência, aceitando que ela é natural e, como consequência, se comporta de acordo com o que a sociedade espera, reforçando a expectativa social. Embora os rótulos criados pela sociedade sejam imprecisos e de senso comum, geralmente conduzem o afeto, a cognição e o comportamento das pessoas. Assim, não é de se espantar que a sociedade perceba a adolescência de maneira negativa, mesmo que as características ruins sejam apenas leves e não evidentes em todos os adolescente (Qu et al., 2016).

Uma pesquisa realizada por Bock (2007), com o objetivo de fazer uma revisão crítica sobre concepções de adolescência em livros destinados para pais e educadores no Brasil, utilizou o método de análise de textos publicados sobre a adolescência. Nessa pesquisa, a autora critica a maneira como a adolescência é descrita em todos os livros estudados, como uma fase natural de tempestade inevitável para a qual não há solução. A autora relata que esses livros, normalmente, orientam os adultos a ter controle, autoridade, tolerância e paciência para esperar a fase passar, ignorando a questão social que aborda a concepção de adolescência. Para Bock,

até mesmo os livros sobre práticas psicológicas com os adolescentes, criam estratégias e técnicas de intervenções que ajudam o amadurecimento para que o adolescente se torne um adulto completo e sem problemas. Nessa concepção, até a Psicologia, que deveria desmistificar o conceito de adolescência e buscar contribuição de políticas públicas, reduz esse período a “uma fase quase patológica” (Bock, 2007, p.74). Os resultados desse estudo indicam que a concepção da adolescência tende a ser desvalorizada pela sociedade brasileira, a qual a percebe como inevitável, sendo apenas um período angustiante de espera para atingir a adultez.

Ozella e Aguiar (2008) realizaram uma pesquisa com o objetivo de investigar as concepções de adolescência e o significado da passagem da adolescência para a vida adulta. A pesquisa foi realizada com 856 adolescentes de níveis socioeconômicos distintos, utilizando metodologia qualitativa e quantitativa. Aplicou-se um questionário aberto sobre concepção da adolescência e passagem da adolescência para a vida adulta. Os resultados mostraram que a concepção da adolescência é instaurada pela sociedade e que os adolescentes reproduzem essas características, porque acreditam que elas são naturais. Quanto ao nível socioeconômico, observou-se que os adolescentes de classes altas têm uma visão da adolescência mais individualizada, focada na valorização do ‘eu’ e percebem o risco da drogadição distante do seu contexto. Os adolescentes de classes mais baixas têm medo do futuro, preocupam-se com responsabilidades e percebem o risco da drogadição mais próximo da sua realidade. Apesar dos resultados desse estudo indicaram que há diferença nas concepções de adolescência entre os níveis socioeconômicos alto e baixo, a ideia de que o adolescente é rebelde e conflituoso perpassa todas as classes sociais (Ozella & Aguiar, 2008).

Observando as pesquisas internacionais em comparação com as pesquisas realizadas no Brasil, é seguro afirmar que as pesquisas internacionais estão mais avançadas em relação à investigação sobre como as concepções de adolescência podem ser inadequadas e prejudiciais.

Essa lacuna nas pesquisas brasileiras se dá pela falta de pesquisas sobre a concepção de adolescência pelo olhar do próprio adolescente. Este estudo tem a intenção de trazer luz a essa questão e se somar aos estudos que têm sido conduzidos entre Estados Unidos e China (Qu et al., 2016, 2018, 2020).

Justificativa e Objetivos

Melsert e Bock (2015) afirmam que o Brasil é um dos países com maior diversidade social e com maiores índices de desigualdade social no mundo. Para esses autores, essas diferenças podem ser mais bem demarcadas de acordo com a classe social na qual se vive e podem influenciar na forma como as concepções sobre adolescência são construídas pelo senso comum e pela mídia. Por outro lado, os adolescentes brasileiros são semelhantes quanto ao fato de se relacionarem com o ambiente e responder às expectativas geradas pela sociedade (Melsert & Bock, 2015).

Os autores Ribeiro e Rocha (2017) afirmam que o adolescente busca participar e pertencer à sociedade, tentando reivindicar seus direitos e deveres. Nesse contexto, as pessoas influenciam nas escolhas e motivações que o adolescente projeta para o futuro, despertando sentimento de insegurança e descobrimento, que leva o adolescente a procurar respostas constantemente na sociedade (Ribeiro & Rocha, 2017).

As concepções negativas, que definem o adolescente como complicado naturalmente, têm marcado o conceito de adolescência e reforçam valores de que somente o adulto produtivo merece ser valorizado (Bock, 2007). Assim, a participação do próprio adolescente é ignorada e fechada mediante rótulos como inconsequente, incoerente ou irresponsável (Ribeiro & Rocha, 2017). Essa percepção pejorativa da sociedade em relação à adolescência demonstra falta de apoio para esse período do desenvolvimento.

Em função disso, é necessário conhecer a adolescência além dos aspectos físicos e hormonais, saindo do senso comum e dos rótulos (Ozella & Aguiar, 2008). É de extrema importância entender as relações sociais que permeiam a história de vida dos adolescentes e qual é a visão que eles têm da própria adolescência, que pode causar danos ou benefícios para o seu futuro.

Considerando-se que: (a) existem fatores socioeconômicos que circundam as concepções de adolescência, (b) o Brasil é um país diversificado, (c) existem várias concepções de adolescência no Brasil, e (d) as concepções de adolescência presentes na mídia e no senso comum podem influenciar o comportamento dos adolescentes, a questão de pesquisa deste estudo foi: Qual é concepção de adolescência de adolescentes de tipos de escolas diferentes? Esta pesquisa teve como objetivo geral conhecer as diferenças entre as concepções de adolescência de adolescentes de escolas particular e pública. Os objetivos específicos foram: (a) entender a concepção da adolescência sob o olhar do próprio adolescente, (b) entender a concepção da adolescência sob o olhar de adolescentes de diferentes tipos de escolas, e (c) conhecer quais são as origens das concepções de adolescência dos adolescentes.

Expectativas de Resultados

Para estudar a concepção de adolescência dos adolescentes, foram propostas as seguintes expectativas de resultados:

ER1: A concepção de adolescência da sociedade na qual o adolescente está inserido altera a sua percepção sobre a adolescência;

ER2: Os comportamentos tempestuosos e de risco dos adolescentes são desenvolvidos dependendo do ambiente em que o adolescente está inserido;

ER3: A concepção de adolescência como um período de tempestade é aceita pela sociedade como natural, deixando os adolescentes menos resistentes a questionar seus próprios comportamentos.

Método

Delineamento

Realizou-se um estudo qualitativo exploratório, de caráter transversal (Bordalo, 2006; Silva, 2010), cujo objetivo foi compreender as concepções da adolescência por meio da perspectiva do próprio adolescente, comparando adolescentes de escola particular e escolas públicas. O estudo foi dividido em 3 etapas: (a) aplicação dos questionários, (b) realização do estudo piloto e (c) realização da entrevista semiestruturada. Considerando-se que o mundo estava passando por uma fase crítica da pandemia da COVID-19 quando a coleta de dados foi realizada, a pesquisa ocorreu integralmente de forma on-line.

Participantes

Participaram deste estudo 57 adolescentes, 24 estudantes de uma escola particular, sendo 15 do sexo feminino e 9 do sexo masculino. Das três escolas públicas, participaram 33 estudantes, sendo 21 do sexo feminino e 12 do sexo masculino. Todos os adolescentes tinham entre 12 e 13 anos de idade e todos eram estudantes do 7º ou 8º ano do Ensino Fundamental II. Os grupos de participantes foram escolhidos por conveniência, considerando-se a idade e a escolaridade. Optou-se por investigar adolescentes de 12 a 13 anos, pois, segundo Qu et al. (2016), é durante essa fase que os indivíduos estão vivenciando os primeiros momentos da adolescência. Nesse sentido, para a OPAS (2008), as idades entre 12 e 13 anos caracterizam o período entre o final da pré-adolescência e o início da adolescência inicial, tanto para meninos como para meninas. Esse cuidado foi importante no sentido de que os participantes do estudo tivessem uma concepção genuína da adolescência, sem ter sido ainda permeados pela vivência da mesma.

No projeto de pesquisa deste estudo, previu-se um grupo de participantes de 60 adolescentes, sendo 30 de uma escola particular e 30 de uma escola pública. Esse critério foi

estabelecido considerando a média de alunos de uma sala de aula de 7º ou 8º ano do Ensino Fundamental II. Planejou-se também dividir os participantes igualmente por sexos, para que se pudesse ter uma visão homogênea da concepção da adolescência. Entretanto, como a coleta de dados ocorreu durante a fase de distanciamento e isolamento social da pandemia da COVID-19, uma série de adaptações foi necessária. Entre essas adaptações, a coleta precisou ocorrer de forma remota e não presencial, como havia sido inicialmente prevista, o que prejudicou o acesso e a adesão das escolas e, conseqüentemente, dos estudantes. Na tentativa de alcançar o número de participantes previsto, foi necessário acrescentar duas novas escolas públicas. Mesmo assim, não foi possível garantir o número previsto inicialmente, nem manter a homogeneidade dos participantes por sexo.

Participaram da primeira etapa deste estudo todos os adolescentes, que responderam aos instrumentos previstos. Foram excluídos do estudo duas participantes do sexo feminino e dois do sexo masculino de escola particular, pois ambos tinham bolsa de estudos. Uma outra participante do sexo feminino de escola particular foi excluída por responder o questionário em duplicidade, mantendo-se apenas uma de suas respostas. Sendo assim, analisaram-se os dados de 52 participantes, sendo 19 da mesma escola particular (12 do sexo feminino e 7 do sexo masculino) e 33 de três escolas públicas (21 do sexo feminino e 12 do sexo masculino). A tabela 1 apresenta uma descrição dos participantes, divididos inicialmente por tipo de escolas.

Tabela 1

Descrição dos participantes

Escola Particular					
Participante	Sexo	Idade	Escolaridade	Atividade extracurricular	Nível econômico
Beatriz	F	12	7º	Banda do colégio	A
Bárbara	F	12	7º	Não faz	A
Betina	F	12	7º	Não faz	B
Betânia	F	12	7º	Curso de inglês	C

Berenice	F	12	7º	Não faz	C
Bonie	F	12	7º	Não faz	B
Bento	M	12	7º	Curso de violino	C
Benício	M	12	7º	Não faz	B
Bryan	M	12	7º	Curso de informática	B
Bernardo	M	12	7º	Não faz	C
Breno	M	12	7º	Não faz	B
Belinda	F	13	7º	Não faz	B
Bianca	F	13	8º	Não faz	D-E
Bruna	F	13	8º	Não faz	D-E
Brenda	F	13	8º	Curso de Jazz	C
Bernadete	F	13	8º	Curso de teclado	B
Branca	F	13	8º	Não faz	B
Benjamim	M	13	8º	Não faz	C
Bruno	M	13	8º	Não faz	A
Escolas Públicas					
Participante	Sexo	Idade	Ano escolar	Atividade extracurricular	Nível econômico
Isabel	F	12	7º	Aulas de reforço	D-E
Ivy	F	12	7º	Aulas de reforço	C
Iolanda	F	12	7º	Não faz	D-E
Isaura	F	12	7º	Não faz	D-E
Irina	F	12	7º	Não faz	C
Israel	M	12	7º	Não faz	D-E
Ítalo	M	12	7º	Não faz	D-E
Ivan	M	12	7º	Não faz	D-E
Ismael	M	12	7º	Não faz	D-E
Iana	F	12	8º	Não faz	D-E
Isabela	F	13	7º	Não faz	D-E
Isadora	F	13	7º	Não faz	D-E
Iris	F	13	7º	Não faz	D-E
Iara	F	13	7º	Aulas de reforço	C
Iasmim	F	13	7º	Não faz	D-E
Ilda	F	13	7º	Aulas de reforço	D-E
Ilana	F	13	7º	Não faz	B
Ícaro	M	13	7º	Não faz	D-E
Iago	M	13	7º	Não faz	C
Isaías	M	13	7º	Não faz	D-E
Ines	F	13	8º	Não faz	C
Ivone	F	13	8º	Não faz	D-E
Iracema	F	13	8º	Não faz	D-E
Ivana	F	13	8º	Não faz	D-E

Ivete	F	13	8º	Não faz	C
Ieda	F	13	8º	Curso de informática	D-E
Isis	F	13	8º	Não faz	D-E
Iza	F	13	8º	Banda de fanfarra	C
Igor	M	13	8º	Não faz	D-E
Isaque	M	13	8º	Não faz	C
Ian	M	13	8º	Não faz	D-E
Inácio	M	13	8º	Não faz	C
Irineu	M	13	8º	Não faz	D-E

Nota: Foram criados nomes fictícios e, para isso, arbitrou-se que os nomes dos participantes da escola particular iniciassem com a letra “B” e os de escolas públicas com a letra “I”.

A tabela 1 mostrou que, apenas 32% (n=6) dos adolescentes da escola particular, 67% (n=4) do sexo feminino, estavam envolvidos em atividades extracurriculares, listadas a seguir: jazz, violino, inglês, teclado, informática e participação na banda da escola. Já dos adolescentes de escolas públicas, apenas 18% (n=6), todas do sexo feminino, afirmaram estar envolvidos com atividades extracurriculares: participação em banda de fanfarra da cidade, curso de informática e aulas de reforço no contraturno.

Na segunda etapa, realizou-se um estudo piloto do instrumento da Entrevista Semiestruturada sobre Concepções de Adolescentes. Participaram desta etapa, dois adolescentes de escola pública e dois de escola particular, sendo uma do sexo feminino e um do sexo masculino de cada escola.

A terceira etapa do estudo contou com a participação de 8 adolescentes que responderam à Entrevista Semiestruturada. Todos os entrevistados participaram da primeira etapa do estudo e se voluntariaram para a entrevista. No projeto de pesquisa deste estudo, foi previsto um grupo de participantes para a entrevista de 12 adolescentes, 6 de uma escola particular e 6 uma escola pública, divididos entre 3 do sexo feminino e 3 do sexo masculino de cada escola. Porém, por causa do contexto de distanciamento social da pandemia da COVID-19, poucos adolescentes se voluntariaram para realizar a entrevista *on-line* e alguns que se

voluntariaram não aceitaram participar da entrevista quando foram contactados para agendar um horário. Da escola particular, foram entrevistados 5 estudantes, sendo 4 do sexo feminino e 1 do sexo masculino. Das escolas públicas, foram entrevistados 3 estudantes, sendo 2 do sexo feminino e 1 sexo masculino. A tabela 2 apresenta uma descrição dos participantes da entrevista, divididos por escolas particular e públicas.

Tabela 2

Descrição dos participantes das entrevistas

Escola Particular					
Participante	Sexo	Idade	Escolaridade	Atividade extracurricular	Nível econômico
Beatriz	F	12	7º	Banda do colégio	A
Berenice	F	12	7º	Não faz	C
Bernadete	F	13	8º	Curso de teclado	B
Branca	F	13	8º	Não faz	B
Benjamim	M	13	8º	Não faz	C
Escolas Públicas					
Participante	Sexo	Idade	Escolaridade	Atividade extracurricular	Nível econômico
Isaura	F	12	7º	Não faz	D-E
Iza	F	13	8º	Banda de fanfarra	C
Ian	M	13	8º	Não faz	D-E

Instrumentos

Os instrumentos utilizados no estudo foram:

Questionário de Dados Sociodemográficos (apêndice D). Este instrumento, elaborado especificamente para este estudo, teve como objetivo possibilitar uma melhor descrição dos participantes. Coletaram-se dados sobre idade, sexo, escolaridade, estado civil, profissão, composição familiar e renda. Este instrumento foi usado também como uma ferramenta para separação dos grupos, permitindo que a pesquisadora conseguisse identificar as diferenças sociodemográficas entre os participantes.

Questionário de Critério de Classificação Econômica Brasil (Anexo A) (ABEP, 2019)³. Este instrumento visou a coletar dados referentes a questões socioeconômicas, como a quantidade de bens materiais e o número de ambientes da residência. Por meio desse instrumento foi possível determinar a classe social, a qual foi feita pela soma de pontos dos itens e sua categorização. Este instrumento foi utilizado para que a pesquisadora pudesse identificar o nível socioeconômico dos participantes.

Questionário Aberto sobre Concepções de Adolescentes (anexo B) (Qu et al., 2016). Este instrumento contém dez retângulos em branco, nos quais o participante deve escrever uma característica ou comportamento que ele considera típico da adolescência. Este instrumento avaliou as ideias dos adolescentes sobre a concepção da adolescência, de forma espontânea e livre.

Entrevista Semiestruturada sobre Concepções de Adolescentes (apêndice E). Este instrumento, desenvolvido especificamente para este estudo, foi elaborado a partir de outros instrumentos utilizados em outros estudos sobre a mesma temática (Buchanan & Holmbeck, 1998; Ozella & Aguiar, 2008; Qu et al., 2016). A entrevista é composta por sete perguntas abertas que visam investigar as concepções dos participantes sobre a adolescência, como surgiu a concepção da adolescência para o adolescente, se existe diferença entre adolescentes e de onde vem o senso comum da concepção da adolescência. Esse instrumento foi aplicado, primeiramente, em um estudo piloto para verificar a adequação das questões antes de ser utilizado na pesquisa.

³ Não consta a escolaridade dos responsáveis no Questionário de Critérios de Classificação Econômica Brasil (ABEP, 2019) pois esse dado foi incluído no Questionário de Dados Sociodemográficos.

Procedimentos de Coleta de Dados

Inicialmente foi realizado um primeiro contato com várias escolas particulares e públicas de uma cidade do interior do estado de São Paulo, para informar sobre a pesquisa e explicar o objetivo da mesma. Houve uma grande dificuldade nesse momento, pois os responsáveis pelas escolas estavam lidando com as adaptações e mudanças necessárias causadas pelo contexto pandêmico e não estavam dispostos a assumir novas responsabilidades. Uma escola particular e uma pública aceitaram participar da pesquisa, então foi enviada a Carta de Autorização à Instituição (apêndice A) para a realização da pesquisa por *e-mail*, para que os diretores autorizassem a pesquisa. Em seguida, a pesquisadora enviou um material informativo sobre o objetivo do estudo e sobre a pesquisa para que os diretores das escolas os repassarem para os responsáveis pelos adolescentes e para os próprios adolescentes. Enviou-se juntamente um *link* para o acesso on-line do aplicativo *Google Forms* para que os adolescentes respondessem aos questionários.

Considerando-se que os adolescentes eram menores de idade e que seus pais ou responsáveis precisavam autorizar sua participação no estudo, o *link* dos questionários do aplicativo *Google Forms* continha: (a) o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), para que os pais pudessem autorizar a participação do adolescente (apêndice B); (b) o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) (apêndice C), no qual os próprios adolescentes podiam se informar sobre a pesquisa e aceitar participar; (c) o Questionário de Dados Sociodemográficos; (d) o Questionário de Critério de Classificação Econômica Brasil; e (e) o Questionário Aberto sobre Concepções de Adolescentes. Conforme os participantes foram respondendo à pesquisa, a pesquisadora recebeu os dados pela plataforma do aplicativo on-line, os quais foram guardados para a análise dos dados.

Durante a coleta de dados, percebeu-se que os adolescentes não estavam aderindo ao convite para participar do estudo. Os adolescentes recebiam o *link*, mas não o acessavam para assinar os termos e responder o questionário. A pesquisadora precisou entrar em contato com as escolas várias vezes para tentar uma aproximação com os alunos, mas não foi possível um contato direto porque as escolas informavam que a pesquisadora não podia entrar nas aulas on-line para falar com os estudantes, sem a autorização dos pais. As escolas estavam evitando contato com os pais, pois as aulas remotas estavam causando conflitos entre pais e escola. Como uma tentativa para solucionar esse problema, a pesquisadora gravou um vídeo se apresentando, explicando a importância da pesquisa e convidando novamente os alunos a participarem. O vídeo foi enviado para os diretores das escolas, por meio do aplicativo *WhatsApp*, que repassaram aos alunos. Após a divulgação do vídeo, houve um aumento no número de respostas do questionário.

A escola particular conseguiu um número de alunos suficiente para a pesquisa. Em contraponto, a escola pública não obteve retorno positivo, portanto, foi necessário iniciar contato com outras escolas públicas em outras cidades do interior do estado de São Paulo. Dessa segunda tentativa, duas escolas, de diferentes cidades, aceitaram o convite para participar da pesquisa. Todo o processo realizado nas primeiras escolas foi realizado nessas duas novas escolas, incluindo o vídeo. Portanto, após o primeiro contato e a autorização da escola, foi enviado, via *WhatsApp*, um material informativo sobre o objetivo do estudo, juntamente com um *link* para o acesso on-line do aplicativo *Google Forms* e o vídeo de apresentação gravado pela pesquisadora. O número de respostas suficientes para a primeira etapa da pesquisa foi alcançado.

Em relação as escolas, o estudo contou com a participação de uma escola particular e três escolas públicas, caracterizadas a seguir. A escola particular está situada em uma cidade

do interior de São Paulo e oferece desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. É uma escola com princípios baseados na religião cristã evangélica e o modelo pedagógico é o cognitivo-interacionista. A primeira escola pública é municipal, está situada na mesma cidade que a escola particular e oferece do Ensino Fundamental I ao Ensino Médio. A segunda escola pública também é municipal, está situada em outra cidade do interior do estado de São Paulo e oferece apenas o Ensino Fundamental I e II. A terceira escola pública é estadual, está situada em outra cidade do interior do estado de São Paulo e oferece do Ensino fundamental I ao Ensino Médio.

Na segunda etapa da pesquisa, foram realizadas as entrevistas para o estudo piloto, com o objetivo de verificar se as questões formuladas no instrumento Entrevista Semiestruturada sobre Concepções de Adolescentes estavam adequadas e atendiam ao objetivo e ao propósito do estudo. Primeiramente, a pesquisadora entrou em contato com dois participantes da escola particular e dois das escolas públicas que haviam respondido os questionários, para agendar um horário. As entrevistas foram realizadas individualmente, por meio do aplicativo de chamada de vídeo *Google Meet*. A duração média das entrevistas para o estudo piloto foi de 15 minutos. As entrevistas foram gravadas em vídeo e arquivadas para a análise posterior.

Os resultados do estudo piloto (apêndice F) indicaram que todas as perguntas estavam de acordo com os objetivos propostos para a pesquisa. A primeira pergunta estava adequada aos objetivos, porém percebeu-se uma dificuldade de compreensão dos participantes. A pergunta “O que é adolescência para você?” foi a mais difícil de alcançar respostas. Foi necessário reformulá-la para 3 dos 4 participantes, utilizando a pergunta da seguinte forma: “O que significa adolescência para você?”. Ainda assim, os participantes ficaram pensativos e responderam de forma generalizada, citando, por exemplo “desenvolvimento e puberdade”, não atingindo o objetivo da pesquisa que tinha a intenção de entender a concepção da

adolescência sob o olhar do próprio adolescente. Neste caso foi necessária uma segunda reformulação para “o que você entende sobre a adolescência?”, então os adolescentes conseguiram responder de acordo com o propósito do estudo. Após essas alterações nessa questão, entendeu-se que o instrumento estava adequado para o estudo propriamente dito.

A terceira etapa deste estudo foi a realização da Entrevista Semiestruturada sobre Concepções de Adolescentes. Primeiramente, a pesquisadora entrou em contato com todos os participantes que se voluntariaram para participar desta etapa do estudo, para agendar um horário. As entrevistas foram realizadas individualmente, por meio do aplicativo de chamada de vídeo *Google Meet*. A duração média das entrevistas foi de 10 minutos. As entrevistas foram gravadas em vídeo e arquivadas para a análise posterior.

Ao longo de toda a pesquisa, utilizou-se o guia do *Consolidated Criteria for Reporting Qualitative Research* (COREQ) (anexo C), a fim de garantir a qualidade da pesquisa qualitativa (Souza et al., 2021). Todas as informações que surgiram durante a pesquisa foram anotadas em um diário de campo, para que a pesquisadora pudesse ter acesso a qualquer momento. O diário de campo foi útil para compilar as dificuldades do processo de coleta de dados e foi usado para a análise dos dados. Após a defesa desta dissertação, será oferecida devolutiva dos resultados para todas as escolas que participaram do estudo. Pretende-se fazer a devolutiva por meio de um vídeo, cujo a temática versará sobre a adolescência e será feito de acordo com as especificidades de cada escola.

Procedimentos de Análise dos Dados

Para a análise de todos os instrumentos deste estudo, foram considerados os dados de todos os participantes, a partir dos Questionário de Dados Sociodemográficos e do Questionário de Critério de Classificação Econômica Brasil. A análise dos dados foi realizada em duas etapas. Primeiramente, os dados do Questionário Aberto sobre Concepções de

Adolescentes foram analisados por meio de análise de conteúdo categorial, que consistiu em aglomerar o conteúdo coletado dentro de uma categorização a priori. A categorização a priori analisa os dados relacionando-os diretamente em categorias pré-estabelecidas para a organização do material, permitindo a inferência dos dados qualitativos dedutivamente para identificação de conteúdo (Castro et al., 2011). Neste estudo, seguiu-se os critérios de desenvolvimento do adolescente segundo a OPAS (2008). Após, foi avaliado se existiu alguma característica que não havia se encaixado nas categorias pré-estabelecidas e concluiu-se que todas as características citadas pelos adolescentes se encaixaram nos critérios estabelecidos pela OPAS (2008).

Em um segundo momento, a Entrevista Semiestruturada sobre Concepções de Adolescentes foi analisada por meio da análise temática proposta por Clarke et al. (2019), um método de análise baseado na padronização dos dados e identificação de temas recorrentes nos dados coletados. A análise temática é composta por seis fases: (a) familiarização com os dados, fase de leitura da transcrição da entrevista e procura de padrões, para iniciar ideias para a codificação; (b) geração de códigos iniciais, fase que se inicia a codificação sistemática em todo o conjunto de dados, para servir como base para a formação de temas; (c) procura por temas, fase que desenvolve o pensamento na busca de encontrar relação entre as codificações; (d) revisão dos temas, fase que exige o refinamento e revisão dos códigos; (e) definição e nomeação dos temas, fase de identificar cada tema e refinar a análise e definição do conteúdo; e (f) produção do relatório, etapa que envolve a realização de uma análise final e a escrita do relatório (Clarke et al., 2019).

Considerações Éticas

Este estudo seguiu as diretrizes definidas na Resolução 016/2000 (Conselho Federal de Psicologia, 2000), na Resolução 466/12 (Conselho Nacional de Saúde [CNS], 2012) e na

Resolução 510/16 (CNS, 2016) do Conselho Nacional de Saúde, as quais dispõem sobre a realização de pesquisas com seres humanos. Este estudo também seguiu o Ofício Circular 2/2021 (CONEP/SECNS/MS, 2021), o qual dispõe sobre orientações para qualquer tipo de pesquisa em ambiente virtual. A coleta de dados iniciou-se apenas após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (CAAE 45635521.2.0000.5481) (Anexo D), garantindo os direitos e deveres relativos à comunidade científica e aos participantes.

À escola, aos responsáveis e aos participantes foram entregues os termos, cujo objetivo foi informar a respeito da pesquisa, disponibilizar informações sobre o tema do projeto de pesquisa, sobre os procedimentos aos quais foram submetidos, sobre os riscos e os benefícios, por meio de uma linguagem clara e de fácil compreensão. Os termos também asseguraram o sigilo sobre a identidade dos participantes e esclareceram que a participação seria voluntária e poderia ser interrompida a qualquer momento, sem prejuízos, caso o participante assim desejasse. Importante ressaltar que, mesmo que os pais ou responsáveis legais autorizassem a participação dos adolescentes, lhes foi assegurado o direito de escolher participar ou não da pesquisa, bem como de interromper a coleta de dados caso o adolescente julgasse necessário ou não quisesse continuar participando.

Resultados e Discussão

Os resultados deste estudo foram organizados em três seções: (a) dados sociodemográficos e econômicos, (b) dados referentes ao Questionário Aberto sobre Concepções de Adolescentes e (c) dados referentes à Entrevista Semiestruturada sobre Concepções de Adolescentes. Por fim, apresenta-se a síntese dos resultados e discussões.

Dados Sociodemográficos e Econômicos

Os resultados dos dados coletados sobre a composição familiar dos adolescentes e informações sobre os seus responsáveis estão descritos na tabela 3:

Tabela 3

Características sociodemográficas dos participantes

Famíliares que moram na residência	Escola Particular	Escola Pública
mãe, pai e irmãos	47%	31%
mãe e pai	37%	18%
mãe	11%	18%
mãe, irmãos e padrasto	5%	3%
mãe, pais, irmãos, avós e tios	0%	15%
mãe e irmãos	0%	6%
Pai e avós	0%	3%
Tios	0%	3%
mãe e padrasto	0%	3%
Faixa etária dos responsáveis		
24 ou menos	0%	3%
25-35	5%	36%
36-45	79%	40%
45-55	11%	21%
56 ou mais	5%	0%
Estado civil dos responsáveis		
casado	84%	52%
união estável	5%	33%
Solteiro	11%	12%
viúvo	0%	3%

Fonte de renda dos responsáveis		
Trabalho registrado CLT	47%	70%
Autônomo	16%	18%
Desempregado	37%	12%

A maior parte dos adolescentes de escola particular moram com suas famílias nucleares (mãe, pai e irmãos), contrapondo os dados dos adolescentes de escolas públicas que têm maior convívio com a família extensa (avós e tios). A porcentagem de adolescentes que moram em lar monoparental (apenas mãe ou pai) também é um pouco mais elevado (24%) nos lares de adolescentes de escolas públicas.

Em relação à idade dos responsáveis, 79% dos responsáveis por adolescentes de escolas particulares têm entre 36 e 45 anos e 36% dos responsáveis por adolescentes de escolas públicas têm entre 25 e 35 anos. Esses resultados indicam que os responsáveis por adolescentes das escolas particulares são mais velhos dos de escola pública.

Quanto ao estado civil, houve um índice maior de responsáveis casados entre os com adolescentes de escola particular (84%) em comparação com os de escolas públicas (52%). Por outro lado, os responsáveis por adolescentes de escolas públicas apresentam mais relação conjugal de união estável (33%) do que os da escola particular. Os responsáveis solteiros aparecem em igualdade para os adolescentes de ambas as escolas.

Quanto à escolaridade dos responsáveis pelos adolescentes da escola particular, 47% (n=9) concluíram a graduação, 37% (n=7) concluíram o ensino médio e apenas 16% (n=3) concluíram a pós-graduação. Em relação à escolaridade dos responsáveis dos participantes de escolas públicas, 52% (n=17) concluíram o ensino médio, 24% (n=8) concluíram o ensino fundamental II, 15% (n=5) concluíram a graduação e apenas 9% (n=3) concluíram a pós-graduação.

O nível socioeconômico dos participantes foi estimado de acordo com os Critérios de Classificação Econômica Brasil, com base na renda familiar (ABEP, 2019): 52,63% dos

participantes de escola particular pertenciam as classes A e B, 36,84% eram de classe C e 10,53% de classes D e E. Já dos participantes de escolas públicas, 69,70% pertenciam as classes D e E, 27,27% de classes C, 3,03% de classe B e 0% de classe A. Levou-se em consideração que: (a) a classe alta é considerada um grupo minoritário que usufrui da maior parte das riquezas produzidas na sociedade, ou seja, as classes A e B; (b) classe média é um grupo de pessoas que possuem pequenos bens e propriedades, ou seja, a classe C; e (c) a classe baixa está associada com os menores índices de escolarização e maior vulnerabilidade social, ou seja, as classes D e E (Santos, 2020).

Análise dos Dados do Questionário Aberto sobre Concepções de Adolescentes

Os resultados coletados a partir do Questionário Aberto sobre Concepções de Adolescentes foram analisados por meio de análise de conteúdo categorial, que consiste em aglomerar o conteúdo coletado dentro de uma categorização (Castro et al., 2011). Utilizou-se a categorização a priori, que analisa os dados relacionando-os diretamente em categorias pré-estabelecidas, permitindo a inferência dos dados qualitativos dedutivamente para identificação de conteúdo (Castro et al., 2011). Neste estudo, a categorização dos dados foi pré-definida de acordo com os critérios de desenvolvimento do adolescente segundo a OPAS (2008): desenvolvimento corporal, desenvolvimento sexual, desenvolvimento cerebral, desenvolvimento emocional e desenvolvimento social.

A análise categorial iniciou-se a partir da observação das respostas, que foram inseridas pelos participantes no questionário. Observou-se que os participantes descreveram as características da adolescência de duas formas: por palavras e por frases. Por exemplo, um participante descreveu “espinhas” que foi incluído na característica de puberdade, outro participante descreveu “estar sozinho a maior parte do tempo” que foi incluído na característica de isolamento social. Após inserir todas as respostas em códigos adequados, as características

foram alocadas nas categorias pré-definidas. A seguir, avaliou-se se existiu alguma característica que não se encaixou nas categorias e concluiu-se que todas as características citadas pelos adolescentes se encaixaram nos critérios estabelecidos pela OPAS (2008). Por fim, percebeu-se a necessidade de vincular essas categorias em 4 classes mais amplas da adolescência: (a) aspectos positivos, (b) aspectos negativos, (c) aspectos de puberdade e (d) outros aspectos.

A classe aspectos positivos foi composta pelas subcategorias: desenvolvimento cerebral, que categorizou respostas positivas do desenvolvimento cognitivo; desenvolvimento emocional, que considerou as características emocionais positivas; e desenvolvimento social, que se referiu ao surgimento das características positivas a partir do aumento do convívio social na adolescência. A classe aspectos negativos foi composta pelas subcategorias: desenvolvimento cerebral, que categorizou respostas negativas do desenvolvimento cognitivo; desenvolvimento emocional, que considerou as características emocionais negativas e que causam sofrimento para o adolescente; e desenvolvimento social, que se referiu ao surgimento das características negativas a partir do aumento do convívio social na adolescência.

A classe aspectos da puberdade foi composta pelas subcategorias: desenvolvimento corporal, que evidencia as mudanças biológicas na adolescência; desenvolvimento sexual, que entende o início da descoberta da relação sexual e da sexualidade na adolescência. A classe outros aspectos foi composta pelas subcategorias: desenvolvimento cerebral, que observa o surgimento de habilidades cognitivas mais avançadas nessa fase; desenvolvimento emocional, que considera a oscilação emocional durante a adolescência; e desenvolvimento social, que se refere ao surgimento da necessidade de se envolver socialmente em grupo. Os resultados foram distribuídos, a seguir, de acordo com sexo e tipo de escola.

Aspectos Positivos

Em relação à categoria *desenvolvimento cerebral* foram mencionadas as seguintes características: inteligência, criatividade e curiosidade. O desenvolvimento da inteligência foi citado por 8% dos participantes do sexo feminino e 10% dos do sexo masculino da escola particular e 42% dos do sexo masculino das escolas públicas. Já a criatividade foi considerada por 29% dos do sexo masculino de escola particular e 8% dos do sexo masculino das escolas públicas. A curiosidade foi mencionada apenas pelos participantes das escolas públicas: 33% do sexo feminino e 17% do sexo masculino.

Quanto à categoria *desenvolvimento emocional*, foram mencionadas as seguintes características: bom humor e tranquilidade, responsabilidade, extroversão, demonstração de afeto, autoconfiança, sentimento de liberdade, flexibilidade, fidelidade e lealdade, aumento da autoestima e amadurecimento. O bom humor e a tranquilidade foram características citadas por grande parte dos adolescentes: 25% do sexo feminino e 57% do sexo masculino de escola particular e 33% do sexo feminino e 75% do sexo masculino de escolas públicas. O aumento do senso de responsabilidade foi citado por 17% dos participantes do sexo feminino e 57% dos do sexo masculino de escola particular e 19% do sexo feminino e 17% dos do sexo masculino de escolas públicas. A extroversão foi citada por 17% dos do sexo feminino e 14% dos do sexo masculino da escola particular e por 29% dos do sexo feminino e 42% dos do sexo masculino de escolas públicas. A demonstração de afeto foi descrita apenas por 8% dos do sexo feminino de escola particular, contrastando com 10% dos do sexo feminino e 42% dos do sexo masculino de escolas públicas.

As características citadas somente pelos adolescentes de escola particular foram: autoconfiança, citada por 25% dos do sexo feminino e 57% dos do sexo masculino; sentimento

de liberdade, citado por 8% dos do sexo feminino e 14% dos do sexo masculino; e flexibilidade, citado por 14% dos do sexo masculino.

As características citadas apenas entre os adolescentes de escolas públicas foram: fidelidade e lealdade, por 29% dos do sexo feminino e 42% dos do sexo masculino; melhora na autoestima, por 5% dos do sexo feminino e 8% dos do sexo masculino; e amadurecimento, por 5% dos do sexo feminino.

No que se refere à categoria *desenvolvimento social*, foram mencionadas as seguintes características: relacionamento social on-line, vida social, independência, obediência e ajuda aos pais e melhora no convívio familiar. Os resultados demonstraram que 67% dos do sexo feminino e 14% dos do sexo masculino da escola particular gostam de se relacionar por meio de redes sociais, jogos on-line e aplicativos de conversas, assim como 43% dos do sexo feminino e 25% dos do sexo masculino de escolas públicas. Os adolescentes citaram que a vida social é mais ativa durante a adolescência, sendo afirmado por 8% dos do sexo feminino e 43% dos do sexo masculino de escola particular e 48% dos do sexo feminino e 25% dos do sexo masculino de escolas públicas. Os adolescentes de escola particular têm maior concepção de independência do que os adolescentes de escolas públicas, conforme citaram: 42% dos do sexo feminino e 29% dos do sexo masculino de escola particular; e 5% dos do sexo feminino e 17% dos do sexo masculino de escolas públicas. A característica de obediência e ajuda aos pais foi citada por 8% dos do sexo feminino e 29% dos do sexo masculino de escola particular e 43% dos do sexo feminino e 75% dos do sexo masculino de escolas públicas. Uma característica citada apenas pelas participantes do sexo feminino de escolas públicas (3%) foi a melhora no convívio familiar.

Aspectos Negativos

Em relação à categoria *desenvolvimento cerebral*, as únicas características mencionadas foram distração e falta de concentração, mencionadas por 43% dos participantes do sexo masculino de escola particular e 10% dos do sexo feminino de escolas públicas.

Quanto à categoria *desenvolvimento emocional*, foram mencionadas as seguintes características: irritação e estresse, tristeza, oscilação emocional, ansiedade e medo, insegurança, introversão e timidez, falta de interesse e preguiça, imediatismo, desafios, fase chata, egoísmo e audácia, irresponsabilidade, imaturidade, baixa autoestima e sentimento de ser julgado. As características de irritação e estresse foram mencionadas com mais frequência pelos participantes do sexo feminino (75%) e pelos do sexo masculino (86%) de escola particular, em comparação com os do sexo feminino (38%) e masculino (8%) de escolas públicas. A tristeza foi citada por 50% dos participantes do sexo feminino e 29% dos do sexo masculino de escola particular e 5% dos do sexo feminino e 8% dos do sexo masculino de escolas públicas. Já a oscilação emocional na adolescência, foi uma característica marcante nas respostas: 25% dos participantes do sexo feminino e 43% dos do sexo masculino de escola particular; e 62% dos do sexo feminino e 17% dos do sexo masculino de escolas públicas.

A ansiedade e o medo foram mencionados por 17% dos participantes do sexo feminino de escola particular e 43% dos do sexo feminino e 42% dos do sexo masculino de escolas públicas. Em contrapartida, a insegurança demonstrou afetar mais os adolescentes de escola particular (17% do sexo feminino e 29% do sexo masculino) do que os de escolas públicas (24% sexo feminino). A introversão e a timidez, são características que podem estar relacionadas à ansiedade, foram mencionadas por 25% dos participantes do sexo feminino de escola particular e 19% dos do sexo feminino e 33% dos do sexo masculino de escolas públicas. Os resultados demonstraram que a falta de interesse, que desencadeia o sentimento de preguiça,

foi citada por 35% dos participantes do sexo feminino e 14% dos do sexo masculino de escola particular e, em maior índice, por 52% dos do sexo feminino e 33% dos do sexo masculino de escolas públicas. O imediatismo foi outra característica citada como parte da adolescência por 14% dos do sexo masculino de escola particular e 5% dos do sexo feminino e 8% dos do sexo masculino de escolas públicas. Já os desafios que surgem na fase da adolescência foram mencionados por 25% dos do sexo feminino e 14% dos do sexo masculino de escola particular, em contraste com 5% dos do sexo feminino de escolas públicas. A adolescência como uma fase chata foi descrita por 14% do sexo masculino de escola particular e 29% do sexo feminino de escolas públicas.

Algumas características foram mencionadas somente pelos adolescentes de escolas públicas, como: ter sentimentos de egoísmo e audácia citados por 5% dos do sexo feminino e 8% dos do sexo masculino. A falta de responsabilidade foi citada por 10% dos do sexo feminino; a imaturidade foi citada por 5% do sexo feminino; a baixa autoestima foi citada por 5% do sexo feminino; e o sentimento de ser julgado o tempo todo foi citado por 10% dos do sexo feminino.

No que se refere à categoria *desenvolvimento social*, foram mencionadas as seguintes características: evitação social, rebeldia, dependência emocional, desorganização, consumismo, uso de drogas e álcool e não gostar de tomar banho. A evitação social, que pode ser uma forma de evitar situações desagradáveis, foi citado por 58% dos participantes do sexo feminino de escola particular e 86% dos do sexo feminino e 33% dos do sexo masculino de escolas públicas. A rebeldia, que também pode ser uma forma de lidar com as dificuldades no envolvimento social, foi citada mais pelos adolescentes de escola particular (83% dos do sexo feminino e 100% dos do sexo masculino) do que os de escolas públicas (62% dos do sexo feminino e 42% dos do sexo masculino). A dependência emocional foi inserida na categoria

desenvolvimento social, pois está relacionada à necessidade de pertencimento a um grupo social, desenvolvida na durante a adolescência. Essa característica foi citada por 25% dos participantes do sexo feminino e 14% dos do sexo masculino de escola particular e por, apenas, 8% dos do sexo masculino de escolas públicas. A desorganização foi citada por 8% dos do sexo feminino de escola particular e 5% dos do sexo feminino e 8% dos do sexo masculino de escolas públicas.

Com menos menções, o consumismo foi citado somente pelas participantes de escola particular (8%). As participantes de escolas públicas acrescentaram problemas sociais como: uso de drogas e álcool (10%) e não gostar de tomar banho (5%).

Aspectos da Puberdade

Em relação à categoria *desenvolvimento corporal*, foram mencionadas as seguintes características: mudanças corporais, aumento do sono e aumento da fome. As mudanças corporais, próprias da puberdade, foram citadas por 17% dos participantes do sexo feminino e 100% dos do sexo masculino de escola particular, ressaltando que um participante mencionou as mudanças corporais em duas respostas do questionário (espinha e barba). Em relação aos adolescentes de escolas públicas, 33% dos do sexo feminino e do sexo masculino citaram as mudanças corporais como característica marcante da adolescência. Juntamente com as mudanças corporais, o aumento do sono e da fome foram mencionados: o sono foi citado por 17% dos do sexo feminino e 43% dos do sexo masculino de escola particular e por 19% dos do sexo feminino e 8% dos do sexo masculino de escolas públicas. O aumento da fome foi mencionado por 25% das participantes do sexo feminino e 29% dos do sexo masculino de escola particular e por 29% das do sexo feminino e 8% dos do sexo masculino de escolas públicas.

A categoria *desenvolvimento sexual* foi a menos citada pelos adolescentes. As únicas duas menções respostas foram de estudantes de escola particular: a resposta da participante do sexo feminino foi “sexualidade” e a resposta do participante do sexo masculino foi “dúvidas sobre sexualidade”, dificultando a inferência de interpretação se as dúvidas envolvem relação sexual ou identidade de gêneros sexuais.

Outros Aspectos

No que se refere à categoria *desenvolvimento cerebral*, obteve-se apenas uma característica mencionada: o foco nos estudos. Essa característica demonstrou ser importante para 8% das participantes e 29% dos participantes de escola particular e 19% das participantes e 17% dos participantes de escolas públicas.

Em relação à categoria *desenvolvimento emocional*, foram mencionadas as seguintes características: exigência, orgulho, sonhar e fantasiar. Os sentimentos de exigência e orgulho foram citados por 5% dos participantes do sexo feminino e 43% dos do sexo masculino de escola particular e 25% dos do sexo masculino de escolas públicas. Essas características foram apresentadas na categoria outros aspectos, pois podem ser positivas ou negativas, dependendo do contexto que for inserido. Sonhar e fantasiar é outra característica que pode ser positiva ou negativa dependendo do contexto, e foi citada por 14% dos participantes do sexo masculino de escola particular e 10% dos participantes do sexo feminino e 8% dos do sexo masculino de escolas públicas.

Quanto à categoria *desenvolvimento social*, estilo e moda, trabalho e não acreditar em fantasias foram as características mencionadas. A preocupação com o estilo e moda foi frequente para 17% das participantes e 14% dos participantes de escola particular e para 29% das participantes e 17% dos participantes de escolas públicas. Os adolescentes de escolas públicas acrescentaram outras características. O trabalho foi citado por 17% dos participantes

do sexo masculino e não acreditar em fantasias (por exemplo: papai Noel e coelho da pascoa), foi citado por 5% dos do sexo feminino.

Resultados da Entrevista Semiestruturada sobre Concepções de Adolescentes

Os resultados coletados a partir das entrevistas foram analisados por meio de Análise Temática (AT) (Clarke et al., 2019) e geraram cinco temas sobre as concepções da adolescência: (a) características (típicas) gerais da adolescência, (b) relacionamentos afetivos, (c) problemas associados à adolescência, (d) origem da concepção sobre adolescência, e (e) marcadores de diferenças entre adolescências. A tabela 4 mostra a organização dos códigos e dos temas gerados a partir da AT e suas definições.

Tabela 4.

Mapa Temático da Análise Temática

Códigos	Tema	Definição do Tema
<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolvimento físico • Maturidade • Foco nos estudos • Descobertas • Fase importante/passageira • Responsabilidade • Projeto de vida • Desenvolvimento cognitivo 	Características (típicas) gerais da adolescência	Refere-se as características mencionadas pelos participantes quanto ao que é a adolescência. Inclui códigos referentes a desenvolvimento físico e cognitivo e a características comportamentais e atitudinais.
<ul style="list-style-type: none"> • Socialização • Envolvimento amoroso • Melhora no convívio familiar 	Relacionamentos afetivos	Refere-se aos aspectos relacionados aos relacionamentos interpessoais do adolescente: amorosos, entre pares e com a família.

<ul style="list-style-type: none"> • Instabilidade emocional • Irritação • Conflito com os pais • Rebeldia • Evitação (isolamento) social • Bullying • Pressão social • Preocupação com autoimagem • Não gostar da escola 	<p>Problemas associados à adolescência</p>	<p>Refere-se às características da adolescência vistas como negativas ou como problemas pelos participantes. Inclui códigos relacionados a aspetos emocionais que envolvem duas dimensões: interpessoal e intrapessoal.</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Experiência de outras pessoas • Influência de pessoas • Experiência pessoal • Influência da mídia 	<p>Origem da concepção sobre adolescência</p>	<p>Refere-se a origem das concepções sobre adolescência dos participantes. Inclui códigos relativos a aspectos micro (experiências pessoais) e macrossistêmicos (influência da mídia).</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Diferenças entre práticas educativas parentais • Diferenças de temperamento e personalidade • Acesso a oportunidades em função da situação financeira • Falta de acesso a oportunidades em função da situação financeira • Valorização financeira 	<p>Marcadores de diferenças entre adolescências</p>	<p>Refere-se às concepções dos participantes quanto às diferenças (ou não) entre adolescentes de diferentes tipos de escolas.</p>

A descrição dos resultados é apresentada de acordo com a frequência em que cada código foi mencionado nas respostas dos participantes, buscando dar relevância aos códigos mais mencionados, seguindo para os menos mencionados.

Características (típicas) Gerais da Adolescência

Os adolescentes entrevistados consideram a adolescência uma fase do desenvolvimento, o que foi mencionado entre as participantes de escolas particular e públicas,

conforme relatado por Beatriz (12 anos, escola particular): *“porque nela [adolescência] onde a gente se desenvolve, tanto fisicamente como emocional”*, e por Isaura (12 anos, escola pública): *“Eu acho que é quando você sai da fase de criança”*. Essa fase do desenvolvimento está relacionada à puberdade, na qual ocorrem oscilações hormonais e mudanças corporais, conforme mencionaram Iza (13 anos, escola particular): *“algumas coisas são meio parecidas por causa dos hormônios”* e Berenice (12 anos, escola pública): *“como que está começando a amadurecer tem a puberdade, né? Por exemplo, os meninos a voz muda, as meninas o corpo começa a mudar”*. Berenice acrescentou o aumento do sono como uma característica padrão de todos os adolescentes: *“Povo que dorme muito”*.

A maturidade foi uma característica citada principalmente pelas participantes de ambos os tipos de escolas. Bernadete (13 anos, escola particular) mencionou: *“ao mesmo tempo que você conversa com uma criança de oito anos, aí do nada o adolescente vira uma pessoa de vinte e um anos formada em... sei lá... medicina”*. Iza (13 anos, escola pública) disse: *“compreender, também, muitas coisas, porque quando você é menor você não compreende muita coisa que acontece na vida”*.

O foco nos estudos também foi citado como uma característica da adolescência. A complexidade das disciplinas na escola e a preparação para o vestibular exigem que os adolescentes se dediquem mais aos estudos, conforme mencionaram algumas participantes de ambos os tipos de escolas e um participante do sexo masculino de escola pública. Branca (13 anos, escola particular) mencionou: *“eu quero cursar uma área ou da medicina ou da ciência, então eu acho que daqui a alguns anos eu vou estar estudando bastante também”*. Os estudantes de escolas públicas Iza e Ian (13 anos) disseram, respectivamente: *“você tem que estudar mesmo não gostando”* e *“eu acho que como qualquer outro [adolescente] eu vou estudar”*.

A adolescência também foi considerada um período de descobertas. Para as participantes da escola particular, a adolescência é um período que se desenvolve por meio das experiências vividas, conforme mencionaram Branca (13 anos): *“a gente acaba conhecendo coisas novas, vai passando por mudança”* e Isaura (12 anos): *“é bom porque a gente vai aprendendo coisas novas, a gente vai vendo o outro lado da vida”*.

A adolescência pode ser considerada apenas uma fase do desenvolvimento, uma fase passageira, mas muito importante. Sobre esse código, Ian (13 anos, escola pública) mencionou a adolescência como uma fase que passa e que é padrão para todos os adolescentes: *“pra mim a adolescência é uma fase que a gente passa, pra mim é apenas isso”*. Berenice (12 anos, escola particular) acrescentou que é importante aproveitar a adolescência visto que ela é passageira: *“a gente tem que viver ela [adolescência], tipo a vida só se vive uma vez, né? Então você tem que arriscar nas coisas que você faz e ser feliz com a adolescência”*. A adolescência também foi caracterizada como uma fase importante do desenvolvimento para Beatriz (12 anos, escola particular): *“Para mim adolescente é uma parte muito importante da vida”*.

A adolescência é um período de pensar nas responsabilidades e no trabalho, principalmente para os adolescentes de escolas públicas, segundo os participantes da escola particular. Pode-se citar como exemplo a fala de Benjamin (13 anos, escola particular): *“às vezes, adolescentes de classe mais baixa acabam entrando pra área de trabalho mais cedo ou requer um esforço maior até mesmo pra ajudar a família ou em alguma questão”*.

A maturidade e responsabilidade desenvolvidas na adolescência podem desencadear preocupações com o futuro e com projetos de vida. Segundo participantes do sexo feminino de ambos os tipos de escolas e de um participante do sexo masculino da escola pública, pensar sobre formar uma família e sobre quem o adolescente quer ser na vida são característicos da adolescência: *“Aí tipo eu vou pensar em ter um marido, em ter uma família”* (Beatriz, 12 anos,

escola particular); *“porque apesar de eu tá na adolescência eu penso muito sobre o futuro”* (Ian, 13 anos, escola pública).

O desenvolvimento cognitivo foi citado apenas por participantes do sexo feminino da escola particular. Beatriz (12 anos) mencionou: *“é nela [adolescência] que a gente adquire conhecimento melhor”* e Bernadete (13 anos) disse: *“vou ser mais inteligente”*.

Relacionamentos Afetivos

A socialização é um aspecto muito importante na fase da adolescência. A importância de socializar e o aumento de eventos sociais foi relatado por todas as participantes de ambos os tipos de escolas. Berenice (12 anos, escola particular) disse: *“A gente se diverte assim com pessoas ao nosso redor, que a gente vai pra lugares e a gente tem a oportunidade de se relacionar com as pessoas, então eu acho que é uma coisa boa”*. Bernadete (13 anos, escola particular) falou sobre amizades: *“tipo, esses dias mesmo a gente acaba perdendo alguns amigos, vai ganhando outros, tipo assim”* e Isaura (13 anos, escola pública) disse: *“a adolescência inteira a gente vai pra escola e a gente vê todo mundo a gente sai, a gente vê a pessoa”*. Nenhum participante do sexo masculino não falou sobre o assunto.

Além da socialização, outras duas características mencionadas foram envolvimento amoroso e melhora no convívio familiar. Para Ian (13 anos, escola pública), a adolescência é o período do início dos envolvimento amorosos: *“é um período de fácil paixão, que uma pessoa consegue se apaixonar muito fácil...vou gostar de uma pessoa”*. Para Iza (13 anos, escola pública), a adolescência é um período de melhora no convívio familiar: *“começa a conversa mais, sobre coisas que interessam pra eles [pais] também. Eu, no meu caso, como eu tenho uma irmã, então ela tem 16. Então agora que eu tô entrando [na adolescência], eu tenho mais assuntos para conversar com ela, coisas que ela se interessa também sabe?”*

Problemas Associados à Adolescência

A instabilidade emocional foi a característica mais relatada pelos participantes. Todos os adolescentes, de todas as escolas, perceberam a oscilação emocional que surge durante a adolescência. Os relatos dos entrevistados demonstram claramente que eles percebem que a instabilidade emocional é desencadeada nessa fase do desenvolvimento. Como exemplos dos estudantes da escola particular, pode-se citar a fala de Beatriz (12 anos): *“deve ser uma montanha russa, tipo tem hora que eles são felizes, aí eles podem tá triste”* e de Benjamim (13 anos): *“ficar preocupado com as coisas, tipo ficar refletindo sobre tudo que você faz, tem dia que você acorda bem, e tem outros que acorda ruim. Tipo, tem dia que você não quer ver a cara de ninguém, e tem dia que você quer só ficar abraçado com as pessoas”*. Como exemplos mencionados por participantes da escola pública pode-se citar Isa (13 anos): *“tem dia que a gente acorda não querendo fazer nada, tem dia que a gente acorda querendo fazer tudo certo”* e Ian (13 anos), que mencionou problemas psicológicos além da instabilidade emocional que ele já identifica em si mesmo: *“eu tive depressão, tenho ansiedade então pra mim é um momento não uma fase, a adolescência pode ficar melhor no futuro, mas no momento está ruim”*.

A irritação foi uma característica mencionada de forma específica por alguns participantes da escola particular, conforme citaram Berenice (12 anos): *“às vezes ficar irritado, muito fácil”* e Benjamim (13 anos): *“ele [irmão] era bem emburrado com qualquer coisa, qualquer coisa ele estressava, levava ao extremo, reclamava de tudo...acredito que não vou ser muito diferente do meu irmão, não”*.

Sobre o código rebeldia, foram mencionados aspectos como discussão com os pais e desobediência, conforme os exemplos a seguir: *“você começa a discutir mais com seus pais”* (Berenice, 12 anos, escola particular), *“a gente acaba ficando como rebelde”* (Bernadete, 13

anos, escola particular), “...tirando a parte desobedecer bastante os pais e dependendo do tanto de respeito que a pessoa tem, às vezes nem escuta que o pai fala” (Ian, 13 anos, escola pública); “a [adolescência] do meu irmão foi bem complicada pra minha mãe” (Isaura, 12 anos, escola pública).

A evitação (isolamento) social, relacionada à ideia de que a adolescência é um período de isolamento e maior envolvimento com atividades solitárias, foi mencionada apenas por participantes do sexo feminino de escolas públicas. Isa (13 anos) disse: “*Você acaba ficando mais até no seu quarto*” e Isaura (13 anos) falou: “*you acaba ficando mais no celular*”.

Participantes do sexo feminino de ambos os tipos de escolas mencionaram o *bullying* como uma característica negativa da adolescência. Pode-se citar como exemplos a fala de Beatriz (12 anos, escola particular): “*às vezes alguns adolescentes sofrem bullying*” e Isaura (12 anos, escola pública) “[a adolescência] *acaba sendo um pouco difícil, e ainda mais que na escola tem a questão do bullying, né? E agora, também, no mundo virtual acabou entrando o bullying virtual, então fica bem difícil para algumas pessoas*”.

Os códigos preocupação com a autoimagem e pressão social podem estar interligados e foram mencionados apenas por participantes do sexo feminino da escola particular. Em relação à preocupação com a autoimagem, Beatriz (12 anos) mencionou: “*adolescentes imaginam sempre uma vida perfeita e a coisa do corpo perfeito, que muitas meninas são fissuradas e tudo mais, então meio complicado*”. Quanto à pressão social, Beatriz continuou: “*mas também acho que é nessa fase que a gente tem mais pressão, não falo em questão de trabalho ou de escola, mas falo assim da mídia também*” e Branca (13 anos) disse: “*a ‘julgação’ das pessoas que vem muito em cima dos adolescentes... um pouco dos familiares. Um pouco dos amigos, a mídia, a sociedade, então é um pouco de todo mundo*”.

Não gostar da escola foi uma característica pouco comentada. Apenas uma participante da escola pública mencionou essa característica: *“acho que quando você cresce também as matérias na escola vai dificultando, então a maioria dos alunos não gosta da escola”* (Branca, 13 anos, escola particular).

Origem da Concepção sobre Adolescência

Um dos objetivos deste estudo foi entender quais as origens das percepções que os adolescentes têm sobre a adolescência. Os participantes relataram que a principal fonte de influência de suas concepções são as experiências de pessoas mais velhas (pais, irmãos e outros adolescentes). Beatriz (12 anos, escola particular) comentou sobre a influência de seus pais: *“às vezes, meus pais já me falavam, aí eles falavam da adolescência deles”*. Benjamin (13 anos, escola particular) falou sobre seu irmão: *“eu aprendi vendo meu irmão, meu irmão é mais velho que eu. Aí eu ouvi ele, porque ele tem 20, aí quando eu era criança ele estava na adolescência e era assim”*. Além de mencionar a experiência dos pais, Isaura (12 anos, escola pública) mencionou a experiência de outras pessoas: *“eu acho que a gente vai aprendendo aos poucos, vendo nossos pais ou as outras pessoas da família. A gente vai aprendendo vendo os outros, por exemplo, na escola ou em casa, na internet, agora também”*.

A influência que as pessoas exercem sobre o adolescente também foi mencionada. As participantes de ambas as escolas falaram que a influência de pessoas mais velhas pode ser prejudicial, quando elas dão maus conselhos e fazem cobranças: *“se a pessoa não tiver cuidado de não deixar ser meio que influenciada por pessoas, ela acaba desenvolvendo problema de ansiedade e depressão”* (Bernadete, 13 anos, escola particular); *“a parte ruim eu acho que é porque quando você tá com pensamento positivo e vem alguém fala alguma coisa que te desanima”* (Iza, 13 anos, escola pública).

Alguns participantes consideraram a experiência pessoal como fonte de concepção da adolescência, ainda que eles estejam no início dessa fase. Algumas participantes de escola particular e o participante do sexo masculino de escola pública formaram um pouco das suas concepções da adolescência por meio das mudanças que eles perceberam em si mesmos: *“eu acho que revendo o meu eu de antigamente. Eu não sei se eu posso dizer assim, porque quando eu era menor por volta de 9, 10 anos eu pensava totalmente ao contrário. E aí conforme foram acontecendo, conforme foi vindo de uns tempos pra cá, e eu comecei a perceber que não é assim, que isso é certo e isso é errado”* (Branca, 13 anos, escola particular); *“vivendo, eu tive experiências, eu aprendi sobre as coisas, basicamente tudo que eu sei é vivendo”* (Ian, 13 anos, escola pública).

A mídia, tal como redes sociais e televisão, também pode ser uma forma de influência para a percepção da concepção da adolescência. As participantes da escola particular relataram que sentiram essa influência: *“eu acho que a mídia influencia muitas pessoas, isso pode ser ruim e pode ser bom ao mesmo tempo, depende do que você vê na mídia. Então eu acho que é um pouco da mídia”* (Branca, 13 anos, escola particular).

Marcadores de Diferenças entre Adolescências

Quando questionados se a adolescência era vivenciada de forma padronizada, todos os adolescentes responderam que sim, conforme mencionaram Branca (13 anos, escola particular): *“eu acho que o pensamento de todo mundo é o mesmo assim, eles têm tipo uma das mesmas mentalidades assim porque é tudo meio criança e meio adulto sabe?”*; e Isaura (12 anos, escola pública) *“Adolescente em si não tem diferença, mas tem em perspectiva”*. No entanto, embora as respostas dos participantes tenham indicado que eles entendem as adolescências como sendo iguais, eles mencionaram que podem existir diferenças relacionadas ao contexto socioeconômico, às práticas educativas parentais e à personalidade. Em relação

aos aspectos socioeconômicos, pode-se citar como exemplo a fala de Ian (13 anos, escola pública): *“eu penso que as duas [adolescências] passam do mesmo jeito, coisa que muda que uma tem dinheiro e outra não. Não vejo diferença além disso”*.

As participantes de ambos os tipos de escolas mencionaram que cada pessoa é única, com personalidade diferente e que cada um vai lidar com a adolescência de um jeito: *“mas cada um, pra mim, tem uma personalidade diferente, um jeito diferente”* (Branca, 13 anos, escola particular); *“só que vai ser difícil, que ninguém é igual na vida, não é igual de ninguém”* (Iza, 13 anos, escola pública). As participantes de ambas as escolas, afirmam que o que difere cada adolescente são as práticas educativas parentais: *“depende mesmo de como os pais criam, né? Não pelo fato do dinheiro, mas do jeito que os pais educam as crianças”* (Bernadete, 13 anos, escola particular); *“mas os pais educam daquele jeito ali e ela vai crescer daquele jeito”* (Berenice, 12 anos, escola particular); *“é a educação, mas não a classe econômica”* (Isaura, 12 anos, escola pública).

Outro aspecto que contradiz a afirmação da que a adolescência é igual foi o impacto que as diferenças socioeconômicas desencadeiam na concepção da adolescência. Para os entrevistados, a diferença entre o adolescente “rico e o pobre” está totalmente relacionada às oportunidades que esses adolescentes terão na vida, principalmente em relação ao futuro. Como exemplo, pode citar a fala de Isaura (12 anos, escola pública): *“os adolescentes de classe mais alta, que tem renda financeira, tem mais acesso a escolas particulares, onde os ensinamentos são melhores... a adolescência em si muda, né? ela muda, dependendo do jeito que você vive, do jeito que é a sua vida, as coisas ao seu redor, das oportunidades”* e de Ian (13 anos, escola pública): *“não tem diferença [adolescência] tirando o estudo e o pessoal, poder se divertir mais. Por exemplo, ir em festa, se encontrar em um lugar mais chique ou lugar mais tranquilo, como uma quadra de futebol”*

A concepção de adolescência para adolescentes de escolas públicas é permeada pela falta de oportunidade, conforme mencionado por Isaura (12 anos, escola pública): “*peessoas pobres infelizmente não tem essa oportunidade, então tem uma diferença bem grande*”. Por fim, uma participante da escola pública ressaltou o valor que os adolescentes de níveis socioeconômicos mais baixos dão para suas conquistas: “*peessoas pobres dão mais valor no que elas têm, no que elas conseguem e os ricos já tem, então eles não precisam dar valor*” (Iza, 13 anos, escola pública).

Síntese dos Resultados e Discussão

Dados Sociodemográficos e Econômicos

Este estudo demonstrou que os adolescentes de escola particular moram em lares nucleares (formados por mãe, pai e filhos) em maior número do que os adolescentes de escolas públicas, que moram em grande parte em lares monoparentais (composto apenas pelo pai ou pela mãe e filhos) ou com a família extensa (composta por avós e tios). A idade dos responsáveis pode ser um fator que contribui para o tipo de família que convive com o adolescente, já que os responsáveis pelos adolescentes de escola particular são mais velhos do que os de escola pública.

Em relação ao estado civil dos responsáveis, percebeu-se um maior índice de casamento entre os pais dos participantes da escola particular em contraposição a um maior índice de união estável entre os pais dos participantes das escolas públicas. Pode-se inferir que a união estável é um acordo matrimonial mais prático e acessível economicamente, uma vez que não requer um ritual festivo como o casamento.

Quanto ao nível socioeconômico, a maioria dos participantes de escola particular pertencem as classes A e B, consideradas classes altas. Em contrapartida, os participantes de escolas públicas pertencem, na sua maioria, às classes D e E. Os participantes de classes C

estavam em maior número em escolas particulares, mas também frequentavam escolas públicas.

O número de desemprego dos responsáveis foi maior entre os responsáveis por adolescentes de escola particular e o número de trabalhadores fixos foi maior em responsáveis por adolescentes de escolas públicas. Esses dados podem estar relacionados ao aumento do desemprego no Brasil, causado pelo contexto pandêmico em que o país se encontrava durante a coleta dos dados.

Dados do Questionário Aberto sobre Concepções de Adolescentes

A adolescência é uma fase do desenvolvimento que têm aspectos positivos e negativos, conforme demonstrado na apresentação dos resultados. Os dados, apresentados de forma separada nos resultados, são discutidos juntos para sintetizar as categorias do desenvolvimento com mais clareza.

Em relação à categoria *desenvolvimento corporal*, todos os participantes mencionaram mudanças no corpo e puberdade como uma característica da adolescência. Essa característica é a única que pode ser considerada padrão da adolescência, pois está relacionada ao desenvolvimento biológico que acontece com todo ser humano (Bock, 2007; OPAS, 2008; Papalia & Feldman, 2013). Nesse sentido, para a maior parte das pessoas, a puberdade é a fase em que o corpo deixa de ter o aspecto de criança e começa a sofrer mudanças para a adultez (Alves, 2020).

O aumento da fome e do sono foi mencionado pelos participantes de ambas as escolas, vinculado às mudanças corporais. Pode ser que todos os adolescentes tenham citado fome e sono, pois essas características são universais e ocorrem com o desenvolvimento biológico e com “estirão do crescimento”, que exige mais energia e gasto calórico (Bock, 2007; OPAS, 2008). O sono também pode ser entendido como resultado de mudanças comportamentais na

rotina do adolescente, que tende a dormir mais tarde para ficar em jogos e redes sociais e levantar cedo para estudar, o que, por sua vez, pode causar privação do sono, deixando o adolescente mais sonolento durante o dia (Papalia & Feldman, 2013).

A categoria *desenvolvimento sexual* foi a menos citada pelos adolescentes. Como as menções a essa categoria foram generalizadas, não foi possível fazer uma análise aprofundada desse dado. Salienta-se, que a coleta de dados foi realizada em uma escola particular evangélica, que, embora tenha espaço para discutir sobre sexualidade, o faz a partir de um viés religioso⁴. Sabe-se que a adolescência é uma fase de exploração dos papéis de gênero e de descobrimento da sexualidade (OPAS, 2008). Nesse sentido, deve-se destacar que a sexualidade do adolescente é desenvolvida de acordo com o ambiente em que ele vive, com as relações sociais que ele estabelece e com o tipo de auxílio dos pais nesse processo (Alves, 2020; Carvalho & Melo, 2019).

No que se refere à categoria *desenvolvimento cerebral*, os dados demonstraram que a característica de inteligência foi citada pelos participantes de ambos os sexos de escola particular e, em maior número, pelos participantes do sexo masculino de escolas públicas. O controle cognitivo é mais flexível na adolescência, o que pode aumentar a sensibilidade para a busca de conhecimento e a habilidade de resolução de problemas (OPAS, 2008; Qu et al., 2018). Portanto, embora a capacidade intelectual se desenvolva nesse período, ela não é percebida como natural da adolescência, e sim como um processo que se desenvolve a partir do contexto social (Bock, 2007). Por outro lado, de acordo com Ozella e Aguiar (2008), o adolescente pode se valorizar mais intelectualmente, no sentido de buscar conhecimento por si mesmo, o que pode aumentar sua consciência sobre sua inteligência.

⁴ Essa informação foi confirmada com a coordenadora pedagógica da escola.

A criatividade foi mencionada pelos participantes do sexo masculino de ambas as escolas. Os adolescentes do sexo masculino tendem a desenvolver áreas do cérebro que são mais focadas em habilidades criativas (OPAS, 2008). A flexibilidade cerebral que ocorre na adolescência (OPAS, 2008; Qu et al., 2018) permite o desenvolvimento do pensamento criativo direcionado para possibilidades para resolução de problemas (Lavesque, 2018a). Vennign et al. (2018) afirmam que as experiências positivas contínuas se combinam para ampliar os recursos cognitivos, aumentando o envolvimento do adolescente com exploração de novas possibilidades, despertando a criatividade.

A curiosidade foi citada pelos participantes de escolas públicas, principalmente as do sexo feminino. Geralmente, as adolescentes do sexo feminino tendem a desenvolver um amadurecimento cerebral mais rápido nas áreas com foco no interesse e curiosidade (OPAS, 2008), o que significa que a curiosidade está atrelada aos interesses da pessoa (Lin et al., 2018). Independentemente do gênero, a adolescência é uma fase de mudanças de pensamentos, o que possibilita compreender melhor o mundo e aguçar a curiosidade para querer saber sempre mais (Larocca et al., 2016).

A falta de concentração foi percebida em maior número pelos participantes do sexo masculino de escola particular. A falta de concentração pode ser uma dificuldade maior para adolescentes do sexo masculino devido o processo de maturação cerebral. A concentração pode estar conectada com os interesses pessoais, ou seja, a falta de concentração pode ocorrer quando o adolescente não está envolvido com a tarefa. Para o adolescente se interessar por algo, é necessário ter um propósito que faça sentido para ele (Larocca et al., 2016).

Já o foco nos estudos foi mencionado por todos os participantes, porém em número menor pelas participantes de escola particular. A menção do foco nos estudos por todos os participantes pode estar relacionada ao vestibular, que começa a ser uma preocupação quanto

ao futuro profissional para todos os adolescentes (Ozella & Aguiar, 2008). O foco nos estudos pode estar relacionado à ascensão social, típica de sociedades capitalistas, a qual reforça a importância dos estudos e da qualificação profissional para conquistar empregos bem remunerados e garantir o futuro profissional dos adolescentes (Bock, 2007; Melsert & Bock, 2015).

Os resultados referentes à categoria *desenvolvimento emocional* indicaram que, para os participantes do estudo, a instabilidade emocional é o aspecto mais representativo da adolescência. O bom humor e a tranquilidade foram características citadas por grande parte dos adolescentes. Em contrapartida, as características de oscilação emocional e tristeza foram mencionadas por grande parte dos participantes. A adolescência é considerada uma fase de oscilação de humor, que pode estar relacionada às dificuldades e às mudanças corporais (Bock, 2007; Delany & Cheung, 2020). Buchanan e Hughes (2009) defendem que a adolescência pode ser vivida com tranquilidade, dependendo das expectativas que as pessoas de convivência do adolescente projetam neles. Seguindo essa ideia, para esses autores, os adolescentes não querem viver tristes e estressados, no entanto, as expectativas dos adultos podem gerar conflitos que causam sintomas internalizantes como tristeza, ansiedade e distanciamento. A profecia autorrealizável explica que as expectativas negativas projetadas nos adolescentes aumentam a percepção de que a adolescência é uma fase de estresse e tempestade, o que gera abertura para oportunidades de realizar os comportamentos esperados (Buchanan & Hughes, 2009).

A irritação e o estresse foram citados pela maioria dos participantes, especialmente os de escola particular. A irritação e o estresse podem ser fruto da cultura social, principalmente quando o adolescente é pressionado a assumir responsabilidades e expectativas criadas pela sociedade, como estudar para o vestibular (Wang et al., 2020). Embora essas responsabilidades

possam ajudar no desenvolvimento saudável do adolescente, elas podem desencadear altos níveis de estresse e irritação que podem ser prejudiciais (Wang et al., 2020).

Para Delany e Cheung (2020), a adolescência é uma fase de formação de identidade, que pode ser um período crítico para alguns adolescentes. Se o adolescente experimenta vivências mais articuladas para o autoconhecimento, isso desencadeia maior sensação de bem-estar, porém, os adolescentes que não desenvolvem o senso de autoconhecimento são mais propensos a sentimentos de estresse e irritação (Delany & Cheung, 2020). Portanto, pode-se inferir que a irritação e o estresse estão relacionados aos contextos no qual o adolescente está inserido e no desenvolvimento das suas estratégias de *coping*.

A ansiedade e o medo foram mencionados principalmente pelos participantes de escolas públicas. Já a insegurança foi mais mencionada pelos participantes de escola particular. A ansiedade pode estar conectada ao medo do futuro e a insegurança pode estar atrelada às dificuldades sociais momentâneas, podendo causar uma sobrecarga que traduz a percepção de que a adolescência é pesada e difícil (Ozella & Aguiar, 2008). Tanto a ansiedade quanto a insegurança podem desencadear sentimentos de falta de interesse e preguiça, características citadas pelos participantes de ambas as escolas, como estratégias para evitar desafios que podem gerar frustrações (Larocca et al., 2016; Santos & Medeiros, 2020). O adolescente pode demonstrar preguiça e falta de interesse em assuntos nos quais ele tem dificuldade de compreensão; nesse caso podem ocorrer bloqueios emocionais que impedem o foco atencional em relação a esses assuntos (Santos & Medeiros, 2020).

A extroversão foi citada pelos participantes de ambas as escolas, em maior número pelos de escolas públicas. Porém, os participantes também relataram sentir introversão e timidez, principalmente as de escola particular. Esses dados demonstram uma diferença em relação ao tipo de escola e ao sexo. Em relação à extroversão, pode-se pensar que adolescentes

de escolas públicas se envolvam mais socialmente, sejam mais desinibidos e consigam se expressar mais do que os de escola particular (Levesque, 2018b). Essas características são desenvolvidas pela necessidade de buscar companhia e apoio social (Levesque, 2018b). Quanto à timidez e à introversão, as adolescentes do sexo feminino tendem a ser vistas como mais protegidas e delicadas, o que pode aumentar a dificuldade de se expor socialmente, desencadeando mais sentimentos de timidez (Greene & Patton, 2020). A timidez também pode ser considerada um traço de personalidade, que contribui para comportamentos de introversão social, independentemente do sexo do adolescente (Bowker et al., 2018; Levesque, 2018b).

A responsabilidade foi citada por grande parte dos participantes de ambas as escolas. Algumas participantes de escolas públicas mencionaram, apesar de em menor número, a falta de responsabilidade. Os resultados indicam que os adolescentes tendem a considerar a adolescência como uma fase de desenvolvimento do senso de responsabilidade. Para Bush e James Jr. (2020), a responsabilidade está vinculada ao desenvolvimento da independência e ao cumprimento de normas sociais. Os autores afirmam que a adolescência é a fase em que começam os comportamentos mais ativos no sentido de fazer parte da sociedade e, para isso, é necessário assumir papéis de responsabilidade.

Deve-se observar também que o termo responsabilidade pode ser considerado subjetivo, dependendo do nível socioeconômico do adolescente. Por exemplo, adolescentes de nível socioeconômico mais baixos podem entender a responsabilidade como ajudar a família, trabalhar, sustentar-se e buscar oportunidades melhores. Adolescentes de nível socioeconômico mais altos podem entender a responsabilidade como tornar-se mais sério, buscar projetos futuros, conviver mais com a família ou perder prazer (Ozella & Aguiar, 2008).

Quanto à categoria *desenvolvimento social*, a socialização por meio de redes sociais, jogos e aplicativos on-line foi mencionada por participantes de ambas as escolas, em maior

número pelas do sexo feminino. Bansal (2021) atenta para a importância de pesquisar sobre adolescentes do sexo feminino utilizarem mais as mídias sociais do que os do sexo masculino. Isso pode ocorrer, pois em função da timidez e da introversão, adolescentes do sexo feminino podem ter mais dificuldade de relacionamento, o que torna a socialização via on-line uma alternativa mais prática (Greene & Patton, 2020).

Independentemente do sexo do adolescente, com a facilidade de acesso à tecnologia e às ferramentas on-line, a comunicação entre os adolescentes está em processo de mudança, implicando no desenvolvimento social, nos relacionamentos e no comportamento (Delany & Cheung, 2020; Grover, 2021). Essa facilidade que o mundo on-line disponibiliza pode impactar o desenvolvimento do adolescente, tanto positiva quanto negativamente (Bansal, 2021). Alguns fatores negativos são as dificuldades de interação social real e a distorção de pensamentos entre a realidade e o que é postado nas redes sociais (Bansal, 2021; Lee, 2020). Já os fatores positivos englobam a praticidade para conhecer pessoas fora dos limites geográficos e o acesso rápido a informações (Bansal, 2021; Schwartz & Petrova, 2020). O fato de redes sociais, jogos e aplicativos on-line terem sido mencionados por participantes de ambas as escolas também pode ser compreendido com um reflexo do contexto pandêmico. O uso das redes sociais foi um recurso importante para a manutenção dos relacionamentos e demonstrações de afetos, em um período em que não apenas os adolescentes, mas toda a população mundial, foram impedidos de manter contato presencial (Andrade et al. 2020).

Os adolescentes também mencionaram que a vida social é mais ativa, principalmente os do sexo masculino de ambas as escolas e as do sexo feminino de escola pública. Infere-se que adolescentes de escolas públicas podem não ter tanta facilidade de acesso a aparelhos eletrônicos e internet quanto os de escola particular, diminuindo a socialização virtual e aumentando a participação na vida social. Além disso, a socialização pode ser mais

desenvolvida em alguns contextos culturais do que outros, dependendo do apoio que o adolescente recebe para buscar autonomia social (Bush & James Jr., 2020). O desenvolvimento social é um fator de extrema importância para a adolescência, pois é por meio das conexões sociais que se aprende valores, habilidades de comunicação, proximidade, segurança, desenvolve-se características socioemocionais e preserva-se o bem-estar do adolescente (Delany & Cheung, 2020; Fernández-Zabala, 2020; OPAS, 2008; Ribeiro & Rocha, 2017).

Em contraponto, a evitação social foi mencionada, com mais frequência, por participantes do sexo feminino de ambas as escolas. A evitação social pode ser uma característica utilizada como estratégia de evitação de exposição e conflitos (Lee, 2020). A necessidade de pertencer a um grupo social é considerada uma característica típica da adolescência, porém alguns grupos podem gerar contextos de rejeição deixando o adolescente sentindo-se perdido e excluído. Essa rejeição pode ser a causa para alguns adolescentes preferirem o isolamento social (Bowker, 2018; Fernández-Zabala, 2020; Santos & Medeiros, 2020). O amadurecimento prematuro de alguns adolescentes pode ser outro fator que desencadeia o isolamento social: por não experimentar o desenvolvimento que ocorre naturalmente o adolescente pode não se sentir pertencente a um grupo social, isolando-se (Ribeiro & Rocha, 2017).

Outra característica citada por participantes de ambas as escolas foi a preocupação com estilo e moda, que pode estar relacionado à necessidade de pertencimento e encaixe em grupos sociais (Gomes et al., 2020). A globalização, por meio da influência que as mídias geram sobre os padrões de beleza e vestimenta, pode ter aumentado a preocupação do adolescente com estilo e moda. Assim, o adolescente se sente pressionado a ter um estilo e roupas que condizem com o grupo em que quer ser inserido (Schwartz & Petrova, 2020). Essa influência causada pelos padrões sociais pode tornar o estilo e a moda tão essenciais quanto as necessidades

básicas do adolescente, o que pode ser prejudicial para adolescentes que não podem cumprir as exigências impostas pelo grupo (Martins et al., 2003).

A característica de obediência e a ajuda aos pais foi citada em maior número pelos participantes de escolas públicas. Essas características podem ter sido mais mencionadas por esses participantes, pois nessas famílias é mais comum que os adolescentes precisem ajudar seus pais para que os últimos possam trabalhar (Bush & James Jr., 2020). Em relação à ajuda aos pais, evidências indicam que adolescentes de ambos os sexos que frequentam escolas públicas, não raro, precisam assumir tarefas de cuidado dos irmãos menores e domésticas para que suas mães trabalhem (Dellazzana & Freitas, 2010; 2012; Dellazzana et al., 2021). A obediência, por sua vez, pode ser considerada uma resposta do comportamento do adulto, ou seja, os adolescentes podem se comportar de forma obediente de acordo com o contexto em que são inseridos, por exemplo uma casa em que se emprega o respeito, a lealdade, a amizade e a comunicação (Ribeiro & Rocha, 2017).

Um pequeno número de participantes do sexo feminino de escolas públicas acrescentou a melhora no convívio familiar como característica da adolescência. Esse resultado reforça as ideias de Buchanan e Hughes (2009), segundo os quais a adolescência pode ser uma fase positiva, com expressão de comportamentos positivos e proximidade familiar se as expectativas dos adultos forem percebidas com um olhar positivo para o adolescente. Nesse sentido, o convívio familiar está relacionado com a educação parental: quando se desenvolve um bom relacionamento familiar desde a infância, o bem-estar e o relacionamento entre pais e filhos é incentivado (Wang et al., 2020).

Por outro lado, a rebeldia foi bastante citada pelos participantes de ambos os sexos e escolas. A concepção de rebeldia é vista como uma característica marcante da adolescência, vinculada à dificuldade do adolescente de expressar a sua opinião (Ozella & Aguiar, 2008).

Para Bock (2007), a rebeldia pode ser percebida mais como um estereótipo impregnado do que como uma realidade da adolescência. A autora afirma que a rebeldia é uma definição cultural em que existe uma ordem de “lugares” para adultos e adolescentes, e quando o adolescente resiste a essa ordem e sai do padrão imposto, ele é percebido como rebelde. Por exemplo, alguns comportamentos exibidos por adultos são aceitos socialmente, porém, quando esses mesmos comportamentos são exibidos por adolescentes, eles são percebidos como rebeldia (Gross & Hardin, 2007). Outro exemplo são as características de criatividade e curiosidade que acarretam questionamentos e opiniões críticas, percebidas como rebeldia e indisciplina (Santos et al., 2014). Esse tipo de estereótipo é discriminatório e prejudicial para o desenvolvimento do adolescente (Gross & Hadin, 2007; Santos et al., 2014).

A independência e a dependência emocional foram mencionadas principalmente pelos adolescentes de escola particular e essas características podem estar interligadas. Araújo e Oliveira (2010) alegam que a independência está conectada com o senso de pertencimento, o qual estimula o desenvolvimento do processo social baseado em comportamentos relativamente previsíveis. Sendo assim, a ideia de que o adolescente é considerado muito imaturo para ser independente e muito “velho” para ser dependente pode ajudar a oscilar os níveis de dependência e independência do adolescente, de acordo com o contexto. Assim, apesar de que o adolescente ter todos os requisitos cognitivos, afetivos e fisiológicos para ser independente, quando ele não recebe autorização para ser independente, ele permanece numa posição de espera, não podendo desempenhar sua independência e mantendo-se dependente dos adultos (Bock, 2007; Gomes et al., 2016).

Os participantes do sexo masculino de escolas públicas mencionaram o trabalho como característica da adolescência. Os adolescentes do sexo masculino de escolas públicas entram no mercado de trabalho mais cedo para ajudar a família financeiramente, o que pode ocasionar

o abandono da escola (Melsert & Bock, 2015). Greene e Patton (2020) identificam o trabalho como uma decisão de transição para o papel sexual masculino, no qual o homem precisa trabalhar para ser aceito como adulto pela sociedade. Além disso, o trabalho pode ser benéfico para os adolescentes, ajudando no processo de amadurecimento e aumentando o senso de responsabilidade, independência e autoconfiança (Papalia & Feldman, 2013). O trabalho também pode ser percebido como uma possibilidade de ascensão social, constituindo um preparo para a vida adulta e para os projetos de vida, independentemente do sexo do adolescente (Bock, 2007; Ozella & Aguiar, 2008).

Dados da Entrevista Semiestruturada sobre Concepções de Adolescentes

Em relação ao tema *características (típicas) gerais da adolescência*, os resultados demonstraram que os adolescentes consideram a adolescência uma fase natural do desenvolvimento em todos os aspectos: corporal, emocional, cerebral e social. A adolescência é considerada natural, pois faz parte do desenvolvimento humano e do corpo. Bock (2007) faz uma crítica em relação à palavra natural. Para a autora, o desenvolvimento corporal – único aspecto natural da adolescência – não pode ser confundido com a adolescência enquanto fenômeno social. A naturalização da adolescência enquanto fenômeno social pode gerar uma percepção de que essa fase é rasa, o que, por sua vez, pode causar um desinteresse em relação a esse período do desenvolvimento (Araújo & Oliveira, 2010).

A maturidade foi mencionada pelas participantes do sexo feminino. O amadurecimento corporal, hormonal e cerebral ocorre em etapas diferentes, sendo mais rápido nas adolescentes do sexo feminino do que nos do sexo masculino (Ribeiro & Rocha, 2017; Santos & Medeiros, 2020). Nesse sentido, Eisenstein (2005) enfatiza que essas diferenças temporais de maturação inviabilizam a idade como o melhor critério para identificar a adolescência. A maturidade é um dos processos que desencadeiam a adolescência, pois é por meio do processo de maturação

corporal e cerebral que se inicia a puberdade e as características típicas da adolescência (Alves, 2020). Por isso, a maturidade é considerada uma característica primordial durante essa fase do desenvolvimento, instigando o adolescente a desenvolver seu papel na sociedade (Greene & Paton, 2020; Wang et al., 2020).

O foco nos estudos também foi citado como uma característica da adolescência. Essa característica pode estar relacionada ao aumento dos estudos por causa da preparação para o vestibular, que começa no Ensino Médio, ao aumento de disciplinas complexas, como física, química e aritmética e à preparação para a profissionalização. (Bock, 2007; Melsert & Bock, 2015; Ozella & Aguiar, 2008).

A adolescência também foi considerada um período de descobertas para as participantes de escola particular. Esse dado pode estar relacionado ao aumento no convívio social e ao início de relacionamentos amorosos e sexuais. Alves (2020) acrescenta que nessa fase de descobertas é muito importante a aproximação com família, cuja função é auxiliar e apoiar o adolescente para que eles não se sintam perdidos e desamparados.

Os participantes mencionaram a adolescência como uma fase passageira, mas muito importante do desenvolvimento. Essa concepção de adolescência passageira pode ter um paradigma negativo, se olhar para a adolescência como uma fase a ser suportada e superada (Bock, 2007). Porém, se vista como uma fase importante de ser aproveitada e desenvolvida, torna-se saudável e gera valores e aspirações que impulsionam o adolescente para a vida adulta (Alves, 2020; Greene & Paton, 2020).

Os participantes de escola particular mencionaram que a adolescência é um período de responsabilidade e trabalho, principalmente para os adolescentes de escolas públicas. O que torna esse resultado interessante é que os adolescentes de escola particular perceberam que a responsabilidade e o trabalho são mais evidentes em adolescentes de escolas públicas. Pode-se

inferir que os adolescentes de escolas particulares têm esse pensamento baseado na percepção imposta pela sociedade, de que os adolescentes de escolas públicas precisam trabalhar para ajudar a sustentar a família enquanto os adolescentes de escolas particulares podem se dedicar apenas aos estudos (Melsert & Bock, 2015).

Preocupações com o futuro e com o desenvolvimento de projetos de vida também foram mencionados pelos participantes. De fato, em função dos avanços cognitivos e morais próprios da adolescência, a construção de projetos de vida torna-se uma possibilidade durante essa fase do desenvolvimento (Dellazzana-Zanon et al., 2020). Construir projetos de vida na adolescência é um recurso fundamental que pode apoiar o crescimento e o desenvolvimento saudável do adolescente (Burrow et al., 2018) e desencadear responsabilidade e desenvolvimento de virtudes (Dellazzana-Zanon et al., 2021). Nesse sentido, a família e os grupos sociais são importantes para a concretização dos projetos de vida do adolescente (Ribeiro & Rocha, 2017). Evidências indicam ainda que passar por adversidades na infância e na adolescência pode impulsionar os adolescentes a desejarem ter um futuro melhor si, para sua família e também para sua comunidade (Sumner, et al., 2018).

Quanto ao tema *relacionamentos afetivos*, a importância da socialização foi mencionada por todas as participantes do sexo feminino, porém por nenhum participante do sexo masculino. Os participantes do sexo masculino demonstraram timidez e um deles verbalizou ter depressão e ansiedade, o que pode ser um fator para a evitação social. Conforme discutido anteriormente, a adolescência é uma fase que instiga a interação social entre pares, a necessidade de pertencimento em grupos sociais e o aumento das expectativas sociais (OPAS, 2008). A socialização está atrelada à aprendizagem da habilidade de comunicação que ajuda na regulação socioemocional (Delany & Cheung, 2020; Fernández-Zabala, 2020; Ribeiro & Rocha, 2017).

Outras duas características mencionadas foram envolvimento amoroso e melhora no convívio familiar. Essas características estão conectadas com a necessidade de demonstração de afeto e dependência emocional desenvolvida na adolescência, que podem ser instigadas pela necessidade de pertencimento social e descobertas sexuais e amorosas (Alves, 2020; Araújo & Oliveira, 2010; Buchanan et al., 2021; Carvalho & Melo, 2019; Ozella & Aguiar, 2008).

No que se refere ao tema *problemas associados à adolescência*, a instabilidade emocional foi a característica mais relatada pelos participantes. Embora essa característica seja percebida como natural nessa fase do desenvolvimento (Larocca et al., 2016; OPAS, 2008; Ribeiro & Rocha, 2017), ela não pode ser ignorada. Se o adolescente não desenvolver habilidades de *coping* para controle das emoções, ele poderá desencadear transtornos psicológicos como ansiedade, depressão e ideação suicida (Delany & Cheung, 2020; Santiago et al., 2018), assim como relatado pelo participante do sexo masculino de escola pública.

A instabilidade emocional pode ser explicada por diversos fatores. Um deles é o processo de amadurecimento cerebral (Papalia & Feldemam, 2013) que, juntamente com o contexto social, pode tornar-se um fator de risco ou de oportunidades para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais e de comunicação (Delany & Cheung, 2020; Fernández-Zabala, 2020; Larocca et al., 2016). A educação parental também é fonte de influência para a instabilidade emocional do adolescente. O tipo de interação entre pais e filhos pode desenvolver expectativas sobre a adolescência que sobrecarregam e desafiam os comportamentos que passam a ser exigidos ao adolescente, o que pode causar emoções intensas (Buchanan & Bruton 2018; Qu et al., 2020; Wang et al., 2020).

A irritação foi uma característica mencionada pelos participantes da escola particular. A irritação e o estresse podem ser desencadeados por causa das expectativas que a sociedade transfere para o adolescente. Essas expectativas estão relacionadas à responsabilidade, ao

amadurecimento e à socialização, as quais são impostas ao adolescente e tornam-se sobrecargas emocionais que podem prejudicar a formação da sua identidade (Delany & Cheung, 2020; Wang et al., 2020).

A rebeldia foi mencionada por todos os participantes e pode estar relacionada ao fato de o adolescente querer buscar expressar sua opinião, de modo diferente das regras impostas pela sociedade (Martins et al., 2003; Santos & Medeiros, 2020). O estereótipo de rebeldia é reforçado pela mídia e pela sociedade, escondendo o fato de que os comportamentos dos adolescentes são respostas aos comportamentos das pessoas com quem eles convivem (Larocca et al., 2016; Traverso-Yépez & Pinheiro, 2005). O termo “rebeldia” é subjetivo e está conectado com a palavra adolescência, pois existem comportamentos dos adolescentes que não são aceitos pela sociedade, mas são aceitos quando exibidos por adultos (Gross & Hardin, 2007).

A evitação social foi mencionada apenas por participantes do sexo feminino de escolas públicas. Essa característica pode ser considerada uma estratégia de segurança para evitar o desconforto da exposição social, causada pelos padrões de comportamento, beleza e estilo que a sociedade impõe (Bowker et al., 2018; Fernández-Zabala, 2020; Lee, 2020; Ribeiro & Rocha, 2017; Santos & Medeiros, 2020). A evitação social também pode estar relacionada ao *bullying*, mencionado por participantes do sexo feminino de ambos os tipos de escolas.

Evidências indicam que o *bullying* pode causar um impacto negativo para a saúde mental do adolescente (Levesque, 2018c; Oliveira et al., 2021; Santos & Medeiros, 2020). De acordo com Oliveira et al. (2021), existem evidências de que estudantes que têm maior desengajamento moral – o qual pode influenciar na percepção distorcida do julgamento negativo como sendo mais positivo – podem ser mais propensos a praticar *bullying*. Outro fator para a ocorrência do *bullying* são as cobranças de padrões exigidos por grupos sociais. Quando

o adolescente não se encaixa nesses padrões, ele pode ser humilhado e satirizado por seus pares (Santos & Medeiros, 2020). Importante enfatizar que a escola tem sido considerada o lugar com maior incidência de *bullying* na adolescência (Dellazzana et al., 2010; Santos & Medeiros, 2020), o que indica que as intervenções a redução de comportamentos de *bullying* precisam ser realizadas em âmbitos sociais e não individuais (Caetano et al., 2021).

Outras características citadas apenas por participantes do sexo feminino, de escola particular, foram a pressão social e a preocupação com a autoimagem. Entende-se que a necessidade de pertencimento cria uma pressão social e uma preocupação com o corpo excessiva, podendo causar transtornos como anorexia e bulimia (Delany & Cheung, 2020; Papalia & Feldman, 2013; Santos & Medeiros, 2020). Greene e Patton (2020) afirmam que o aumento das redes e mídias sociais podem estar introduzindo um risco grave para a preocupação com a autoimagem. A pressão social se torna geradora de estereótipos que são previsíveis e discriminatórias em relação ao adolescente (Gross & Hardin, 2007; Ozella & Aguiar, 2008; Santos & Medeiros, 2020).

Em relação ao tema *origem da concepção sobre adolescência* os participantes relataram que as experiências de pessoas mais velhas são a principal fonte de informação de suas concepções sobre a adolescência, seguindo da fonte de influência que outras pessoas exercem sobre o adolescente. Esses dados corroboram a ideia de profecia autorrealizável de Buchanan e Hughes (2009), segundo a qual os adolescentes ficam mais sujeitos a se comportar de acordo com as expectativas que os adultos projetam neles. Essa influência sobre a concepção da adolescência pode ser prejudicial, na medida em que o adolescente se comporta de acordo com as expectativas dos adultos, cumprindo assim a profecia autorrealizável. Madon (2011) vai além dessa ideia, afirmando que a concepção de adolescência é hereditária, ou seja, é aprendida e passada de geração para geração, perpetuando uma ideia fixa sobre uma adolescência

engessada e padronizada. Nesse sentido, as regras e crenças sociais impõem limites e, ao mesmo tempo, oferecem possibilidades para a conduta do adolescente, guiando-o para direções pré-definidas (Araújo & Oliveira, 2010; Bock, 2007). A flexibilidade cerebral do adolescente, ainda em amadurecimento, deixa-o mais sensível aos estímulos sociais, como influência de pessoas, o que pode explicar a tendência que o adolescente tem para cumprir as expectativas sociais (Papalia & Feldmam, 2013).

A experiência pessoal foi considerada como fonte de conhecimento sobre a concepção da adolescência, apesar de os participantes do estudo, cuja média de idade é 12,5 anos, estarem vivenciando o início dessa fase. Os participantes mencionaram vivências e mudanças de comportamentos e pensamentos que eles já percebem nessa fase de adolescência inicial como perceber que comportamentos infantis foram deixados de lado para abrir espaço para comportamentos mais sociais e pensamentos sobre questionamentos de propósitos existenciais.

A experiência pessoal no início da adolescência é importante para guiar a percepção do adolescente, por meio da troca de informações que ele adquire na vivência (Araújo & Oliveira, 2010). De acordo com Ozella e Aguiar (2008), a necessidade de incluir a experiência pessoal na percepção da adolescência – mesmo quando o indivíduo está no início dessa fase e não tem muita experiência – pode explicar a ideia de que o adolescente gosta de se colocar como gerador de opinião, o que é importante para o sentimento de pertencimento e valorização.

A mídia foi a fonte de informação menos citada como influência da percepção da concepção da adolescência, sendo mencionada apenas pelas participantes de escola particular. A partir desses dados, pode-se pensar que, em função da maior facilidade de acesso aos meios de comunicação e redes sociais, a mídia influencia mais as adolescentes de escola particular do que as de escola pública. Esse dado contraria a visão geral de que a mídia influencia grande parte dos adolescentes (Omiyefa, 2021; Traverso-Yépez & Pinheiro, 2005), a qual nega a

individualidade e dissemina a adolescência como um padrão universal (Gomes et al., 2020). Por outro lado, corrobora a ideia de que o vínculo e o apoio familiar são mais importantes no desenvolvimento da concepção para uma adolescência saudável (Alves, 2020; Assis, 2020; Buchanan & Hughes, 2009; Bush & James Jr., 2020; Carvalho & Melo, 2019; Greene & Paton, 2020; Ozella & Aguiar, 2008).

Quanto ao tema *marcadores de diferenças entre adolescências*, embora os participantes tenham inicialmente mencionado que a adolescência é igual para todos, quando questionados diretamente sobre as diferenças da adolescência, surgiram contradições em relação à três aspectos: personalidade, práticas educativas parentais e níveis socioeconômicos. No que se refere à personalidade, as participantes de ambas as escolas disseram que a personalidade é desenvolvida de forma única em cada ser humano. Esse fator é importante para desmistificar a concepção de a adolescência ser um padrão, pois é na adolescência que a personalidade do indivíduo é consolidada com suas características próprias (Eisenstein, 2005). É também durante a adolescência que ocorre a estruturação das funções psicológicas superiores ligadas à personalidade, desenvolvida a partir das relações sociais e emocionais que o adolescente estabelece (Larocca et al., 2016; Ribeiro & Rocha, 2017).

As práticas educativas parentais, foram mencionadas apenas por participantes do sexo feminino de escola particular. Este resultado é outra contradição que corrobora a concepção de adolescências, no plural. Buchanan et al. (2021) afirmam que a forma como os responsáveis expressam o amor e os valores culturais pode moldar o processo de desenvolvimento do adolescente, alcançando perspectivas positivas ou negativas. As práticas educativas parentais podem variar de acordo com a cultura e com a personalidade dos pais, em consequência, as expectativas que os responsáveis geram no adolescente variam dependendo do contexto (Delany & Cheung, 2020; OPAS, 2008; Steinberg, 2015). Um fator interessante a se considerar

em relação às práticas educativas parentais é a diferença de gênero do adolescente: adolescentes do sexo feminino tendem a ter uma educação mais voltada para a retração social e comportamentos delicados; enquanto adolescentes do sexo masculino tendem a serem educados para serem mais agressivos e seus comportamento sexuais são mais aceitos como “normais” (Carvalho & Melo, 2019; Omiyefa, 2021; Papalia & Feldemam, 2013).

As diferenças socioeconômicas foram os aspectos mais mencionados no sentido de contradizer a concepção de que a adolescência é igual para todos. Steinberg (2015) afirma que as diferenças socioeconômicas não afetam apenas os aspectos financeiros, mas também psicológicos e neurobiológicos. Por exemplo, é possível que os adolescentes de níveis socioeconômicos altos sejam beneficiados por terem condições de vivenciar a transição para a adultez de forma mais lenta, por terem o apoio socioeconômico e familiar, o que permite que o amadurecimento natural neurobiológico se desenvolva em um período mais longo, aprimorando com tranquilidade as capacidades para habilidades cognitivas e emocionais (Steinberg, 2015). No caso dos adolescentes de níveis socioeconômicos baixos, essa falta de tempo para o amadurecimento neurobiológico, causado por diversos fatores como nutrição, cultura, trabalho precoce e dificuldades financeiras, pode ser um fator de risco para déficits cognitivos, emocionais e físicos (Steinberg, 2015).

As comunidades podem ser outro fator de risco para o desenvolvimento dos adolescentes de níveis socioeconômicos baixos, pois algumas delas podem ser perigosas, coercitivas e permissivas, ensinando comportamentos de risco para o adolescente (Steinberg, 2015). Somando-se ao fato de que, muitas vezes, o adolescente vai para a escola apenas meio período, ficando sozinho em casa no contraturno: a junção desses fatores aumenta a propensão a comportamentos de risco. Em contrapartida, os adolescentes de níveis socioeconômicos altos

participam mais de atividades em contraturno, o que pode aumentar sua capacidade cognitiva e suas oportunidades de futuro (Steinberg, 2015).

Essas diferenças socioeconômicas estão relacionadas às oportunidades que os adolescentes de classes sociais mais altas tendem a ter durante a vida, em contrapartida à falta de oportunidades típica de adolescentes de classes sociais mais baixas. A concepção de adolescência é percebida pelo adolescente de acordo com o contexto no qual ele está inserido. Por isso, as possibilidades de oportunidades que os adolescentes de níveis socioeconômicos mais altos têm (e.g., maior poder aquisitivo da família e suporte para a ascensão do adolescente) podem proporcionar uma visão de que a adolescência é uma fase de expectativas positivas e amplas (Melsert & Bock, 2015). Já os adolescentes de níveis socioeconômicos baixos tendem a sofrer com a falta de oportunidades e acesso a bens culturais, como cinema e teatro, comprometendo o desenvolvimento social e a ressignificação da concepção de adolescência padrão (Traverso-Yépez & Pinheiro, 2005). Portanto, os adolescentes de níveis socioeconômicos baixos podem interpretar a adolescência como um período de falta de oportunidades, de maior necessidade de esforço e de aumento da responsabilidade para ajudar a família tanto com afazeres domésticos como com o trabalho para garantir seu próprio sustento.

Por fim, uma participante do sexo feminino da escola pública afirmou que adolescentes de níveis socioeconômicos mais baixos valorizam mais suas conquistas. Essa afirmação pode ser levada em consideração quando se observa que esses adolescentes precisam se esforçar mais para conquistar seus objetivos e desejos (Martins et al., 2003; Melsert & Bock, 2015) e que, em função disso, valorizam mais tudo aquilo que conseguem alcançar do ponto de vista de suas conquistas.

Considerações Finais

Esta pesquisa teve como objetivo geral conhecer as diferenças entre as concepções de adolescência de adolescentes de escolas públicas e particulares. Os resultados indicaram que o nível socioeconômico é um dos principais fatores que diferenciam os adolescentes, quebrando a concepção de adolescência padrão que a sociedade impõe. Quanto ao primeiro objetivo específico, entender a concepção da adolescência sob o olhar do próprio adolescente, os resultados indicaram que os participantes do estudo pensam que a adolescência é um conjunto de transformações corporais, cerebrais, emocionais, sexuais e sociais. Essa concepção pode apontar para uma visão de complexidade da adolescência, a qual tende para uma concepção de que o adolescente não é somente um rótulo social, mas precisa ser percebido levando em consideração todos os seus aspectos.

Em relação ao segundo objetivo específico, entender a concepção da adolescência sob o olhar de adolescentes de diferentes tipos de escolas, observou-se que os participantes visualizam a adolescência de modos diferentes. O desenvolvimento emocional, de forma específica a instabilidade emocional, foi o aspecto da adolescência mais citado pelos participantes. A instabilidade emocional pode ser desencadeada por diversos fatores durante a adolescência, desde as mudanças corporais e hormonais até os problemas sociais, que afetam a percepção de vida do adolescente. Embora esses fatores possam influenciar na instabilidade emocional do adolescente, considera-se que o desenvolvimento emocional se desenvolve de acordo com o ambiente, que pode gerar estímulos positivos ou negativos. Se os estímulos que o ambiente gera no adolescente forem positivos e os níveis de estresse foram controlados, a adolescência pode se tornar uma fase do desenvolvimento saudável e pode ser vivida de forma tranquila.

Quanto ao desenvolvimento social, observou-se que as amizades, a escolas e os grupos sociais são de muito importantes para a percepção da concepção da adolescência, principalmente. Para os adolescentes de escolas públicas a socialização é vista como fonte de oportunidades e de apoio para enfrentarem os problemas socioeconômicos, como ajudar a família e buscar oportunidades de ascensão social, por meio do estudo e do trabalho.

Conhecer quais são as origens das concepções de adolescência dos adolescentes foi o último objetivo específico desta pesquisa. Os resultados indicaram que os adolescentes pensam sobre a adolescência a partir de histórias que são contadas para eles por pessoas mais velhas, que são elas mesmas, exemplos de influência para esses adolescentes. A mídia também influencia esses adolescentes, mesmo que em menor grau. Esses resultados reforçaram a afirmação de que as concepções de adolescência são um constructo social e que ideias de que a adolescência é um período de tempestade e turbulência são estereótipos passados de geração para geração, o que cria expectativas negativas de pensamento coletivo social sobre o comportamento adolescente.

Ainda que a adolescência seja percebida pelos paradigmas sociais de que existe uma adolescência padrão, esta pesquisa resultou em três aspectos que indicam diferenças entre as adolescências: a personalidade, as práticas educativas parentais e o nível socioeconômico. A personalidade, desenvolvida desde o nascimento, se consolida no fim da adolescência, por meio da vivência, das oportunidades e das frustrações. Portanto, pode-se afirmar que os adolescentes não são iguais pelo fato de que cada um tem a sua personalidade. As práticas educativas parentais são importantes para o desenvolvimento do adolescente e incentivam a sua personalidade. Nesse sentido, em consonância com Buchanan e Hughes (2009) e de Qu et al. (2016), as expectativas que os responsáveis projetam nos adolescentes tornam-se profecias

autorrealizáveis. Ou seja, a forma como os responsáveis percebem o adolescente é uma fonte propulsora para o desencadeamento de comportamentos dos adolescentes.

O nível socioeconômico mostrou-se determinante para a diferença entre as concepções de adolescência de adolescentes de escolas públicas e particulares. Os resultados indicaram que os participantes deste estudo pensam que existem diferenças entre as oportunidades que a sociedade oferece para os adolescentes de níveis socioeconômicos altos e as oportunidades oferecidas para os de níveis socioeconômicos baixos. Pode-se citar como exemplo as diferenças em relação ao contexto escolar: a maioria dos adolescentes de nível socioeconômico alto tem mais tempo para se dedicar aos estudos, enquanto a maioria dos adolescentes de nível socioeconômico baixo precisa estudar meio período para ajudar os pais em casa ou trabalhar no contraturno. Essa diferença em relação aos estudos pode afetar as oportunidades de ingresso no ensino superior e prejudicar as oportunidades de conseguir um emprego melhor.

Conclui-se, portanto, que os adolescentes deste estudo têm percepções diferentes sobre a concepção de adolescência. Essas percepções foram aprendidas com experiências de outras pessoas, o que indica que a adolescência é uma construção social, influenciada pelos seus responsáveis e por pessoas que projetam expectativas rotuladas para os comportamentos do adolescente. Estes resultados vão ao encontro das expectativas deste. A primeira expectativa era de que a concepção de adolescência da sociedade na qual o adolescente está inserido altera a sua percepção sobre a adolescência, o que significa que a concepção que os adolescentes têm sobre a adolescência é influenciada pelo contexto social em que ele está inserido.

A segunda expectativa se referia aos comportamentos tempestuosos e de risco dos adolescentes que são desenvolvidos dependendo do ambiente em que o adolescente está inserido. Os resultados indicaram que os participantes pensam que a adolescência pode ser vivida de forma tranquila, considerando-se as práticas educativas parentais e o contexto em

que o adolescente vive. A última expectativa era que a concepção de adolescência como um período de tempestade é aceita pela sociedade como natural, deixando os adolescentes menos resistentes a questionar seus próprios comportamentos. Este estudo demonstrou que a profecia autorrealizável é consolidada na adolescência, considerando a flexibilidade neuro cerebral em que o adolescente fica vulnerável às influências sociais.

Quanto à metodologia, os instrumentos utilizados foram adequados para atingir os objetivos propostos. Não se percebeu dificuldade de preenchimento por parte dos participantes em relação a nenhum dos instrumentos. O Questionário de Dados Sociodemográficos e o Questionário de Critério de Classificação Econômica Brasil (ABEP, 2019) foram utilizados para diferenciar os níveis sociais dos participantes e o Questionário Aberto sobre Concepções de Adolescentes (Qu et al., 2016) foi utilizado para coletar os dados sobre a percepção dos adolescentes referentes as características gerais da adolescência. A Entrevista Semiestruturada sobre Concepções de Adolescentes foi um instrumento valioso para entender a percepção dos adolescentes de forma aprofundada e detalhada. Os participantes não demonstraram dificuldade para responder as perguntas, embora alguns tenham tido vergonha de abrir a câmera para a chamada de vídeo, o que não interferiu em suas respostas.

Esta pesquisa teve algumas limitações. O estudo foi realizado durante o contexto da pandemia da COVID-19, o qual dificultou o acesso às escolas para a coleta de dados. Não foi possível conseguir abertura com as escolas que estavam preocupadas com a aceitação dos responsáveis, que por sua vez, estavam irritados com as aulas on-line. Sendo assim, não foi possível atingir o número previsto de participantes para o estudo, o que dificultou a comparação prevista entre os participantes por grupos. Outra dificuldade em relação à condução da coleta foi o engajamento dos adolescentes para a entrevista on-line. Além de haver pouca adesão para as entrevistas, alguns dos adolescentes que aceitaram participar do estudo não aceitaram ligar

a câmera de vídeo. Isso gerou ainda mais distanciamento em relação a esses participantes. Observou-se ainda que, em algumas situações, os adolescentes não estavam sozinhos no momento da entrevista: pais e familiares estavam no mesmo ambiente, o que pode ter gerado um retraimento em relação às respostas da entrevista.

O contexto pandêmico foi uma limitação para este estudo. Nesse sentido, pode-se pensar que os resultados podem ter sido influenciados pelo isolamento social obrigatório e que se os participantes não estivessem em isolamento, levando sua vida de forma “normal” talvez os resultados pudessem ser diferentes. Portanto, sugere-se que outros estudos sobre as concepções de adolescentes sobre adolescência sejam realizados no futuro, de forma presencial e, se possível, sem a sombra da pandemia.

Por fim, espera-se que os resultados deste estudo sejam aproveitados por profissionais de psicologia e outros profissionais, que trabalham com adolescentes, para ajudar na desmistificação dos estereótipos sociais em relação a essa fase do ciclo vital. Em relação aos psicólogos que atendem adolescentes em consultórios, espera-se que este estudo seja utilizado para perceber cada adolescente como único, quebrando os paradigmas sociais e percebendo o adolescente em sua essência para melhor ajudá-lo. Sugere-se ainda que outros estudos sobre a temática sejam realizados em outros estados do Brasil e com maior número de participantes, para a confirmação dos resultados.

Referências

- Alves, L. H. B. (2020, outubro 15-17). *Algumas considerações sobre a adolescência* [apresentação de poster]. VII Congresso Nacional de Educação, Maceió, AL, Brasil.
- Andrade, A. L. M., Bedendo, A., Enumo, S. R. F., & de Micheli, D. (2018). Desenvolvimento cerebral na adolescência: aspectos gerais e atualização. *Adolescência e Saúde, 15*(1), 62-67. [http:// https://cdn.publisher.gn1.link/adolescenciaesaude.com/pdf/v15s1a08.pdf](http://https://cdn.publisher.gn1.link/adolescenciaesaude.com/pdf/v15s1a08.pdf)
- Andrade, L., Mauch, A., Costa, J., Silva, K., Almeida, L., Araújo, S., Souza, S., Nunes, T., & Souza, V. (2020). A utilização das redes sociais digitais no cuidado psicossocial infantojuvenil, diante da pandemia por Covid-19. *Health Residencies Journal - HRJ, 1*(2), 44-61. <https://doi.org/10.51723/hrj.v1i2.12>
- Araújo, C. M. D., & Oliveira, M. C. S. L. D. (2010). Significações sobre desenvolvimento humano e adolescência em um projeto socioeducativo. *Educação em Revista, 26*(3), 169-193. <https://doi.org/10.1590/S0102-46982010000300009>
- Assis, S. G. D., Avanci, J. Q., & Serpeloni, F. (2020). O tema da adolescência na saúde coletiva-revisitando 25 anos de publicações. *Ciência & Saúde Coletiva, 25*, 4831-4842. <https://doi.org/10.1590/1413-812320202512.18322020>
- Associação brasileira de empresas de pesquisa, ABEP. (2019). *Alterações na aplicação do Critério Brasil, válidas a partir de 01/06/2019*. https://www.abep.org/criterioBr/01_cceb_2019.pdf
- Bansal R. (2021). Impact of Social Media on Youth. *Banarsidas Chandiwala Institute of Information Technology e-magazine, 12*, 20-22. http://www.bciit.ac.in/images/flipping_book/PDF2021/e-Magazine_January2021.pdf
- Bock, A. M. B. (2007). A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. *Psicologia Escolar e Educacional, 11*(1), 63-76.

<https://doi.org/10.1590/s1413-85572007000100007>

- Bordalo, A. A. (2006). Estudo transversal e/ou longitudinal. *Revista Paraense de Medicina*, 20(4), 5. http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?pid=S0101-59072006000400001&script=sci_arttext&tlng=es
- Bowker, J. C., Rubin, K. H. & Coplan, R. J. (2018). Social Withdrawal. In R. J.R. Levesque (Eds.), *Encyclopedia of adolescence* (2nd ed., pp. 3717-3731). Springer International Publishing. <https://doi.org/10.1007/978-3-319-33228-4>
- Branquinho, C., Santos, A. C., & Matos, M. G. (2020). A COVID-19 e a voz dos adolescentes e jovens em confinamento social. *Psicologia, Saúde & Doença*, 21(3), 624-632. <http://dx.doi.org/10.15309/20psd210307>
- Brasil (1990). *Estatuto da Criança e do Adolescente, ECA* (Lei nº 8.069, de 13 de Julho). Presidencia da Republica. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm
- Buchanan, C. M., & Bruton, J. H. (2018). Storm and Stress. In J. R. L. Roger (Ed.), *Encyclopedia of Adolescence* (2nd ed., pp. 3814-3826). Springer International Publishing. https://doi.org/10.1007/978-3-319-33228-4_111
- Buchanan, C. M., & Holmbeck, G. N. (1998). Measuring beliefs about adolescent personality and behavior. *Journal of Youth and Adolescence*, 27(5), 607–627. <https://doi.org/10.1023/A:1022835107795>
- Buchanan, C. M., Glatz, T., Kiang, L., & Richwine, R. (2021). Beliefs about Expressing Love to Adolescents among Ethnically and Economically Diverse Mothers. *Journal of Youth and Adolescence*, 50(3), 536-549. <https://doi.org/10.1007/s10964-020-01347-2>
- Buchanan, C. M., & Hughes, J. L. (2009). Construction of social reality during early adolescence: Can expecting storm and stress increase real or perceived storm and stress? *Journal of Research on Adolescence*, 19(2), 261–285. <https://doi.org/10.1111/j.1532->

7795.2009.00596.x

- Burrow, A. L., Hill, P. L. & Ratner, K. (2018). Purpose. In J. R. L. Roger (Ed.), *Encyclopedia of Adolescence* (2nd ed., pp. 2993-3002). Springer International Publishing. https://doi.org/10.1007/978-3-319-33228-4_111
- Bush, K. R., & James Jr, A. G. (2019). Adolescents in individualistic cultures. In S. Hupp & J. D. Jewell (Eds.), *The Encyclopedia of Child and Adolescent Development* (pp. 1-11) Jhon Wiley & Sons Inc. <https://doi.org/10.1002/9781119171492.wecad318>
- Caetano, L. A. O., Oliveira, W. A., Nascimento, L. C. G., Manochio-Pina, M. G., Ramos, S. B., & Silva, J. L. (2021). Relações entre funções executivas e bullying: Revisão integrativa da literatura. *Psicologia: Teoria e Prática*, 23(2), 1–24. <http://dx.doi.org/10.5935/1980-6906/ePTPPE12854>.
- Carvalho, J. B., & Melo, M. C. (2019). A família e os papéis de genero na adolescência. *Psicologia & Sociedade*, 31, 1–15. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2019v311168505>
- Castro, T. G., Abs, D., & Sarriera, J. C. (2011). Análise de conteúdo em pesquisas de Psicologia. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 31(4), 814–825. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932011000400011>
- Clarke, V., Braun, V., & Hayfield, N. (2019). Análise temática. In J. A. Smith (Ed.) *Psicologia Qualitativa: Um guia prático para métodos de pesquisa* (pp. 295-327). Vozes.
- Conselho Federal de Psicologia. (2000). *Resolução 016/2000*. <http://www.fiocruz.br/biosseguranca/Bis/manuais/qualidade/Cfp16-00.pdf>
- Conselho Nacional de saúde. (2012). *Resolução 466/12*. http://conselho.saude.gov.br/ultimas_noticias/2013/06_jun_14_publicada_resolucao.html
- Conselho Nacional de Saúde. (2016). *Resolução Nº 510, de 7 de abril*. https://www.in.gov.br/materia//asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/22917581

- Delany, D. E., & Cheung, C. S. (2020). Culture and Adolescent Development. In S. Hupp & J. D. Jewell (Eds.), *The Encyclopedia of Child and Adolescent Development* (pp. 3109-3120) Jhon Wiley & Sons Inc. <https://doi.org/10.1002/9781119171492.wecad318>
- Dellazzana, L. L., & Freitas, L. B. L. (2010). Um dia na vida de irmãos que cuidam de irmãos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(4), 595-603. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000400003>
- Dellazzana, L. L., & Freitas, L. B. L. (2012). Cuidado entre irmãos: A parentalidade além da mãe e do pai. In: C. A. Piccinini & P. Alvarenga (Eds.). *Maternidade e paternidade: A parentalidade em diferentes contextos* (pp.319–340). Casa do Psicólogo.
- Dellazzana, L. L., Sattler, M. K. & Freitas, L. B. L. (2010). A importância da família na intervenção contra o bullying. *Pensando Famílias*, 14(1).109-120. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-745001>
- Dellazzana-Zanon, L. L., Araujo, M. F.,Vieira, G. P., & Freitas, L. B. L. (2020). O papel do projeto de vida no desenvolvimento de adolescentes. In E. S. Ferrão, S. R. F. Enumo, & M. B. M. Linhares (Eds.), *Infância e segurança: Interdisciplinaridade na proteção do desenvolvimento sadio infantojuvenil* (pp. 151-172). Editora CRV.
- Dellazzana-Zanon, L. L., Leite, J. P. C., Jezus, M. J. C., Silva, C. H. F., & Zanon, C. (2020). Psychological effects of social distance caused by COVID-19 (coronavirus) pandemic over the life cycle. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 25(2), 188-198. <https://dx.doi.org/10.22491/1678-4669.20200019>
- Dellazzana-Zanon, L. L., Zanon, C., Tudge, J. R. H., & Freitas, L. B. L. (2021). Life purpose and sibling care in adolescence: possible associations. *Estudos de Psicologia*, 38. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202138e200038>
- Dessen, M. A., & Guedea, M. T. D. (2005). A ciência do desenvolvimento humano: ajustando

- o foco de análise. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 15(30), 11–20.
<https://doi.org/10.1590/S0103-863X2005000100004>
- Dicionário Online de Português*. (2021). <https://www.dicio.com.br/concepcao/>
- Eisenstein, E. (2005). Adolescência : definições , conceitos e critérios. *Adolescência e Saúde*, 2(2), 6–7. https://extensao.cecierj.edu.br/material_didatico/sau2202/pdf/aula%201%20_leitura_adolescencia_def_conc_criterios.pdf
- Erickson, E. (1976). *Identidade, juventude e crise*. Zahar.
- Fernández-Zabala, A., Ramos-Díaz, E., Rodríguez-Fernández, A., & Núñez, J. L. (2020). Sociometric Popularity, Perceived Peer Support, and Self-Concept in Adolescence. *Frontiers in Psychology*, 11. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.594007>
- Friedberg, R. D., & McClure, J. M. (2019). *A prática clínica da terapia cognitiva com crianças e adolescentes*. (2º). Artmed.
- Gomes, F. Z., Tomasi, C. D., Ceretta, L. B., Birollo, I. V. B., & Amboni, G. (2016). Adolescentes e construção do projeto de vida: um relato de experiência. *Revista do Programa de Residência Multiprofissional em Atenção Básica/Saúde da Família*, 3. <http://periodicos.unesc.net/prmultiprofissional/article/view/3035>
- Gomes, I. C., Gomes, C. C. C., Alves, N. L. & Cavalcante, V. C. (2020, outubro 15-17). *Representações sociais de estudantes do ensino médio alagoano: analisando narrativas dos professores* [apresentação de poster]. VII Congresso Nacional de Educação, Maceió, AL, Brasil.
- Ghosh, R.; Dubey, M.J.; Chatterjee, S.; Dubey, S. (2020). Impact of COVID -19 on children: special focus on the psychosocial aspect. *Minerva Pediatric*, 72(3), 226-235. <https://doi.org/10.23736/s0026-4946.20.05887-9>
- Greene, M. E., & Patton, G. (2020). Adolescence and gender equality in health. *Journal of*

- Adolescent Health* 66, S1-S2. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2019.10.012>
- Gross, E. F., & Hardin, C. D. (2007). Implicit and explicit stereotyping of adolescents. *Social Justice Research*, 20(2), 140–160. <https://doi.org/10.1007/s11211-007-0037-9>
- Grover, N. (2021) Artificial Intelligence Techniques for Cyber Security. *Banarsidas Chandiwala Institute of Information Technology e-magazine*, 12, 20-22. http://www.bciit.ac.in/images/flipping_book/PDF2021/e-Magazine_January2021.pdf
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. (2020). *População IBGE*. <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao.html>
- Larocca, P., Prachum, B. N., & Santos, N. D. F. (2016). Representações de professores sobre adolescentes estudantes da escola pública. *Olhar de Professor*, 19(1), 84-106. <https://www.redalyc.org/jatsRepo/684/68459625007/68459625007.pdf>
- Lee, T. (2020). Adolescence in the Contemporary World. In S. Hupp & J. D. Jewell (Eds.), *The Encyclopedia of Child and Adolescent Development*. Jhon Wiley & Sons Inc. <https://doi.org/10.1002/9781119171492.wecad318>
- Levesque, J. R. (2018a). Creativity. In J. R. L. Roger (Ed.), *Encyclopedia of Adolescence* (2nd ed., pp. 800-802). Springer International Publishing. https://doi.org/10.1007/978-3-319-33228-4_111
- Levesque, J. R. (2018b). Extraversion. In J. R. L. Roger (Ed.), *Encyclopedia of Adolescence* (2nd ed., pp. 1288-1289). Springer International Publishing. https://doi.org/10.1007/978-3-319-33228-4_111
- Levinsky, D. (1995). *Adolescência: reflexões psicanalíticas*. Artes Médicas.
- Lin, A., Ettekal, A. Simpkins, S. D. (2018). Expectancy Value Models. In J. R. L. Roger (Ed.), *Encyclopedia of Adolescence* (2nd ed., pp. 1264-1271). Springer International Publishing. https://doi.org/10.1007/978-3-319-33228-4_111

- Loades, M. E., Chatburn, E., Higson-Sweeney, N., Reynolds, S., Shafran, R., Brigden, A., ... & Crawley, E. (2020). Rapid systematic review: the impact of social isolation and loneliness on the mental health of children and adolescents in the context of COVID-19. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, 59(11), 1218-1239. <https://doi.org/10.1016/j.jaac.2020.05.009>
- Madon, S., Willard, J., Gyll, M., & Scherr, K. C. (2011). Self-fulfilling prophecies: Mechanisms, power, and links to social problems. *Social and Personality Psychology Compass*, 5(8), 578–590. <https://doi.org/10.1111/j.1751-9004.2011.00375.x>
- Martins, P. D. O., Trindade, Z. A., & Almeida, Â. M. D. O. (2003). O ter e o ser: representações sociais da adolescência entre adolescentes de inserção urbana e rural. *Psicologia: Reflexão e crítica*, 16, 555-568. <https://www.scielo.br/j/prc/a/YQ8v3FqPDqPykCXRm4XTR8N/?format=pdf&lang=pt>
- Melsert, A. L. de M., & Bock, A. M. B. (2015). Dimensão subjetiva da desigualdade social: Estudo de projetos de futuro de jovens ricos e pobres. *Educacao e Pesquisa*, 41(3), 773–789. <https://doi.org/10.1590/S1517-9702201507135302>
- Ministério da Educação. (2009). *Ensino Fundamental de nove anos: Passo a passo do processo de implementação* (2nd ed.). http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/passao_a_passo_versao_atual_16_setembro.pdf
- Ministério da Saúde, Secretaria-executiva do Conselho Nacional de Saúde & Comissão Nacional de Ética. (2021). *Ofício Circular nº 02, de 24 de fevereiro*. http://conselho.saude.gov.br/images/Oficio_Circular_2_24fev2021.pdf
- Oliveira, W. A., Silva, J. L. D., Andrade, A. L. M., Micheli, D. D., Carlos, D. M., & Silva, M. A. I. (2020). A saúde do adolescente em tempos da COVID-19: scoping review. *Cadernos de Saúde Pública [online]*. 36(8). <https://doi.org/10.1590/0102-311X00150020>.

- Oliveira, W. A. D., Silva, J. L. D., Komatsu, A. V., Silva, M. A. I., & Santos, M. A. D. (2021). Bullying e mecanismos de desengajamento moral: revisão sistemática da literatura com metanálise. *Psicologia Escolar e Educacional*, 25. <https://doi.org/10.1590/2175-35392021223346>
- Omiyefa, M. O. (2021). Action Learning Strategy and Students' Knowledge of Character Education Concepts in Social Studies. *Anatolian Journal of Education*, 6(1), 67-78. <https://doi.org/10.29333/aje.2021.615a>
- Organização Pan-Americana da Saúde. (2008). *Jovens: Escolhas e mudanças: promovendo comportamentos saudáveis em adolescentes*. Roca.
- Outeiral, J. O. (1994). *Adolescer: Estudos sobre adolescência*. Artes Médicas.
- Ozella, S., & De Aguiar, W. M. J. (2008). Desmistificando a concepção de adolescência. *Cadernos de Pesquisa*, 38(133), 97–125. <https://doi.org/10.1590/s0100-15742008000100005>
- Papalia, D. E. ., & Feldman, R. D. (2013). *Desenvolvimento humano*. (12ºed.). Artmed.
- Patias, N. D., Jager, M. E., Fiorin, P. C., & Dias, A. C. G. (2011). Construção histórico-social da adolescência: Implicação na Percepção da Gravidez na Adolescência Como um Problema. *CRevista Contexto e Saúde*, 10(20), 205–214. <https://doi.org/10.21527/2176-7114.2011.20.205-214>
- Petersen, C. S., & Wainer, R. (2011). *Terapias cognitivo-comportamentais para crianças e adolescentes: ciência e arte*. Artmed.
- Qu, Y., Pomerantz, E. M., McCormick, E., & Telzer, E. H. (2018). Youth's Conceptions of Adolescence Predict Longitudinal Changes in Prefrontal Cortex Activation and Risk Taking During Adolescence. *Child Development*, 89(3), 773–783. <https://doi.org/10.1111/cdev.13017>

- Qu, Y., Pomerantz, E. M., Wang, M., Cheung, C., & Cimpian, A. (2016). Conceptions of Adolescence: Implications for Differences in Engagement in School Over Early Adolescence in the United States and China. *Journal of Youth and Adolescence*, 45(7), 1512–1526. <https://doi.org/10.1007/s10964-016-0492-4>
- Qu, Y., Rompilla, D. B., Wang, Q., & Ng, F. F. Y. (2020). Youth's Negative Stereotypes of Teen Emotionality: Reciprocal Relations with Emotional Functioning in Hong Kong and Mainland China. *Journal of Youth and Adolescence*, 49(10), 2003–2019. <https://doi.org/10.1007/s10964-020-01303-0>
- Ribeiro, C. A., & Rocha, F. N. (2017). Escolhas na adolescência: implicações contemporâneas dos grupos sociais e da família. *Revista Mosaico*, 8(2), 39–47. <https://doi.org/10.21727/rm.v8i2.1111>
- Santiago, C. D., Distel, L. M. L., Wolff, B. C & Wadsworth, M. E. (2018). Adolescent Stress and Coping in the Context of Poverty. In J. R. L. Roger (Ed.), *Encyclopedia of Adolescence* (2nd ed., pp. 96-112). Springer International Publishing. https://doi.org/10.1007/978-3-319-33228-4_111
- Santos, J. M., & de Medeiros, S. A. (2020). O adolescente do século XXI e os desafios enfrentados no ensino fundamental II. *Episteme Transversalis*, 11(2). <<http://revista.ugb.edu.br/ojs302/index.php/episteme/article/view/2145>>.
- Santos, M. D. F. D. S., Cruz, F. M. L., & Belém, R. (2014). Adolescentes podem ser alunos ideais?. *Educação em Revista*, 30, 173-193. <https://doi.org/10.1590/S0102-46982014000300008>
- Santos, T. (2020). Classe Social. *Educa mais Brasil*. <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/sociologia/classe-social>
- Schwartz, S. J. & Petrova, M. (2020). Adolescence in Intercultural Context. In S. Hupp & J.

- D. Jewell (Eds.), *The Encyclopedia of Child and Adolescent Development* (pp.3069-3080). Jhon Wiley & Sons Inc. <https://doi.org/10.1002/9781119171492.wecad318>
- Silva, G. C. R. F. (2010). O método científico na psicologia: abordagem qualitativa e quantitativa. *Psicologia PT*, 5(1), 1–10. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232000000100016>
- Souza, V. R. D. S., Marziale, M. H. P., Silva, G. T. R., & Nascimento, P. L. (2021). Tradução e validação para a língua portuguesa e avaliação do guia COREQ. *Acta Paulista de Enfermagem*, 34. <http://dx.doi.org/10.37689/actaape/2021AO02631>
- Steinberg, L.(2015). *Age of opportunity: lesson from the New Science of adolescence*. Mariner Books.
- Sumner, R., Burrow, A. L., & Hill, P. L. (2018). The development of purpose in life among adolescents who experience marginalization: Potential opportunities and obstacles. *American Psychologist*, 73(6), 740-752. <https://doi.org/10.1037/amp0000249>
- Traverso-Yépez, M. A., & Pinheiro, V. de S. (2005). Socialização de gênero e adolescência. *Revista Estudos Feministas*, 13(1), 147–162. <https://doi.org/10.1590/s0104-026x2005000100010>
- Venning, A., Kettler, L., Redpath, P., Orłowski, S., Elliott, J.& Wilson, A. (2018). Cognitive Behavior Therapy. In J. R. L. Roger (Ed.), *Encyclopedia of Adolescence* (2nd ed., pp. 633-642). Springer International Publishing. https://doi.org/10.1007/978-3-319-33228-4_111
- Wang, Q., Qu, Y. & Ding, R. (2020). Adolescence in Collectivistic Cultures. In S. Hupp & J. D. Jewell (Eds.), *The Encyclopedia of Child and Adolescent Development*. Jhon Wiley & Sons Inc. <https://doi.org/10.1002/9781119171492.wecad318>
- Weber, L., Salvador, A. P., & Brandenburg, O. (2018). *Programa de qualidade na integração família: manual para facilitadores* (3rd ed.). Juruá.

Apêndices

Apêndice A

1

CARTA DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

Prezado Senhor(a) Diretor(a),

Venho solicitar a sua colaboração no sentido de autorizar a realização de uma pesquisa em seu estabelecimento de ensino, com o objetivo de conhecer as diferenças entre as concepções de adolescência de adolescentes de níveis socioeconômicos alto e baixo.

A pesquisa envolve 60 estudantes de 12 a 13 anos, que estudam no 7º e 8º ano do ensino fundamental II. Os estudantes responderão à um questionário aberto sobre a concepção da adolescência e, em um segundo momento, 5 estudantes serão convidados para participar de uma entrevista semiestruturada sobre a concepção da adolescência. A aplicação do questionário será realizada por meio do aplicativo *Google Forms*, no qual o responsável e o adolescente responderão as perguntas por meio eletrônico. A entrevista será realizada por meio de vídeo conferência, com o aplicativo *Google Meet* em período extracurricular, com duração máxima de uma hora.

As coletas de dados serão combinadas por meio de um acordo de horário prévio com o participante para essa atividade, não havendo, portanto, nenhum prejuízo acadêmico. Caso o(a) senhor(a) concorde com a realização desta pesquisa, será também solicitado o consentimento dos pais dos adolescentes das séries escolares a serem envolvidas.

Esta pesquisa não prevê nenhum risco psicológico. Porém caso o participante sinta algum desconforto emocional, a própria pesquisadora dará suporte psicológico para o mesmo.

Por se tratar de uma pesquisa, não serão fornecidos resultados individuais nem para a escola, nem para os pais dos adolescentes e nem para os adolescentes. Serão fornecidos à escola somente os resultados gerais analisados. Guardaremos o anonimato sobre a identidade dos participantes, assim como o de seu estabelecimento de ensino. Entretanto, me prontifico a deixar um número de telefone à disposição dos pais caso queiram tirar qualquer dúvida sobre a pesquisa.

Esperando contar com sua colaboração, me coloco ao seu inteiro dispor para quaisquer dúvidas que necessitem ser esclarecidas. Solicito também que assine esta folha de permissão de pesquisa abaixo.

Atenciosamente,

Annelise Klettenberg Porto

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC-Campinas

Telefone para contato: (17) 99654-4466

e-mail: annelise.kp@puccampinas.edu.br

Leticia Lovato Dellazzana-Zanon

Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC-Campinas

Caso haja alguma dúvida ou reclamação quanto a avaliação de caráter ético do projeto, o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da PUC – Campinas poderá ser

contactado no seguinte endereço: Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, 1.516 – Parque Rural Fazenda Santa Cândida – CEP: 13087-571 – Campinas – SP. Telefone: (19)33436777. E-mail: comitedeetica@puc-campinas.edu.br.

Após ter sido esclarecido sobre a pesquisa “CONCEPÇÕES DE ADOLESCÊNCIA: UM ESTUDO SOBRE ADOLESCENTES DE DIFERENTES NÍVEIS SOCIOECONÔMICOS”, autorizo a execução da mesma no estabelecimento de ensino do qual sou diretor(a).

Nome da instituição: Escola Municipal Darcy Ribeiro

CNPJ: _____ Telefone: 3236 - 7207

Endereço: Rua Geraldo Barbosa de Oliveira

A/nº
CEP: 15047-166

Nome do(a) Diretor(a): Fábio de Souza Macri

Local e data: São José do Rio Preto, 10 de fevereiro de 2021

Assinatura e carimbo: 

Marilza C. Teodoro de Lima
RG: 26.292.653-2
Assistente de Direção



CARTA DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

Prezado Senhor(a) Diretor(a),

Venho solicitar a sua colaboração no sentido de autorizar a realização de uma pesquisa em seu estabelecimento de ensino, com o objetivo de conhecer as diferenças entre as concepções de adolescência de adolescentes de níveis socioeconômicos alto e baixo.

A pesquisa envolve 60 estudantes de 12 a 13 anos, que estudam no 7º e 8º ano do ensino fundamental II. Os estudantes responderão à um questionário aberto sobre a concepção da adolescência e, em um segundo momento, 5 estudantes serão convidados para participar de uma entrevista semiestruturada sobre a concepção da adolescência. A aplicação do questionário será realizada por meio do aplicativo *Google Forms*, no qual o responsável e o adolescente responderão as perguntas por meio eletrônico. A entrevista será realizada por meio de vídeo conferência, com o aplicativo *Google Meet* em período extracurricular, com duração máxima de uma hora.

As coletas de dados serão combinadas por meio de um acordo de horário prévio com o participante para essa atividade, não havendo, portanto, nenhum prejuízo acadêmico. Caso o(a) senhor(a) concorde com a realização desta pesquisa, será também solicitado o consentimento dos pais dos adolescentes das séries escolares a serem envolvidas.

Esta pesquisa não prevê nenhum risco psicológico. Porém caso o participante sinta algum desconforto emocional, a própria pesquisadora dará suporte psicológico para o mesmo.

Por se tratar de uma pesquisa, não serão fornecidos resultados individuais nem para a escola, nem para os pais dos adolescentes e nem para os adolescentes. Serão fornecidos à escola somente os resultados gerais analisados. Guardaremos o anonimato sobre a identidade dos participantes, assim como o de seu estabelecimento de ensino. Entretanto, me prontifico a deixar um número de telefone à disposição dos pais caso queiram tirar qualquer dúvida sobre a pesquisa.

Esperando contar com sua colaboração, me coloco ao seu inteiro dispor para quaisquer dúvidas que necessitarem ser esclarecidas. Solicito também que assine esta folha de permissão de pesquisa abaixo.

Atenciosamente,

Annelise Klettenberg Porto

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC-Campinas

Telefone para contato: (17) 99654-4466

e-mail: annelise.kp@puccampinas.edu.br

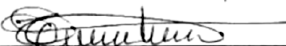
Leticia Lovato Dellazzana-Zanon

Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC-Campinas

Caso haja alguma dúvida ou reclamação quanto a avaliação de caráter ético do projeto, o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da PUC – Campinas poderá ser

contactado no seguinte endereço: Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, 1.516 – Parque Rural Fazenda Santa Cândida – CEP: 13087-571 – Campinas – SP. Telefone: (19)33436777. E-mail: comitedeetica@puc-campinas.edu.br.

Após ter sido esclarecido sobre a pesquisa “CONCEPÇÕES DE ADOLESCÊNCIA: UM ESTUDO SOBRE ADOLESCENTES DE DIFERENTES NÍVEIS SOCIOECONÔMICOS”, autorizo a execução da mesma no estabelecimento de ensino do qual sou diretor(a).

Nome da instituição: Colégio Batista Rio-pretense
CNPJ: 28.672.449/0001-15 Telefone: (17) 3212-1393
Endereço: Rua Silva Jardim - 1540
Bea Vista - São José do Rio Preto - SP
CEP: 15.025-065
Nome do(a) Diretor(a): Cristina Ostaloni Saldanha Rodrigues
Local e data: São José do Rio Preto, 10 de março de 2021
Assinatura e carimbo: 

Cristina O. S. Rodrigues
Diretora
Colégio Batista Rio-Preense
RG: 15.629.430-8

CARTA DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

Prezado Senhor(a) Diretor(a),

Venho solicitar a sua colaboração no sentido de autorizar a realização de uma pesquisa em seu estabelecimento de ensino, com o objetivo de conhecer as diferenças entre as concepções de adolescência de adolescentes de níveis socioeconômicos alto e baixo.

A pesquisa envolve 60 estudantes de 12 a 13 anos, que estudam no 7º e 8º ano do ensino fundamental II. Os estudantes responderão à um questionário aberto sobre a concepção da adolescência e, em um segundo momento, 5 estudantes serão convidados para participar de uma entrevista semiestruturada sobre a concepção da adolescência. A aplicação do questionário será realizada por meio do aplicativo *Google Forms*, no qual o responsável e o adolescente responderão as perguntas por meio eletrônico. A entrevista será realizada por meio de vídeo conferência, com o aplicativo *Google Meet* em período extracurricular, com duração máxima de uma hora.

As coletas de dados serão combinadas por meio de um acordo de horário prévio com o participante para essa atividade, não havendo, portanto, nenhum prejuízo acadêmico. Caso o(a) senhor(a) concorde com a realização desta pesquisa, será também solicitado o consentimento dos pais dos adolescentes das séries escolares a serem envolvidas.

Esta pesquisa não prevê nenhum risco psicológico. Porém caso o participante sinta algum desconforto emocional, a própria pesquisadora dará suporte psicológico para o mesmo.

Por se tratar de uma pesquisa, não serão fornecidos resultados individuais nem para a escola, nem para os pais dos adolescentes e nem para os adolescentes. Serão fornecidos à escola somente os resultados gerais analisados. Guardaremos o anonimato sobre a identidade dos participantes, assim como o de seu estabelecimento de ensino. Entretanto, me prontifico a deixar um número de telefone à disposição dos pais caso queiram tirar qualquer dúvida sobre a pesquisa.

Esperando contar com sua colaboração, me coloco ao seu inteiro dispor para quaisquer dúvidas que necessitarem ser esclarecidas. Solicito também que assine esta folha de permissão de pesquisa abaixo.

Atenciosamente,

Annelise Klettenberg Porto

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC-Campinas

Telefone para contato: (17) 99654-4466

e-mail: annelise.kp@puccampinas.edu.br

Leticia Lovato Dellazzana-Zanon

Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC-Campinas

Caso haja alguma dúvida ou reclamação sobre o trabalho, o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da PUC – Campinas poderá ser contactado no seguinte endereço:

Professor Coutor Euryclides de Jesus Zerbini, 1.516 – Parque Rural Fazenda Santa Cândida – CEP: 13087-571 – Campinas – SP. Telefone: (19)33436777. E-mail: comitedeetica@puc-campinas.edu.br.

Após ter sido esclarecido sobre a pesquisa "CONCEPÇÕES DE ADOLESCÊNCIA: UM ESTUDO SOBRE ADOLESCENTES DE DIFERENTES NÍVEIS SOCIOECONÔMICOS", autorizo a execução da mesma no estabelecimento de ensino do qual sou diretor(a).

Nome da instituição: Escola Municipal Parque dos Ipês

CNPJ: 04.201.963/0001-04 Telefone: (19) 3802-1999

Endereço: R. Dr. José Latour s/nº
Bairro Centro

CEP: 13.824-000

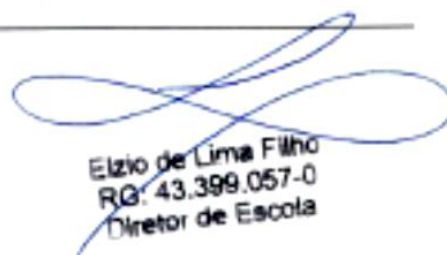
Nome do(a) Diretor(a): Elzio de Lima Filho

Local e data: Helômbra 16 de agosto de 2021

Assinatura e carimbo: _____



Claudcir Brazillino Picolo
Supervisor de Ensino
RG: 20.547.907-



Elzio de Lima Filho
RG: 43.399.057-0
Diretor de Escola

E.M. Parque dos Ipês
Rua Dr. José Latour s/nº - Centro
Helômbra/SP CEP: 13.824-000
Fone: 3802-1999
CNPJ: 04.201.963/0001-04

CARTA DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

Prezado Senhor(a) Diretor(a),

Venho solicitar a sua colaboração no sentido de autorizar a realização de uma pesquisa em seu estabelecimento de ensino, com o objetivo de conhecer as diferenças entre as concepções de adolescência de adolescentes de níveis socioeconômicos alto e baixo.

A pesquisa envolve 60 estudantes de 12 a 13 anos, que estudam no 7º e 8º ano do ensino fundamental II. Os estudantes responderão à um questionário aberto sobre a concepção da adolescência e, em um segundo momento, 5 estudantes serão convidados para participar de uma entrevista semiestruturada sobre a concepção da adolescência. A aplicação do questionário será realizada por meio do aplicativo *Google Forms*, no qual o responsável e o adolescente responderão as perguntas por meio eletrônico. A entrevista será realizada por meio de vídeo conferência, com o aplicativo *Google Meet* em período extracurricular, com duração máxima de uma hora.

As coletas de dados serão combinadas por meio de um acordo de horário prévio com o participante para essa atividade, não havendo, portanto, nenhum prejuízo acadêmico. Caso o(a) senhor(a) concorde com a realização desta pesquisa, será também solicitado o consentimento dos pais dos adolescentes das séries escolares a serem envolvidas.

Esta pesquisa não prevê nenhum risco psicológico. Porém caso o participante sinta algum desconforto emocional, a própria pesquisadora dará suporte psicológico para o mesmo.

Por se tratar de uma pesquisa, não serão fornecidos resultados individuais nem para a escola, nem para os pais dos adolescentes e nem para os adolescentes. Serão fornecidos à escola somente os resultados gerais analisados. Guardaremos o anonimato sobre a identidade dos participantes, assim como o de seu estabelecimento de ensino. Entretanto, me prontifico a deixar um número de telefone à disposição dos pais caso queiram tirar qualquer dúvida sobre a pesquisa.

Esperando contar com sua colaboração, me coloco ao seu inteiro dispor para quaisquer dúvidas que necessitarem ser esclarecidas. Solicito também que assine esta folha de permissão de pesquisa abaixo.

Atenciosamente,

Annelise Klettenberg Porto

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC-Campinas

Telefone para contato: (17) 99654-4466

e-mail: annelise.kp@puccampinas.edu.br

Leticia Lovato Dellazzana-Zanon

Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC-Campinas

Caso haja alguma dúvida ou reclamação sobre o trabalho, o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da PUC – Campinas poderá ser contactado no seguinte endereço:

Professor Coutor Euryclides de Jesus Zerbini, 1.516 – Parque Rural Fazenda Santa Cândida – CEP: 13087-571 – Campinas – SP. Telefone: (19)33436777. E-mail: comitedeetica@puc-campinas.edu.br.

Após ter sido esclarecido sobre a pesquisa “CONCEPÇÕES DE ADOLESCÊNCIA: UM ESTUDO SOBRE ADOLESCENTES DE DIFERENTES NÍVEIS SOCIOECONÔMICOS”, autorizo a execução da mesma no estabelecimento de ensino do qual sou diretor(a).

Nome da instituição: EE Prof. João Lourenço Rodrigues

CNPJ: 49419765/0001-50 Telefone: 19-3294 4005

Endereço: R. Dr. Emilio Ribas nº 710

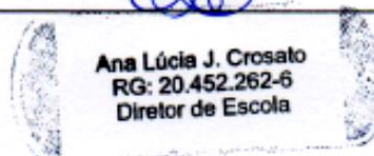
Bairro: Cambuí

CEP: 13025-141

Nome do(a) Diretor(a): Ana Lúcia Jacobsem Crosato

Local e data: Campinas 13 de agosto de 2021

Assinatura e carimbo:



Apêndice B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Caro(a) Responsável:

Venho solicitar a sua colaboração no sentido de autorizar a participação do(a) seu(a) filho(a) para realização da pesquisa intitulada “CONCEPÇÕES DE ADOLESCÊNCIA: UM ESTUDO SOBRE ADOLESCENTES DE DIFERENTES TIPOS DE ESCOLAS”, de responsabilidade de Annelise Klettenberg Porto, do Curso/Setor de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia – Mestrado, com o objetivo de conhecer as diferenças entre as concepções de adolescência de adolescentes de escolas pública e particular. O estudo será composto por 60 estudantes, de 12 a 13 anos, do 7º e 8º ano do ensino fundamental II.

Os adolescentes que participarem da pesquisa responderão à um questionário aberto sobre a concepção da adolescência, por meio do aplicativo *Google Forms*. Em um segundo momento, será realizado um estudo piloto, por meio de entrevista com 2 adolescentes. Após, 5 estudantes serão convidados para participar de uma entrevista semiestruturada sobre a concepção da adolescência, por meio de vídeo conferência, com o aplicativo *Google Meet*, em período extracurricular, com duração máxima de uma hora.

A participação é voluntária, não havendo nenhum tipo de custo ou pagamento, e você poderá interromper ou retirar a participação do(a) seu(sua) filho(a) a qualquer momento sem que seja penalizado ou prejudicado. As informações coletadas serão analisadas e serão oferecidas devolutivas coletivas dos resultados globais da pesquisa. Os resultados da pesquisa poderão ser divulgados sob a forma de publicações científicas em revistas ou congressos, porém, estão garantidos o sigilo e anonimato sobre a identidade do adolescente. O material coletado será guardado por 5 anos, sendo posteriormente, destruído. Estarei à disposição em qualquer momento da pesquisa para responder dúvidas sobre o estudo.

Esta pesquisa não prevê nenhum risco psicológico. Entretanto, caso algum participante demonstrar desconforto emocional durante a pesquisa, ele será atendido imediatamente pela própria pesquisadora, que é psicóloga atuante em psicologia clínica, com especialização em Terapia Cognitivo-Comportamental e com experiência no atendimento de adolescentes.

Caso concorde com a participação do(a) seu(sua) filho(a) nesta pesquisa, preencha e assine o presente termo, elaborado em duas vias de igual teor, devendo, uma delas, ser devolvida a pesquisadora e a outra, ficar em seu poder, para consulta posterior caso necessário.

O projeto de pesquisa em questão foi analisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da PUC – Campinas. Endereço: Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, 1.516 – Bloco A02 – Térreo – Campus I - Parque Rural Fazenda Santa Cândida - CEP 13087-571 - Campinas – SP. Telefone: (19)33436777. E-mail: comitedeetica@puc-campinas.edu.br. Para quaisquer esclarecimentos quanto a avaliação de caráter ético do projeto, o horário de atendimento de segunda à sexta-feira, das 8h às 12h e das 13h às 17h.

Atenciosamente,

Annelise Klettenberg Porto

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC-Campinas

Telefone para contato: (17) 99654-4466

e-mail: annelise.kp@puccampinas.edu.br

Eu, _____ declaro
que após ter sido esclarecido sobre objetivos e procedimentos da pesquisa intitulada
“CONCEPÇÕES DE ADOLESCÊNCIA: UM ESTUDO SOBRE ADOLESCENTES DE
DIFERENTES TIPOS DE ESCOLAS” concordo e autorizo o(a) adolescente
_____ em participar deste estudo.

_____, _____ de _____ de 20__.

Nome legível

Assinatura

Apêndice C

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Caro(a) Participante:

Você está sendo convidado a participar da pesquisa intitulada “CONCEPÇÕES DE ADOLESCÊNCIA: UM ESTUDO SOBRE ADOLESCENTES DE TIPOS DE ESCOLAS”, de responsabilidade de Annelise Klettenberg Porto, do Curso/Setor de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia – Mestrado, com o objetivo de conhecer as diferenças entre as concepções de adolescência de adolescentes de escolas pública e particular. O estudo será composto por 60 estudantes, de 12 a 13 anos, do 7º e 8º ano do ensino fundamental II.

Os adolescentes que participarem da pesquisa responderão à um questionário aberto sobre a concepção da adolescência, por meio do aplicativo *Google Forms*. Em um segundo momento, será realizado um estudo piloto, por meio de entrevista com 2 adolescentes. Após, 5 estudantes serão convidados para participar de uma entrevista semiestruturada sobre a concepção da adolescência, por meio de vídeo conferência, com o aplicativo *Google Meet*, em período extracurricular, com duração máxima de uma hora.

A participação é voluntária, não havendo nenhum tipo de custo ou pagamento, e você poderá interromper ou retirar sua participação a qualquer momento sem que seja penalizado ou prejudicado. As informações coletadas serão analisadas e serão oferecidas devolutivas coletivas dos resultados globais da pesquisa. Os resultados da pesquisa poderão ser divulgados sob a forma de publicações científicas em revistas ou congressos, porém, estão garantidos o sigilo e anonimato sobre sua identidade. O material coletado será guardado por 5 anos, sendo posteriormente, destruído. Estarei à disposição em qualquer momento da pesquisa para responder dúvidas sobre o estudo.

Esta pesquisa não prevê nenhum risco psicológico. Entretanto, caso algum participante demonstrar desconforto emocional durante a pesquisa, ele será atendido imediatamente pela própria pesquisadora, que é psicóloga atuante em psicologia clínica, com especialização em Terapia Cognitivo-Comportamental e com experiência no atendimento de adolescentes.

Caso concorde com a participação nesta pesquisa, preencha e assine o presente termo, elaborado em duas vias de igual teor, devendo, uma delas, ser devolvida a pesquisadora e a outra, ficar em seu poder, para consulta posterior caso necessário.

O projeto de pesquisa em questão foi analisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da PUC – Campinas. Endereço: Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, 1.516 – Bloco A02 – Térreo – Campus I - Parque Rural Fazenda Santa Cândida - CEP 13087-571 - Campinas – SP. Telefone: (19)33436777. E-mail: comitedeetica@puc-campinas.edu.br. Para quaisquer esclarecimentos quanto a avaliação de caráter ético do projeto, o horário de atendimento de segunda à sexta-feira, das 8h às 12h e das 13h às 17h.

Atenciosamente,

Annelise Klettenberg Porto

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC-Campinas

Telefone para contato: (17) 99654-4466

e-mail: annelise.kp@puccampinas.edu.br

Eu, _____ declaro
que após ter sido esclarecido sobre objetivos e procedimentos da pesquisa intitulada
“CONCEPÇÕES DE ADOLESCÊNCIA: UM ESTUDO SOBRE ADOLESCENTES DE
DIFERENTES TIPOS DE ESCOLAS” concordo em participar deste estudo.

_____, _____ de _____ de 20____.

Nome Legível

Assinatura

Apêndice D

Questionário de dados Sociodemográfico

Participante n°: _____ Data: _____

DADOS DO(A) RESPONSÁVEL	
Nome:	
Celular:	
E-mail:	
Idade:	Sexo: <input type="radio"/> Feminino <input type="radio"/> Masculino
Nacionalidade:	Naturalidade:
Profissão:	Trabalha atualmente: <input type="radio"/> sim <input type="radio"/> não
Estado Civil: <input type="radio"/> Solteiro(a) <input type="radio"/> Noivo(a) <input type="radio"/> Casado(a) <input type="radio"/> União estável <input type="radio"/> Viúvo(a)	Escolaridade: <input type="radio"/> Analfabeto <input type="radio"/> Educação infantil (pré-escola) <input type="radio"/> Ensino fundamental I (1° ao 5° ano) <input type="radio"/> Ensino fundamental II (6° ao 9° ano) <input type="radio"/> Ensino médio <input type="radio"/> Graduação incompleta <input type="radio"/> Graduação completa <input type="radio"/> Pós-graduação
Renda média familiar: <input type="radio"/> 0 a 3 salários-mínimos <input type="radio"/> 3 a 5 salários-mínimos <input type="radio"/> 5 a 10 salários-mínimos <input type="radio"/> Acima de 10 salários-mínimos	
DADOS DO(A) ADOLESCENTE	
Nome:	
Celular:	
E-mail:	
Sexo: <input type="radio"/> Feminino <input type="radio"/> Masculino	Idade:
Ano escolar: <input type="radio"/> 7° ano <input type="radio"/> 8° ano	Escola: <input type="radio"/> Pública <input type="radio"/> Particular <input type="radio"/> Particular - Bolsista
Nome da escola:	
Atividades extraclasse:	
Composição familiar (pai, mãe, irmãos):	
Mora com quem:	

Apêndice E

Entrevista Semiestruturada sobre Concepções de Adolescentes

- 1) O que é adolescência para você?
- 2) Você acha que aprendeu a ter essa visão sobre adolescência? Se sim, por onde você acha que aprendeu?
- 3) Você acredita que existem características padrão da adolescência? Se sim, quais?
- 4) Como você acredita que você será durante a sua adolescência?
- 5) Você acha que existem diferenças entre a adolescência de pessoas ricas e pessoas pobres?
- 6) Se sim, que diferenças você acredita que existem?
- 7) Para você, a adolescência é uma fase boa ou ruim? Por quê?

Apêndice F

Análise do Estudo Piloto

O estudo piloto foi realizado com o propósito de avaliar se o instrumento de Entrevista Semiestruturada sobre Concepções de Adolescentes estava adequado para atender aos objetivos da pesquisa. Analisou-se cada pergunta individualmente. A pergunta “O que é adolescência para você?” foi a mais difícil de alcançar respostas. Foi necessário reformulá-la para 3 dos 4 participantes, utilizando a pergunta da seguinte forma: “O que significa adolescência para você?”. Ainda assim, os participantes ficaram pensativos e responderam de forma generalizada, por exemplo desenvolvimento e puberdade, não atingindo o objetivo da pesquisa que tinha a intenção de entender a concepção da adolescência sob o olhar do próprio adolescente. Neste caso foi necessária a reformulação da pergunta para “o que você entende sobre a adolescência?”.

A pergunta “você acha que aprendeu a ter essa visão sobre adolescência? Se sim, por onde você acha que aprendeu?” teve o intuito de conhecer quais são as origens das concepções de adolescência dos adolescentes. As respostas demonstraram que os participantes compreenderam facilmente a pergunta e as respostas foram parecidas, indicando que os participantes aprenderam sobre a adolescência por meio de experiências de adolescentes mais velhos e por meio dos adultos responsáveis por eles, pais e mães, portanto, esta questão estava adequada aos objetivos da pesquisa.

A pergunta “você acredita que existem características padrão da adolescência? Se sim, quais?” estava relacionada ao objetivo geral da pesquisa. As respostas foram divididas, 2 participantes responderam que existem características padrão na adolescência, tais como puberdade e imaturidade. Os outros 2 participantes afirmaram que cada adolescente tem o seu

jeito de ser e que cada um é único, portanto, esta questão estava adequada aos objetivos da pesquisa.

A pergunta “como você acredita que você será durante a sua adolescência?” teve o intuito de entender a concepção da adolescência sob o olhar do próprio adolescente. A maioria dos participantes respondeu que acreditam que sua adolescência será boa e tranquila e um participante respondeu que terá uma adolescência complicada, pois informou já ter a característica de ser nervoso. As respostas demonstraram que os participantes compreenderam a pergunta e responderam de acordo com as características já existentes de cada um, portanto, esta questão estava adequada aos objetivos da pesquisa.

As perguntas “você acredita que existem diferenças entre a adolescência de pessoas ricas e pessoas pobres?” e “Se sim, que diferenças você acredita que existem?” tiveram o intuito de entender a concepção da adolescência sob o olhar de adolescentes de diferentes [tipos de escolas](#). A maioria dos participantes indicou que as diferenças entre adolescentes ricos e pobres são as oportunidades de estudo e trabalho e que os adolescentes ricos têm mais possibilidades. Um participante respondeu de forma generalizada, não indicando se ele acredita em tais diferenças. As respostas demonstraram compreensão da pergunta, portanto, esta questão estava adequada aos objetivos da pesquisa.

A última pergunta “Para você, a adolescência é uma fase boa ou ruim? Por quê?” teve o intuito de finalizar a entrevista com uma percepção generalizada do participante sobre a adolescência. Todos os participantes responderam que a adolescência tem características boas e ruins e deram exemplos como responsabilidade e aprendizado, portanto, esta pergunta estava adequada aos objetivos da pesquisa.

Por fim, foi questionado aos participantes se eles tinham alguma sugestão de perguntas que eles consideravam importantes para a pesquisa. Uma participante sugeriu a pergunta “como

fica a saúde mental de um adolescente?” e um participante sugeriu a pergunta “como os adolescentes tratam os pais?”. A primeira sugestão pôde ser adicionada a pesquisa, como uma análise adicional, por se tratar de uma pesquisa da área de psicologia do desenvolvimento. A segunda sugestão não se adequou aos objetivos da pesquisa.

Por meio do estudo piloto analisou-se que a maioria das perguntas está de acordo com os objetivos propostos para a pesquisa. A primeira pergunta estava adequada aos objetivos, porém percebeu-se uma dificuldade de compreensão dos participantes, sendo necessária uma reformulação para melhor entendimento dos participantes. Sendo assim, o instrumento Entrevista Semiestruturada sobre Concepções de Adolescentes estava adequado para atender os objetivos da pesquisa, após pequenas alterações em uma das questões para melhorar a compreensão dos participantes.

Anexos

Anexo A
Questionário de dados de nível socioeconômico
 (ABEP, 2019)

Instrução: Marque os itens que tem na sua casa para efeito de classificação econômica. Todos os itens de eletroeletrônicos devem estar funcionando, incluindo os que estão guardados.

Itens de conforto	Não possui	1	2	3	4+
Quantidade de automóveis de passeio exclusivamente para uso particular					
Quantidade de empregados mensalistas, considerando apenas os que trabalham pelo menos cinco dias por semana					
Quantidade de máquinas de lavar roupa, excluindo tanquinho					
Quantidade de banheiros					
DVD, incluindo qualquer dispositivo que leia DVD e desconsiderando DVD de automóvel					
Quantidade de geladeiras					
Quantidade de <i>freezers</i> independentes ou parte da geladeira duplex					
Quantidade de microcomputadores, considerando computadores de mesa, laptops, notebooks e netbooks e desconsiderando tablets, palms ou smartphones					
Quantidade de lavadora de louças					
Quantidade de fornos de micro-ondas					
Quantidade de motocicletas, desconsiderando as usadas exclusivamente para uso profissional					
Quantidade de máquinas secadoras de roupas, considerando lava e seca					

água utilizada neste domicílio é proveniente de?	
1	Rede geral de distribuição
2	Poço ou nascente
3	Outro meio

Considerando o trecho da rua do seu domicílio, você diria que a rua é:	
1	Asfaltada/Pavimentada
2	Terra/Cascalho

Anexo B**Questionário Aberto sobre Concepções de Adolescentes**

(Qu et al., 2016)

Instrução: Dentro de cada caixa você irá escrever uma característica (ou comportamento) que é típico da fase da adolescência. Cada caixa pode ter apenas uma característica.

Anexo C

Check List Consolidated Criteria For Reporting Qualitative Research (COREQ)

(Souza et al., 2021)

Critérios consolidados para relatar pesquisa qualitativa			
Nº do item	Tópico	Perguntas/Descrição do Guia	Respostas
Domínio 1: Equipe de pesquisa e reflexividade			
	Características pessoais		
1	Entrevistador/facilitador	Qual autor (autores) conduziu a entrevista ou o grupo focal?	A pesquisadora Annelise K.P. Página: 123
2	Credenciais	Quais eram as credenciais do pesquisador? Exemplo: PhD, médico.	Psicóloga, mestranda Páginas 17 e 123
3	Ocupação	Qual a ocupação desses autores na época do estudo?	Mestranda e psicóloga clínica Página 17
4	Gênero	O pesquisador era do sexo masculino ou feminino?	Feminino Página 17
5	Experiência e treinamento	Qual a experiência ou treinamento do pesquisador?	Psicóloga com experiência em atendimento clínico Página 17
	Relacionamento com os participantes		
6	Relacionamento estabelecido	Foi estabelecido um relacionamento antes do início do estudo?	Não Página 48
7	Conhecimento do participante sobre o entrevistador	O que os participantes sabiam sobre o pesquisador? Por exemplo: objetivos pessoais, razões para desenvolver a pesquisa.	Foi gravado um vídeo no qual a pesquisadora se apresentou e explicou o objetivo do estudo Página 49
8	Características do entrevistador	Quais características foram relatadas sobre o entrevistador/facilitador? Por exemplo, preconceitos, suposições, razões e interesses no tópico da pesquisa.	Nenhuma Página 49
Domínio 2: Conceito do estudo			
	Estrutura teórica		
9	Orientação metodológica e teoria	Qual orientação metodológica foi declarada para sustentar o	Análise de conteúdo e análise temática

		estudo? Por exemplo: teoria fundamentada, análise do discurso, etnografia, fenomenologia e análise de conteúdo.	Página 51
	Seleção de participantes		
10	Amostragem	Como os participantes foram selecionados? Por exemplo: conveniência, consecutiva, amostragem, bola de neve.	Conveniência por idade Página 42
11	Método de abordagem	Como os participantes foram abordados? Por exemplo: pessoalmente, por telefone, carta ou e-mail.	Via escola, por meio de contato telefônico, e-mail e whatsapp Página 48
12	Tamanho da amostra	Quantos participantes foram incluídos no estudo?	52 participantes Página 42
13	Não participação	Quantas pessoas se recusaram a participar ou desistiram? Por quais motivos?	23 participantes desistiram da etapa das entrevistas. Não responderam ao convite ou não atenderam as ligações. Página 45
	Cenário		
14	Cenário da coleta de dados	Onde os dados foram coletados? Por exemplo: na casa, na clínica, no local de trabalho.	Por meio de aplicativos remotos. <i>Google forms</i> e <i>google meet</i> . Página 48
15	Presença de não participantes	Havia mais alguém presente além dos participantes e pesquisadores?	Familiares Página 102
16	Descrição da amostra	Quais são as características importantes da amostra? Por exemplo: dados demográficos, data da coleta.	Dados sociodemográficos, critérios de avaliação de níveis sociais, questionário aberto, entrevista semiestruturada. Página 46
	Coleta de dados		
17	Guia da entrevista	Os autores forneceram perguntas, instruções, guias? Elas foram testadas por teste-piloto?	Sim. Página 46 e 50

18	Repetição de entrevistas	Foram realizadas entrevistas repetidas? Se sim, quantas?	Não. Página 50
19	Gravação audiovisual	A pesquisa usou gravação de áudio ou visual para coletar os dados?	Foi realizado a gravação em vídeo das entrevistas Página 48
20	Notas de campo	As notas de campo foram feitas durante e/ou após a entrevista ou o grupo focal?	As notas de campo foram realizadas durante a pesquisa, mas não durante as entrevistas Página 51
21	Duração	Qual a duração das entrevistas ou do grupo focal?	Em média 15 minutos Página 50
22	Saturação de dados	A saturação de dados foi discutida?	Sim Página 74
23	Devolução de transcrições	As transcrições foram devolvidas aos participantes para comentários e/ou correção?	Os participantes não tiveram interesse em comentar ou corrigir Página 50
Domínio 3: Análise e resultados			
	Análise de dados		
24	Número de codificadores de dados	Quantos foram os codificadores de dados?	Na análise de conteúdo foram 52 códigos. Na análise temática foram 36 códigos Página 54
25	Descrição da árvore de codificação	Os autores forneceram uma descrição da árvore de codificação?	Sim Página 64
26	Derivação de temas	Os temas foram identificados antecipadamente ou derivados dos dados?	Na análise de conteúdo foi codificado de acordo com a OPAS. Na análise temática foi derivado dos dados. Página 51
27	Software	Qual software, se aplicável, foi usado para gerenciar os dados?	Não usou software Página 51
28	Verificação do participante	Os participantes forneceram feedback sobre os resultados?	Não se aplicou a devolutiva ainda Página 51
	Relatório		
29	Citações apresentadas	As citações dos participantes foram apresentadas para ilustrar os temas/achados? Cada citação	Sim Página 66

		foi identificada? Por exemplo, pelo número do participante.	
30	Dados e resultados consistentes	Houve consistência entre os dados apresentados e os resultados?	Sim Página 74
31	Clareza dos principais temas	Os principais temas foram claramente apresentados nos resultados?	Sim Página 74
32	Clareza de temas secundários	Há descrição dos diversos casos ou discussão dos temas secundários?	Sim Página 74

Anexo D



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: CONCEPÇÕES DE ADOLESCÊNCIA: UM ESTUDO SOBRE ADOLESCENTES DE DIFERENTES NÍVEIS SOCIOECONÔMICOS.

Pesquisador: ANNELISE KLETTENBERG PORTO

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 45635521.2.0000.5481

Instituição Proponente: Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUC/ CAMPINAS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.701.090

Apresentação do Projeto:

O objetivo deste projeto de pesquisa é investigar as diferenças entre as concepções de adolescência de estudantes de níveis socioeconômicos alto e baixo. Para isso, será realizado um estudo qualitativo exploratório, no qual participarão 60 adolescentes, estudantes do Ensino Fundamental II. Os participantes serão divididos em dois grupos, 30 estudantes de escola pública de e 30 estudantes de escola particular, de uma cidade do interior do estado de São Paulo. Para a coleta de dados, será utilizado o Questionários de Dados Sociodemográficos, o Questionário Aberto sobre Concepções de Adolescentes e a Entrevista Semiestruturada sobre Concepções de Adolescentes. Os dados do Questionário Aberto serão analisados por meio de análise de conteúdo categorial e os da Entrevista Semiestruturada serão analisados por meio de análise temática. Espera-se que os resultados deste estudo ajudem a elucidar as diferenças entre as concepções de adolescência de adolescentes de nível socioeconômico alto e baixo, para que projetos futuros de intervenção possam ajudar a desmistificar os estereótipos e promover concepções positivas sobre a adolescência.

Objetivo da Pesquisa:

OBJETIVO GERAL: conhecer as diferenças entre as concepções de adolescência de adolescentes de níveis socioeconômicos alto e baixo.

Endereço: Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, 1516 ç Bloco A02 ç Térreo
Bairro: Parque Rural Fazenda Santa Cândida **CEP:** 13.087-571
UF: SP **Município:** CAMPINAS
Telefone: (19)3343-6777 **Fax:** (19)3343-6777 **E-mail:** comitedeetica@puo-campinas.edu.br



Continuação do Parecer: 4.701.090

OBJETIVOS ESPECÍFICOS: a) Entender a concepção da adolescência sob o olhar do próprio adolescente; b) Entender a concepção da adolescência sob o olhar de adolescentes de diferentes níveis socioeconômicos; c) Conhecer quais são as origens das concepções de adolescência dos adolescentes.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

RISCOS: O risco da pesquisa é considerado baixo, por não haver desconforto aparente para os participantes e nem para a pesquisadora. Entretanto, caso algum participante demonstrar desconforto emocional durante a pesquisa, ele será atendido imediatamente pela própria pesquisadora, que é psicóloga atuante em psicologia clínica, com especialização em Terapia Cognitivo-Comportamental e com experiência no atendimento de adolescentes (CRP 06/143248).

BENEFÍCIOS: Os adolescentes serão beneficiados, primeiramente, com uma escuta atenciosa sobre suas percepções da adolescência. Além disso, será oferecida, como benefício social para a instituição, a devolutiva dos resultados, a qual demonstrará interesse na desmistificação do senso comum e melhor qualidade de entendimento da adolescência. Cientificamente, os benefícios ocorrerão por meio de novos estudos com essa temática, sendo que no Brasil não existem pesquisas focadas para esse direcionamento.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de projeto de pesquisa claro, fundamentado, com objetivos bem delineados e procedimentos adequadamente descritos, permitindo sua avaliação, sem a necessidade de esclarecimentos adicionais. No que se refere ao escopo deste parecer, avalia-se que, do ponto de vista ético, o protocolo denota compromisso com o bem-estar e a segurança dos participantes da pesquisa. Quanto ao risco-benefício da pesquisa e sua relevância social, o benefício social e para os participantes está explicitado a contento, a abordagem dos riscos foi realizada de maneira adequada, com os necessários detalhamentos que devem existir em se tratando de questionário e entrevista semiestruturada aplicada a adolescentes.

Critérios de inclusão e exclusão de participantes igualmente discriminados com precisão.

Procedimentos aptos à efetivação da garantia do sigilo e confidencialidade, bem como explicações sobre a guarda e descarte do material colhido estão satisfatoriamente esclarecidos.

O cronograma de execução está explicitado, sem qualquer incoerência aparente.

Endereço: Rua Professor Doutor Eurycldes de Jesus Zerbini, 1516 - Bloco A02 - Térreo
Bairro: Parque Rural Fazenda Santa Cândida **CEP:** 13.087-571
UF: SP **Município:** CAMPINAS
Telefone: (19)3343-6777 **Fax:** (19)3343-6777 **E-mail:** comtedeetica@puo-campinas.edu.br



Continuação do Parecer: 4.701.090

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O TCLE e o TALE, após resposta às pendências enunciadas pelo CEP, passaram a contemplar as exigências constantes do art. 17 da Resolução-CNS nº 510/2016, em sua integralidade.

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Pela aprovação.

Considerações Finais a critério do CEP:

Dessa forma, e considerando a Resolução CNS nº. 466/12, Resolução CNS nº 510/16, Norma Operacional 001/13 e outras Resoluções vigentes, e, ainda que a documentação apresentada atende ao solicitado, emitiu-se o parecer para o presente projeto: Aprovado. Conforme a Resolução CNS nº. 466/12, Resolução CNS nº 510/16, Norma Operacional 001/13 e outras Resoluções vigentes, é atribuição do CEP "acompanhar o desenvolvimento dos projetos, por meio de relatórios semestrais dos pesquisadores e de outras estratégias de monitoramento, de acordo com o risco inerente à pesquisa". Por isso o/a pesquisador/a responsável deverá encaminhar para o CEP PUC-Campinas os Relatórios Parciais a cada seis meses e o Relatório Final de seu projeto, até 30 dias após o seu término.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1707591.pdf	04/05/2021 16:13:08		Aceito
Outros	Entrevista_Semiestruturada_sobre_Concepcoes_de_Adolescentes.pdf	04/05/2021 16:11:34	ANNELISE KLETTENBERG PORTO	Aceito
Outros	Carta_Resposta_Parecer_CEP.pdf	04/05/2021 16:10:43	ANNELISE KLETTENBERG PORTO	Aceito
Parecer Anterior	Parecer_Plataforma_Brasil_pendencias.pdf	04/05/2021 16:09:55	ANNELISE KLETTENBERG PORTO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_pesquisa.pdf	04/05/2021 16:09:31	ANNELISE KLETTENBERG PORTO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento /	TERMO_DE_ASSENTIMENTO_LIVRE_ESCLARECIDO.pdf	04/05/2021 16:08:51	ANNELISE KLETTENBERG	Aceito

Endereço: Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, 1516 - Bloco A02 - Térreo
Bairro: Parque Rural Fazenda Santa Cândida CEP: 13.087-571
UF: SP **Município:** CAMPINAS
Telefone: (19)3343-6777 **Fax:** (19)3343-6777 **E-mail:** comitedeetica@puo-campinas.edu.br



Continuação do Parecer: 4.701.090

Justificativa de Ausência	TERMO_DE_ASSENTIMENTO_LIVRE_ESCLARECIDO.pdf	04/05/2021 16:08:51	PORTO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_DE_CONSENTIMENTO_LIVRE_ESCLARECIDO.pdf	04/05/2021 16:07:27	ANNELISE KLETTENBERG PORTO	Aceito
Outros	carta_Prospeq.pdf	30/03/2021 11:35:44	ANNELISE KLETTENBERG PORTO	Aceito
Outros	COREQ.pdf	30/03/2021 11:35:02	ANNELISE KLETTENBERG PORTO	Aceito
Outros	Questionario_Aberto_sobre_Concepcoes_de_Adolescentes.pdf	30/03/2021 11:33:57	ANNELISE KLETTENBERG PORTO	Aceito
Outros	Questionario_de_dados_de_nivel_socio_economico.pdf	30/03/2021 11:33:30	ANNELISE KLETTENBERG PORTO	Aceito
Outros	Questionario_de_dados_Sociodemografico.pdf	30/03/2021 11:33:09	ANNELISE KLETTENBERG PORTO	Aceito
Outros	TCUD.pdf	30/03/2021 11:32:48	ANNELISE KLETTENBERG PORTO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Carta_autorizacao_EM_darcyribeiro.pdf	30/03/2021 11:32:00	ANNELISE KLETTENBERG PORTO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Carta_autorizacao_colegio_batista.pdf	30/03/2021 11:31:42	ANNELISE KLETTENBERG PORTO	Aceito
Orçamento	Declaracao_Custos.pdf	30/03/2021 11:30:10	ANNELISE KLETTENBERG PORTO	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	declaracao_infraestrutura.pdf	30/03/2021 11:29:42	ANNELISE KLETTENBERG PORTO	Aceito
Cronograma	cronograma_projeto.pdf	30/03/2021 11:29:24	ANNELISE KLETTENBERG PORTO	Aceito
Folha de Rosto	folha_rosto_assinada.pdf	30/03/2021 11:28:34	ANNELISE KLETTENBERG PORTO	Aceito

Situação do Parecer:

Endereço: Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, 1516 ç Bloco A02 ç Térreo
 Bairro: Parque Rural Fazenda Santa Cândida CEP: 13.087-571
 UF: SP Município: CAMPINAS
 Telefone: (19)3343-6777 Fax: (19)3343-6777 E-mail: comitedeetica@puo-campinas.edu.br



Continuação do Parecer: 4.701.090

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CAMPINAS, 10 de Maio de 2021

Assinado por:
Mário Edvin GreTERS
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, 1516 ç Bloco A02 ç Térreo
Bairro: Parque Rural Fazenda Santa Cândida **CEP:** 13.087-571
UF: SP **Município:** CAMPINAS
Telefone: (19)3343-6777 **Fax:** (19)3343-6777 **E-mail:** comitedeetica@puo-campinas.edu.br